

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
Ana Paula da Silva Nascimento

Movimento Hip Hop em Juiz de Fora:
Raps que comunicam educação

Juiz de Fora
Julho de 2010

Ana Paula da Silva Nascimento

Movimento Hip Hop em Juiz de Fora:
Raps que comunicam educação

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof. Dra. Cláudia Regina Lahni

Juiz de Fora
Julho de 2010

Ana Paula da Silva Nascimento

Movimento Hip Hop em Juiz de Fora:
Raps que comunicam educação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof. Dra. Cláudia Regina Lahni

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
em 13/07/2010 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dra. Cláudia Regina Lahni (UFJF) – Orientadora

Prof. Dra. Christina Ferraz Musse (UFJF) – Convidada

Prof. Ms. Luciene Tófoli (UFJF) – Convidada

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora
Julho de 2010

Este trabalho é dedicado a todos os grupos de Hip Hop que educam e transformam o contexto de muitos jovens.

AGRADECIMENTOS

Eu louvo a Deus pelo seu amor incondicional e pela dádiva de ter me concedido ótimos pais que sempre me abençoaram e me deram a educação que não se aprende em nenhuma escola ou faculdade. Eles me ensinaram a sabedoria de vida, valores como o caráter, o amor, a humildade, a lealdade e o respeito ao próximo.

E uma das inumeráveis bênçãos de Deus foi a aprovação no vestibular para Comunicação Social. Um sonho distante que Ele tornou possível. Mas logo após o vestibular, outro obstáculo se colocava à frente: cursar e concluir o curso. Muitas dificuldades, angústias, desânimo, porém com os cuidados e a ajuda de Deus aprendi a perseverar, a confiar em Sua força e ter coragem para continuar.

A palavra de Mateus 6 versículo 33 se cumpriu em minha vida. Quando priorizava o reino e a justiça de Deus, todas as demais coisas eram acrescentadas no meu dia-a-dia. As provas, trabalhos e compromissos sempre foram concluídos da melhor maneira.

Obrigada Deus pelo auxílio, pela força, pelo amparo, pela instrução, pela sabedoria nestes quatro anos de crescimento espiritual, emocional e intelectual.

Agradeço a minha mãe pelas constantes orações, pelo amor, pelo carinho, pelos cuidados, pela preocupação e compaixão nos momentos difíceis. Ao meu pai pelas boas conversas, brincadeiras, sorrisos e gargalhadas que amenizavam o nervosismo do dia-a-dia e também pelo amor, compreensão e provisão nestes anos.

Gostaria de agradecer também ao meu irmão que sempre me apoiou e acreditou em minha capacidade. Pelo seu amor, provisão e momentos de lazer que renovaram minhas forças para continuar a percorrer meu caminho.

Agradeço também ao meu namorado Ricardo, meu “Gatinhu”, pela compreensão quando faltava tempo para estar ao seu lado, pelas palavras de ânimo, pela paciência nos momentos de crise e desabafo, pelo carinho indescritível e pela simples e maravilhosa companhia que me fez esquecer as preocupações e me encheu de alegria.

Aos professores compromissados, desde o pré-primário ao ensino médio, que me educaram e incentivaram no caminho do estudo e do conhecimento.

Agradeço à professora Cláudia Regina Lahni que me apresentou a disciplina Comunicação Comunitária como um meio alternativo de ver e fazer Comunicação, uma forma de transformação, contestação da sociedade, de visualizar o curso além de uma mera opção de emprego, mas um meio de fazer a diferença independente de onde estivermos inseridos e inseridas. Além de orientadora, Cláudia se tornou amiga. Obrigada professora pela paciência,

compreensão e conselhos esclarecedores diante dos meus desabafos.

Louvo a Deus pelas orações da minha família, por aqueles que sempre desejaram meu sucesso, me apoiaram, acolheram e entenderam minha ausência quando eu me dedicava à Faculdade.

Obrigada aos meus amigos e amigas pelas orações, palavras de consolo e força. Aos amigos e amigas da Faculdade que tornaram os dias mais doces e leves com sorrisos e atitudes de sinceridade. E também aos irmãos e irmãs da Igreja Metodista em Benfica que oraram e participaram da minha trajetória de lutas e conquistas.

Não posso deixar de agradecer ao Ministério Galera de Cristo e ao Grupo Harmadilha do Guetto que me ensinaram através de suas letras e atitudes e tornaram possível este trabalho.

E o mais importante que fica desta caminhada são os relacionamentos. Todas as pessoas que Deus colocou em meu caminho com as quais aprendi e deram sentido aos meus dias. Conforme aprendi com Rick Warren em seu livro “Uma vida com propósitos”. O autor diz ter estado com muitas pessoas no leito de morte e jamais ouviu nenhuma dizer: ‘Tragam os meus diplomas! Eu quero olhar para eles mais uma vez. Mostre-me os meus títulos, minhas medalhas’. Quando a vida está no fim, as pessoas não se cercam de objetos, elas querem em torno de si pessoas que amam e com as quais mantêm relacionamentos. Ele afirma que em nossos momentos finais, todos percebemos que são os relacionamentos que constituem a vida. Para ele, ser sábio é aprender essa verdade o mais rapidamente possível. E ele nos alerta a não esperar estar em um leito de morte para compreender que nada é mais importante.

E esta é a arte da Comunicação, estabelecer relacionamentos.

Muito obrigada Senhor, meu amigo fiel, que me ajudou a vencer mais uma etapa e muito obrigada a todas estas pessoas que me fizeram crescer.

Ancestrais sangraram em território branco, açoites, correntes, troncos, quem nós somos?
De onde viemos? Para onde vamos? Seus gemidos não nos comove, pare de chorar vê se se
move, o sonho de liberdade não se perdeu, muito sangue negro escorreu e fez germinar a
semente da esperança, eu carrego viva em mim a mudança.

Já não tenho sede de vingança, mas ela virá, pois Deus vingará, eu sou a continuidade do
antigo escravo, porém graças aos rebeldes meus pulsos não estão algemados, pela honra dos
ancestrais é que eu guerreio, sou o orgulho do gueto, sou o contemporâneo homem preto, com
os mesmos defeitos, porém com mais virtudes, sou a águia que alcança grandes altitudes, vejo
de cima todos os meus inimigos lá em baixo, largos, sujos,
morrerão pelo meu sucesso, não pelo meu fracasso.
Sei que ameaço, pois represento igualdade com a minha mente ou com o meu braço, dignifico
o trabalho, cuspo para o ócio, não se deixe prejudicar, cuide dos seus negócios, queime seu
velho livro de história, pois ele mente, homem negro, você tem glória?

Honra ou vergonha? Honra! Você tem honra ou vergonha? Honra, honra!

Eu me envergonho do negro que trafica droga em porta de escola, repudio a ação do homem
forte que pede esmola, vergonha é ver seu semelhante se humilhar por grana,
como um macaco faz em troca de banana.
Mais triste é pra mama África, ver seus filhos desamparados a se degradar, atirando uns nos
outros, por compra de venda de entorpecentes, olho por olho, dente por dente, mesmo que
morra os inocentes e assim vira notícia a nossa gente, somos presos sem correntes,
demarcamos territórios, reduzimos contingentes,
belo exemplo pra quem vai chegar, herança maldita que tivemos que herdar.
Deputados, senadores, juízes sem caráter, desgraça aos filhos de uma nação, corrupção clara,
venderam suas almas em troca de mansões caras, descerão a mansão dos mortos,
eu me envergonho desses porcos.

Honra ou vergonha? Vergonha! Você tem honra ou vergonha? Vergonha, vergonha!

Tanta coisa pra se envergonhar, pouca pra se orgulhar.
Mudar depende de quem me escutar, pra vencer tem que lutar,
torne sua vida vigorosa, não é querer muito menção honrosa.
Não se torne descartável, faça seu nome honorável, brasileiros, negros, imigrantes,
nordestinos, denominados latinos, se orgulham do bem que nos fizemos, de tudo que
construímos, tenho a honra de estar onde estou, assim como eu será que você já se perguntou,
se envergonhou ou se honrou, o combate é duro, mas vamos vencer.
Me diz no refrão agora o que pensa de você:

Honra ou vergonha? Honra! Você tem honra ou vergonha? Honra, honra!

(Honra – Pregador Luo)

RESUMO

O Movimento Hip Hop parece ter se tornado um instrumento de mudança da realidade de muitos jovens pobres e negros da periferia, uma alternativa, um meio para obter informações e formar cidadãos que contestem por melhores condições de vida. O objetivo deste trabalho é verificar se as canções – os raps – que compõem a Cultura Hip Hop comunicam para a cidadania e informam através de suas letras, ampliando a reflexão e impulsionando os jovens a reivindicar seus direitos na sociedade. Pretende-se verificar também se estas canções são meios de comunicação comunitária, alternativa e popular. Para isso, é feita uma revisão bibliográfica, uma análise histórica do surgimento do Hip Hop nos Estados Unidos, sua chegada ao Brasil e em Juiz de Fora. Utiliza-se entrevistas com dois grupos escolhidos para a análise: o Grupo Harmadilha do Guetto e o Ministério Galera de Cristo. O estudo confirma que os raps são meios de comunicação para a cidadania, para a educação promovendo o desenvolvimento e a transformação do cotidiano de adolescentes e jovens.

Palavras-chave: Comunicação para a cidadania. Hip Hop. Juventude.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA	13
2.1 COMUNICAÇÃO POPULAR, ALTERNATIVA E COMUNITÁRIA	15
2.2 IDENTIDADE, MÍDIA, NEGRITUDE E JOVENS POBRES	23
3 HIP HOP, VOZ DA PERIFERIA	30
3.1 RAÍZES	30
3.2 HIP HOP NO BRASIL	33
3.3 HIP HOP EM JUIZ DE FORA	38
4 RAPS QUE COMUNICAM EDUCAÇÃO	50
4.1 MINISTÉRIO GALERA DE CRISTO	52
4.1.1 Histórico e atuação do grupo	53
4.1.2 Análise de Raps	60
4.2 HARMADILHA DO GUETTO	75
4.2.1 Histórico e atuação do grupo	75
4.2.2 Análise de Raps	80
5 CONCLUSÃO	95
6 REFERÊNCIAS	98

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar canções de grupos de rap de Juiz de Fora procurando verificar se as mesmas constituem veículos de comunicação comunitária, alternativa e popular.

Além disso, procuramos descrever um pouco da história e atuação do Movimento Hip Hop em Juiz de Fora, evidenciando as manifestações artísticas da periferia, fugindo à estética, aos produtos culturais estabelecidos pela sociedade e reforçados pela grande mídia.

Entende-se que o Hip Hop tem grande importância no cotidiano dos jovens das classes populares e, principalmente, entre os negros. Pretendemos demonstrar que os raps que compõem este movimento parecem assumir a função de educar pelo conteúdo que, geralmente, trazem a história de discriminação e luta por direitos dos negros, reivindicação por justiça social, crítica à mídia, potencializando a reflexão do jovem.

Os jovens procuram ter voz através das músicas, das manifestações artísticas e culturais em resposta à visibilidade negativa ou invisibilidade proporcionada pela mídia massiva que, muitas vezes, representa as classes populares de maneira distorcida associando os jovens negros de periferia aos crimes, à violência, sendo representados comumente em programas e páginas policiais. Diante disso, eles realizam sua própria comunicação.

Temos como hipótese que os raps dos grupos de Hip Hop comunicam educação informal e educação para a cidadania em suas letras. Desta forma, a juventude da periferia é informada sobre as temáticas históricas, o contexto político do país, a discriminação, as personalidades mundiais que lutaram pelos direitos humanos e sobre as mazelas sociais. Os jovens, portanto, parecem ver seu retrato através das canções, reconhecerem sua realidade, mudarem suas ações e procurarem transformar o contexto das comunidades.

O método escolhido é a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo, apoiadas

por entrevistas. Buscamos traçar o perfil do Movimento Hip Hop em Juiz de Fora, descrever a atuação de dois grupos de rap da cidade e, em seguida, analisar suas canções. Além disso, iremos mostrar como se dá a produção das letras, em que os autores se baseiam para compor os raps e verificar se retratam as situações do cotidiano, contribuindo para a consciência e educação dos jovens.

Na tentativa de comprovar a hipótese apresentada, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa conforme o aporte teórico de Cicilia Peruzzo.

Uma vez que os raps, muitas vezes, não são tocados nas rádios comerciais pelo teor de contestação que os compõem, as rádios comunitárias são alternativas para estas manifestações populares, constituindo-se meios de exercício da cidadania. Em especial destaca-se a Rádio Mega FM que foi seio dos grupos de rap de Juiz de Fora conforme referencial fornecido por Cláudia Regina Lahni.

Também, abordaremos os conceitos de comunidade e vivências comunitárias discutidas por Raquel Paiva, a utilização da palavra como nova perspectiva e visão da realidade trazida por Massimo de Felice, já que o objeto de estudo traz a expressão verbal dos movimentos sociais.

Visto que o Hip Hop caracteriza-se por um ativismo dos jovens negros, trataremos das questões raciais, da identidade negra entre estes grupos, das dificuldades existentes pela desigualdade sócio-racial discutidos por Liv Sovik, Marcelo Paixão e Ângela Prysthon.

Uma vez que os raps apresentam várias temáticas que constituem a identidade dos jovens em questão, buscaremos as discussões de Stuart Hall sobre as identidades híbridas da pós-modernidade.

Pretende-se refletir sobre o contexto de exclusão em que vivem os jovens pobres, negros e de periferia. A falta de oportunidade de inserir-se na vida social, o contexto de

violência em que vivem, a identificação nos meios massivos que se dá de maneira deturpada, já que são tachados como agentes da violência e associados à miséria econômica e social, de acordo com conceitos apresentados por Maria Aparecida Cassab.

Em seguida resgatamos a história do Movimento Hip Hop originado nos Estados Unidos na década de 1960 tendo nascido no seio da luta contra a segregação racial e garantia dos direitos civis. Relatamos como ocorreu sua entrada no Brasil na década de 1980. Apresentamos os diversos grupos existentes em Juiz de Fora, suas características e um pouco da história do movimento na cidade.

Na sequência, enfocamos os grupos Ministério Galera de Cristo, do Bairro Santa Efigênia, e Harmadilha do Guetto, do Bairro Santa Cândida, apresentando seus históricos, atuações, apresentações e participações no contexto da cidade de Juiz de Fora e região.

Para entender a origem do Harmadilha do Getto utilizamos a pesquisa realizada por Cláudia Regina Lahni sobre a Rádio Mega FM. E para o Ministério Galera de Cristo, a pesquisa de Tâmara Lis Reis Umbelino que descreve a formação deste grupo ligado a aspectos religiosos.

Por fim, analisamos três letras de cada grupo na tentativa de verificar seu conteúdo de protesto, seu caráter educador, demonstrar a riqueza cultural e intelectual presente na periferia, contrariando o pensamento disseminado pela sociedade de que os jovens das classes populares não possuem capacidade de reflexão.

Esperamos que esta análise contribua para a reflexão do leitor sobre o Movimento Hip Hop, o conhecimento acumulado sobre a comunicação que não acontece somente nos veículos tradicionais, mas também através dos cantores de rap. De igual forma, para que estas manifestações sejam notadas pela sociedade e tornem-se objeto de estudo e discussões, sobretudo, no meio científico.

Durante séculos satã vem jogando os homens uns contra os outros, através de guerras estúpidas. E o pior de tudo isso é que os seres humanos absorveram o gosto pelo sangue. Alguns acreditaram na mentira da supremacia. São esses que assolam seus próprios irmãos com seus atos terroristas e suas almas vazias. Forjemos então a elaboração da arquitetura da revolução. Levanta o punho pra cima, Deus salve o povo da raça latina

O que nós somos? Latino-americanos
La la la la la onda, latinos
De Souza, L – u – o

Eu tenho sangue quente correndo dentro das minhas veias
vermelho e forte como a brasa do centro das fogueiras
Louvado seja Deus pelas terras brasileiras, sinta o calor dos meus versos
Deixe os sentimentos serem expressos
Que os corações nessa hora sejam abertos independente da melanina
Reforce sua auto-estima está reunida aqui la família latina
Sempre por cima e triunfante, somos a onda gigante que se espalha pelo globo
E não há quem tire a glória que Deus deu ao nosso povo

Perante o Criador não existem diferenças entre os povos
Porém entre os povos existem gananciosos que forjaram uma lorota
Que surgiu na Europa, oh, mentira asquerosa
que contam os petulantes, se acham evoluídos, mas são repugnantes
Eu * cuspo nos racistas, nos seus aliados ou simpatizantes
Com seu glamour, seus ternos, são vocês a lenha que alimenta aceso o fogo do inferno
Forjaram seus reinados ridículos à custa da escravidão de povos pacíficos
Trouxeram não somente desolação e morte
Podemos sobreviver sem nada que vem dos Estados Unidos da América do Norte
Não há embargo tão amargo quanto o gosto da derrota
Levante a cabeça pois pra mim você importa
Não deixe sua honra ser tirada nem sua fé ser morta
Seu lugar no pódio é o primeiro, lute, acredite, seja você mais um soldado do Apocalipse
Pois é tão bom quanto qualquer outro, beije sua medalha pois ela é de ouro, crioulo

Por você Jesus nasceu, por você morreu, por você sangrou
Para mostrar pro ser humano de onde viemos, para onde vamos
Para curar doentes, fazer lúcidos os insanos
Para mostrar quem nós somos, foi para isso que escorreu sobre o madeiro
O sangue quente e precioso do maior de todos os guerreiros
Pra que todos fôssemos tratados como primeiro filho, ou herdeiro, ou primogênito
Você é merecedor de conforto e amor idêntico ao cidadão da América do Norte
Foi pela sua paz que Cristo enfrentou a morte
Tem uns baratos que temos que começar a perceber, por isso te dou um toque
Somos tão ricos quanto qualquer burguês nobre, porém não somos esnobes
O primeiro mundo não existe é uma farsa, prevaleça nossa raça, não somos caça,
não tememos ameaça, sofremos até desgraça, confiança atrás da traça
Se chora na hora errada, grita em massa, e agora pois somos a massa
Levanta teu punho pra cima, Deus, salve a raça latina

(La Onda – Pregador Luo)

2 COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA

Maria de Lurdes Manzini Covre (1991) traz uma clara definição de cidadania que começa pelo significado de ser cidadão, “ter direitos e deveres”. Segundo a autora, a proposta mais funda de cidadania está descrita na Carta de Direitos da Organização das Nações Unidas (ONU), de 1948, que tem suas primeiras matrizes marcantes nas cartas de Direito dos Estados Unidos (1776) e da Revolução Francesa (1798):

todos os homens¹ são iguais, ainda que perante a lei, sem discriminação de raça, credo ou cor. E ainda: a todos cabem o domínio sobre o seu corpo e sua vida, o acesso a um salário condizente para promover a própria vida, o direito à educação, à saúde, à habitação, ao lazer. E mais: é direito de todos poder expressar-se livremente, militar em partidos políticos e sindicatos, fomentar movimentos sociais, lutar por seus valores. (COVRE, 1991, p. 9)

Além disso há os deveres que o cidadão deve ter:

ser o próprio fomentador da existência dos direitos a todos, ter responsabilidade em conjunto pela coletividade, cumprir as normas e propostas elaboradas e decididas coletivamente, fazer parte do governo, direta ou indiretamente, ao votar, ao pressionar através dos movimentos sociais, ao participar de assembleias – no bairro, sindicato, partido ou escola. E mais: pressionar os governos municipal, estadual, federal e mundial. (COVRE, 1991, p. 9)

Para Covre (1991, p. 10-11), a cidadania se concretiza se houver prática da reivindicação, maneiras de fazer valer os direitos do cidadão, constituindo-se uma estratégia para a construção de uma sociedade melhor. “Mas o primeiro pressuposto dessa prática é que esteja assegurado o direito de reivindicar os direitos, e que o conhecimento deste se estenda cada vez mais a toda população”. Ela continua dizendo que os cidadãos devem ser sujeitos daquilo que pretendem modificar, ao invés de serem meros receptores, contribuir para soluções alcançadas coletivamente.

A cidadania tem se construído através da história e trata-se do direito político do cidadão de votar e ser votado e se estende a outros aspectos da vida como o acesso à saúde, à

¹ Citação literal. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, um dos documentos básicos das Nações Unidas, assegura a igualdade de direitos dos homens e das mulheres. (http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm e http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php)

educação, à previdência, à cultura, à comunicação, entre outros. (SOARES, 2008, p. 2)

Alexandre Barbalho (2005) salienta que o campo da comunicação passou a mediar todos os espaços sociais. Ele usa o termo “Idade Mídia” referindo-se à época em que vivemos na qual a comunicação deixa de ser mero instrumento da política para impor sua gramática própria com a qual os políticos precisam negociar. Como a mídia possui o poder de dar voz, é essencial ocupá-la para a luta das minorias.

Portanto, a cidadania, para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria. (...) Afinal, não seria o monopólio midiático o latifúndio contra o qual os “sem-voz” deveriam lutar? (BARBALHO 2005, p. 34-38)

O acesso à informação e à comunicação comunitária é direito de cidadania, conforme Peruzzo (2005, p.2), não apenas como receptor, mas emissor e difusor das mensagens, na participação ativa, organizando movimentos sociais e os canais para se comunicar (2006, p. 10).

No processo de conquista dos direitos da cidadania foi-se descobrindo a necessidade de apropriação das técnicas de produção jornalística e de tecnologias pelos segmentos excluídos da população. Desta maneira é possível entrar na dinâmica da organização e mobilização social com o objetivo de se construir uma sociedade mais justa a partir da participação do cidadão e de suas organizações comunitárias como novas fontes de informação (PERUZZO, 2005, p.2).

A autora reflete que as experiências de comunicação precisam contribuir para a melhoria das condições de vida, reduzindo a pobreza, a discriminação, a violência, etc., através de ações concretas aliadas a programas mais amplos, já que a comunicação não faz nada sozinha. Peruzzo (2008, p. 5) utiliza a expressão “Comunicação para Desenvolvimento” que é baseada em dinâmicas voltadas à mudança social, contribuindo, assim, para a ampliação da cidadania.

2.1 COMUNICAÇÃO POPULAR, ALTERNATIVA E COMUNITÁRIA

Neste item procuramos trabalhar os conceitos de Comunicação Comunitária, Alternativa e Popular e demonstrar como os mesmos se entrecruzam visto a proximidade das características que os definem. E também tratar da constituição da imprensa alternativa que culminou na comunicação alternativa contemporânea.

Raquel Paiva (1998, p. 20) aponta em seu livro “O espírito comum” que “a proposta comunitária surge como nova possibilidade de sociabilização, com o propósito de fazer frente ao modelo econômico em que o número de excluídos parece cada vez mais ampliado” e acrescenta que a comunicação comunitária seria uma revisão da comunicação vigente transformando-se numa força que comunitariza a informação.

A comunicação comunitária reforça-se como resposta à globalização que permitiu o encurtamento dos espaços, ampliou os contatos, a hibridização das culturas, sobretudo, pelo desenvolvimento dos meios de comunicação.

A globalização, por seu lado, consolida essa tendência de ‘fazer império’, não mais pela conquista com armas e exércitos, mas com dispositivos ordenadores da lógica do mercado e do capital, a exemplo dos *mass media*. (PAIVA, 1998, p. 24)

A autora assinala que os processos de globalização e localização são indissociáveis já que no contexto de mundialização surge a necessidade de resgatar os vínculos locais, a vivência comunitária, o sentimento de pertencimento que é anulado com o sentido universalista.

Mas apesar da estrutura comunitária e o processo de globalização serem ordens sociais opostas, ao mesmo tempo, se atraem porque os grupos, movimentos sociais vivem no contexto do imperialismo cultural, econômico de apropriação de costumes de outros países, e, em meio a esta estrutura vigente, resistem à anulação propiciada por estes mecanismos citados nas relações estabelecidas nas comunidades, como uma maneira de se reconhecerem e não

serem pulverizados. (PAIVA, 1998, p. 23-24). Os grupos e movimentos sociais são, portanto, contra-hegemônicos.

Neste contexto das relações sociais, esta nova ordem altera a concepção de bens e riqueza “que deixam de ser representados pelo acúmulo de propriedades, para cada vez mais consolidarem-se pelo acesso à educação e informação”, uma vez que a circularidade e transnacionalidade operam como padrões de comportamento, conforme reflexão de Raquel Paiva (1998, p. 35-36).

Paiva (1998, p. 49-56) discute a produção dos estilos de vida provocada pelos meios massivos que, através do marketing, não apenas apresenta o produto ou o “coloca à venda”, mas padroniza os gostos e estende a influência. Os veículos massivos opera a histeria midiática, do falatório, ou seja, que não permite interferências dos sujeitos. Em contrapartida, as mensagens dos veículos de comunicação comunitária exercem influência direta sobre as pessoas, já que abordam temas específicos da comunidade e se articulam discussões.

Na comunicação comunitária há a presença do aspecto reivindicatório, grupos que se constituem nas questões do interesse comum, como nas comunidades de bairro, conforme ressalta Raquel Paiva (1998, p. 58): “Os indivíduos agrupados por interesses comuns podem retomar como cidadãos a possibilidade que lhes foi negada, de interferir nas decisões do poder público”. A autora continua assinalando o importante papel da comunicação comunitária na conscientização da realidade dos grupos que não são representados na mídia comercial que trata os assuntos de maneira genérica, já que são globalizantes e universalistas. No âmbito local e regional ocorre a originalidade, a relação de pertencimento, o poder reivindicatório objetivando a melhoria das condições de vida.

Um fator crucial para o estabelecimento das relações apresentadas acima é a linguagem que expressa o afeto, os costumes, a fé comum, conforme constata a autora em questão (PAIVA, 1998, p. 72). Na mesma linha, Massimo Di Felice (2004) estuda o papel da

comunicação no Movimento Zapatista do México. Ele o caracteriza como essencialmente comunicativo e afirma que uma de suas principais armas é a “contaminação” em que a expressão mais eficaz é a palavra.

Diferenciando-se dos tradicionais focos guerrilheiros, ao invés de tiros com armas de fogo, este novo movimento começou a disparar ‘palavras eletrônicas andantes’, isto é, comunicados, cartas e contos endereçados à imprensa e à comunidade civil nacional e internacional e a qualquer pessoa coligada à internet.

Decorridos quatro anos desta forma de atuação, é possível afirmar que tal prática provocou muito mais perdas e derrotas ao governo mexicano, do que qualquer tipo de ataque ou de insurreição tradicionais. (DI FELICE, 2004, p. 298)

No capítulo 4 do livro “O Espírito comum”, Raquel Paiva (1998) afirma que “a língua é um conjunto sógnico que os sujeitos duma localidade dispõem a partilhar, como forma básica de repartir suas experiências e suas produções” reforçando sua importância no estabelecimento dos movimentos sociais. Para ela:

A linguagem constituiria um elo espiritual, por meio do qual os indivíduos se acham em condições de expressar seus pensamentos, repassar fundamentos, vivificar as normas, enfim, eternizar o grupo. Mas a linguagem é também o elo concreto, na medida em que graças a ela se consegue definir um grupo, uma comunidade, um território. (PAIVA, 1998, p. 98)

Para refletir sobre os termos comunicação comunitária, alternativa e popular vamos nos apoiar, agora, na reflexão de Cicilia Maria Krohling Peruzzo que fez um intenso estudo sobre estes conceitos. É possível perceber que estas definições não são rígidas e possuem linhas tênues que podem perpassar os segmentos estudados.

Peruzzo separa a comunicação popular e alternativa da comunicação comunitária.

Para ela, a comunicação popular e alternativa se caracteriza como:

expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa. (PERUZZO, 2006, p. 4)

Além disso, a autora ressalta a pressão social que possibilitaria a democratização dos meios de comunicação. E um dos exemplos que cita é o das rádios

comunitárias que em sua maioria operam sem autorização, devido aos entraves políticos. As rádios são instrumentos para a expressão das lutas populares citadas por Peruzzo (2006, p. 4-5). Ela ainda destaca que é necessário reconhecer a sabedoria popular e o conhecimento acumulados.

Peruzzo (2006, p. 6) segue avaliando as diversas experiências comunicacionais que surgiram nos últimos anos. Ela faz a distinção do tipo popular tradicional, mais conhecida por comunitárias, baseando-se em cunho coletivo, e aquelas realizadas por associações, grupos e por autônomos. Os exemplos que a autora usa seriam os projetos que se apropriam dos meios comunitários e alternativos como os jornais, rádios, canais comunitários para o desenvolvimento social. Geralmente assumidos por adolescentes e jovens a comunicação contribui para a auto-estima e cidadania nas áreas carentes de infra-estrutura.

Outro aspecto ressaltado por Peruzzo (2006, p. 6) é que o caráter mais combativo das comunicações populares foi abrindo espaço para a incorporação do lúdico, da cultura e do divertimento e para as negociações sem, contudo, deixar o aspecto de contestação.

Para a pesquisadora a diferença está mais nas formas de comunicação feitas pelos meios de massa para o “povo” e aquelas protagonizadas pelo mesmo, e assim a comunicação popular comunitária seria esta feita pelas organizações e movimentos populares. Ela completa dizendo que:

a comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania. (PERUZZO, 2006, p. 9)

Os meios de comunicação comunitária podem contribuir para a educação pelos conteúdos, pelo processo de produção das mensagens e pela difusão, já que há um interesse por parte da comunidade.

Em artigo mais recente, Cicilia Peruzzo (2008) procura distinguir a mídia alternativa da comunicação popular comunitária. Para ela, a origem do conceito de

comunicação alternativa é uma maneira de exercitar a liberdade de expressão das comunidades e movimentos populares para transformar a sociedade, representando uma contra-comunicação. Com o passar do tempo este termo “alternativo” foi utilizado para os canais comunicativos de setores da classe média, dos sindicatos, aqueles de combate ao regime militar. Mas a comunicação alternativa não se resume apenas a estes materiais produzidos por estes movimentos citados, mas seria uma comunicação livre: “(...) não se trata unicamente de jornais, mas também de outros meios de comunicação, como o rádio, o vídeo, televisão, alto-falante, internet, panfleto, faixa, cartaz, poesia de cordel, teatro popular etc.” (PERUZZO, 2008, p. 3).

Para estabelecer um didatismo e facilitar a demarcação de conceitos, Peruzzo divide a comunicação alternativa em: *comunicação popular, alternativa e comunitária e imprensa alternativa*.

A *comunicação popular, alternativa e comunitária* seria constituída por iniciativas populares em bairros, comunidades, movimentos sociais, organizações civis que buscam a justiça social e pode ser subdivida em:

- a) Comunicação comunitária: envolve a participação dos cidadãos na produção, emissão e recepção dos conteúdos, tornando-se um canal de comunicação do movimento em questão.
- b) Comunicação popular-alternativa: envolve a participação, mas não são assumidos pela comunidade como um todo, podem ser de iniciativa de indivíduos que não estão ligados a instituições.

Estes conceitos, porém, não são categóricos e a própria autora reconhece:

Na verdade, demarcações precisas de fronteiras entre elas tendem a não resistir à realidade, que costuma extrapolar os conceitos, por sua dinamicidade e caráter inter e transrelacionado constituídos. Nas práticas sociais, os processos comunicacionais são holísticos. Não se dissociam de mobilizações mais amplas e podem assumir um hibridismo de linguagem, formatos e conteúdos. (PERUZZO, 2008, p. 11)

A *imprensa alternativa* surgiu na década de 1970, foram 160 periódicos

catalogados na época da ditadura militar que tinham em comum a oposição ao governo. Os jornais ficaram conhecidos como “imprensa nanica” que eram produzidos pelas esquerdas, jornalistas que buscavam alternativas pelo fechamento de seus espaços na grande imprensa e pelos intelectuais que viviam a repressão nas universidades. Alguns exemplos são: O Pasquim, Pif-Paf, Opinião, Movimento, Resistência e Em Tempo. (KUCINSKI, 1998, p. 178-183).

O termo “alternativo” já utilizado nos Estados Unidos e Inglaterra foi aplicado à “imprensa nanica” por Alberto Dines, uma vez que se almejava transformações sociais.

Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos faziam a crítica sistemática do modelo econômico. (...) Denunciavam as torturas e violações de direitos humanos sempre que podiam, enquanto a grande imprensa, muitas vezes, evitava essa temática. (KUCINSKI, 1998, p. 179)

Além disso, a imprensa alternativa contribuiu para dar visibilidade a novos personagens como os “bóias-frias”. Vale lembrar que os movimentos populares de reivindicação e de protesto tinham espaços privilegiados em suas páginas. Tornou-se, portanto, “o principal espaço de reorganização política e ideológica das esquerdas nas condições específicas do autoritarismo” (KUCINSKI, 1998, p. 180-184).

Cicilia Peruzzo (2008, p. 7-12) acentua que “os veículos alternativos de maior porte se constituem em alternativa frente à mídia convencional enquanto fontes de informação”. Por outro lado, ela acrescenta que os pequenos jornais, boletins informativos e outras formas de jornalismo popular, também conhecidos como alternativos, não dispensam acesso aos jornais convencionais, pois os conteúdos são mais específicos e relacionados a problemáticas locais ou a determinados segmentos sociais.

Bernardo Kucinski (1998) afirma que no novo ambiente tecnológico, a mídia alternativa está principalmente nas homepages da Internet. Para ele, o impulso da aventura alternativa é inerente ao ser humano, principalmente ao jovem e, por isso, ainda não morreu.

O autor cita as novas formas de manifestações da comunicação alternativa entre elas o rap e o grafite.

Mas hoje [o jovem] escolhe como objeto de sua ação em primeiro lugar a natureza; em segundo lugar as minorias, o muito pobre, o desalojado, o enfermo de AIDS, a criança abandonada; em terceiro, as manifestações artísticas e culturais, como a música rap e os grafites. Na condução desse impulso alternativo e dos inúmeros projetos de intervenção estão hoje as entidades não-governamentais e não os partidos políticos. É um novo mundo alternativo, ainda nos primeiros passos, e cujo destino é ainda difícil de se imaginar. (KUCINSKI, 1998, p. 197-198)

Alguns exemplos se delineiam na sociedade e têm sido objeto de estudo acadêmico. Entre eles está o “Festival Mulheres no Volante”, apresentado por Bruna Provazi Barreiros (2009) como comunicação alternativa, popular e comunitária, que se constitui como uma manifestação e tentativa de “dar voz” às minorias, no caso, as mulheres.

O MnV é um evento promovido em Juiz de Fora (MG), anualmente, com a finalidade de valorizar o trabalho artístico feminino e criar um espaço de discussão e integração entre homens e mulheres. Foi criado, em 2007, com o objetivo de contribuir para a transformação do cenário, predominantemente, masculino, de bandas, artistas e produtores culturais. (...) O MnV busca reafirmar e divulgar a produção feminina na música e na arte, incentivando e valorizando o trabalho das mulheres. (BARREIROS, 2009, p. 50-69)

Outro exemplo foi a análise feita por Ana Maria Vieira Monteiro (2009) sobre as formas de comunicação utilizadas pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional. Segundo ela, o Movimento Zapatista inaugurou uma nova forma de guerrilha utilizando o processo de globalização através da internet e do rádio. Sua arma é a palavra e se apropriou dos veículos como meio de divulgação de seus ideais, comunicados, denúncias, externando o desejo da conscientização política participativa na construção de uma nova sociedade.

Esmeralda Villegas Uribe (2004) destaca o sistema de alto-falantes da vila Nossa Senhora Aparecida da região de São Miguel Paulista como rádio popular. Este meio se converteu em um meio alternativo alterando a realidade desta comunidade. Segundo a autora, a rádio aproximou-se mais ao caráter integral da vida da população da vila.

Assim, os grupos encontraram neste sistema possibilidades para animar projetos de comunicação, cultura, educação, organização e mobilização popular. Procuravam

desenvolver outro modelo de comunicação de caráter horizontal que favorecia a participação real e se atentava para as necessidades, problemas e aspirações do povo. “O sistema utilizado como rádio popular, pode oferecer, àqueles que foram excluídos do direito à palavra nos meios ‘oficiais’ de comunicação, um campo de fala e escuta recíprocas” (URIBE, 2004, p. 118).

A pesquisa participante de Fernanda Coelho da Silva no programa “UFJF: Território de Oportunidades”, mais especificamente, no projeto “Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades” o evidencia como uma contribuição para a tomada de consciência dos adolescentes ao direito à comunicação, para o aumento da auto-estima, a valorização da cultura local e o reconhecimento do espaço universitário como um lugar não tão distante.

Silva analisou o comportamento dos alunos nas oficinas de rádio e jornal realizadas no projeto e também fez entrevistas e questionários, que procuravam avaliar os meios e o próprio trabalho desenvolvido no programa. A autora conclui que o projeto coopera para a leitura crítica dos meios entre os jovens pobres moradores da periferia, levando à maior compreensão sobre o direito de questionar, entender, discordar, produzir informações e, assim, promover o exercício da cidadania pelos mesmos. Foi constatado também que os jovens não se mostraram passivos nas avaliações.

Cicilia Peruzzo (2008) aponta que novas formas de comunicação dos segmentos subalternos vão surgindo e aproximam as definições entre comunicação popular e comunitária e distinguindo da imprensa alternativa que tem caráter mais independente. Porém, todas estas manifestações e formas de expressão vão de encontro à estrutura vigente e procuram transformações que prezam o interesse social.

2.2 IDENTIDADE, MÍDIA, NEGRITUDE E JOVENS POBRES

A globalização alterou a concepção de espaço-tempo, as estruturas, as organizações de diversas sociedades. Dentre estas alterações está o surgimento de novas identidades e a fragmentação do indivíduo moderno. Estes conceitos são trazidos por Stuart Hall (2006) em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”.

Para ele as identidades modernas estão sendo “descentradas”, ou seja, deslocadas ou fragmentadas pelas transformações, já que as sociedades modernas mudam constantemente de maneira rápida e permanente em decorrência da interconexão promovida pela globalização.

Hall expõe três tipos de indivíduos para explicar o surgimento de novas identidades: o *sujeito do Iluminismo* que seria o indivíduo totalmente centrado em estruturas definidas; o *sujeito sociológico* formado pela interação entre o “eu” e a sociedade, pela relação com outras pessoas; e o *sujeito pós-moderno* que não tem uma identidade fixa.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. (...) ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2006, p. 38)

Ao contrário do que ocorria com o sujeito do Iluminismo em que a identidade emergia pela primeira vez quando este nascia e com ele desenvolvia, ainda que permanecendo, essencialmente, a mesma ao longo de sua existência.

Hall aponta que o feminismo e os “novos movimentos sociais” como as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos humanos, etc., associados ao “1968” contribuíram para a descentramento das identidades.

Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como política de identidade – uma identidade para cada movimento. (HALL, 2006, p. 45)

Isto resultou nas identidades abertas, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno.

A identidade nacional é evidenciada por Hall. No contexto do mundo moderno, as culturas nacionais nas quais nascemos constituem uma das principais fontes de identidade cultural pensadas como nossa natureza essencial. As pessoas, além de serem cidadãos e cidadãs de uma nação, também participam da ideia de nação, uma comunidade simbólica, que produz a identificação entre os sujeitos.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p. 51)

Mas segundo Hall a identidade nacional não anula a diferença cultural já que a maioria das nações é constituída de culturas separadas, que foram unificadas por um longo processo violento de conquista, e é composta por diversas classes sociais, grupos étnicos e de gênero. A hegemonia cultural exercida pelos países neoimperiais sobre a cultura dos colonizados também reforça esta ideia. “As nações modernas são, todas, híbridos culturais” (HALL, 2006, p. 62).

A globalização atua sobre as identidades culturais levando a três possíveis consequências ressaltadas por Hall:

As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno global’; as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização e as identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. (HALL, 2006, p. 69)

Vale destacar que para Hall (2006) as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado importantes, conforme foi discutido anteriormente nas concepções de Raquel Paiva. Há um novo interesse pelo “local” no contexto do impacto “global” e, ao mesmo tempo, se articulam já que um não substitui o outro.

Um exemplo de fortalecimento de identidades locais são as identidades defensivas em resposta à experiência de racismo e de exclusão manifestada contra comunidades que

procuram se re-identificar com as culturas de origem. E em relação à produção de novas identidades há o exemplo do significante *black* que oferece uma identificação das comunidades afro-caribenhas e asiáticas no território britânico como salientado por Hall (2006).

Denise Cogo (2004) aponta que as mídias são matrizes configuradoras das identidades culturais, atribuem visibilidade às ações e propõem modos próprios de existência e estruturação da realidade. Deixam de ser meros dispositivos técnicos de emissão e recepção das mensagens para se tornarem um ethos produtor de sentido.

Como outro cenário, Cogo (2004) enfatiza as estratégias de visibilidade midiática dos indivíduos, grupos e movimentos sociais na disputa pelos campos da mídia, micropolíticas que demandam a inclusão.

As disputas no âmbito do processo de regulamentação das chamadas rádios comunitárias no Brasil, iniciado, em 1998, a partir da aprovação de uma legislação específica, têm sido marcadas por demandas pautadas em micropolíticas identitárias e reivindicatórias de setores sociais específicos como os religiosos e os juvenis. (COGO, 2004, p. 45)

A mídia é responsável por todas as mediações sociais, regulando a relação do indivíduo com o mundo e com seus pares, segundo constata Raquel Paiva (2005). E ao mesmo tempo coloca de lado um número cada vez maior de indivíduos.

Segundo Paiva:

Com base na definição da natureza da ordem vigente na atualidade pretendeu-se até agora avaliar o grau de impregnação da violência nas estruturas sociais, especialmente na sustentação do poder hegemônico e até mesmo na atuação dos grupos minoritários. Pretendeu-se com essa exposição detectar o quanto inviabiliza o projeto de inclusão social no ambiente gerido pela espetacularização da violência, fundadora de um estado imobilizante, concebido dentro do estado de terror, onde as mediações tradicionais esboroam-se. (PAIVA, 2005, p. 21)

Ângela Prysthon destaca que as imagens são mais valiosas para o jovem cosmopolita pós-moderno que a realidade e torna-se mais relevante “ser visto” por meio das telas de televisão, cinema e computador. O jovem representa uma parcela considerável de produtores e consumidores da cultura e os eventos e produtos de uma cidade estão voltados

em grande parte para o mesmo. “O jovem é simultaneamente centro das atrações da mídia – que o veicula como objeto de desejo e consumo – e agente de novas negociações culturais” (PRYSTHON, 2005, p. 104).

Apesar de, muitas vezes, serem retratados como passivos, apáticos e despolitizados pela mídia que tenta seduzi-los, alguns destes jovens:

são os responsáveis por algumas mudanças mais radicais da cultura contemporânea: (...) a partir dos movimentos culturais, especialmente da música, oriundos da periferia, jovens das classes menos favorecidas passam a ter voz num tipo de participação política completamente distinto daqueles dos anos 1960, por exemplo. Esse aspecto pode ser facilmente encontrado no hip-hop. (PRYSTHON, 2005, p. 106)

Liv Sovik (2005) discute a branquitude na mídia brasileira como uma identidade, uma função social, um valor na mídia. Segundo ela, ser branco é uma questão de imagem. Os meios de comunicação veiculam a cultura hegemônica e o resultado é a aparência branca, já que a branquitude continua sendo um projeto para a nação de auto-imagem positiva. A autora destaca o hip-hop como ativismo do negro e forma de justiça racial:

A novidade na cultura de massa da última década é o lugar de destaque que o negro conseguiu ocupar, com base na valorização da cultura afro-baiana e, mais recentemente, do *hip-hop* e *funk* das grandes cidades industriais: pouco a pouco e por dinamismo e ativismo do próprio negro, a justiça racial parece fazer-se. (SOVIK, 2005, p. 216)

O ingresso mais consistente da imagem do negro na mídia ocorreu a partir da segunda metade dos anos 1990, segundo Angela Schaun (2005). Surgem as propagandas com personagens negros consequência do crescente mercado consumidor, enfatizando os produtos da indústria musical e fonográfica. Para ela a aparição do discurso a respeito dos grupos afro-descendentes permitirá um reconhecimento do outro, antes predominantemente branco.

Schaun (2005) acrescenta que:

a musicalidade talvez seja a mais visível representação da influência afro-descendente na formação cultural brasileira. Fala-se em Brasil e fala-se de samba, de samba-de-roda, de ritmos e de tambores como rufares que pedem passagem para comunicar uma forma de ser eminentemente brasileira. (SCHAUN, 2005, p. 185)

Marcelo Paixão (2009, p. 68-69) discute as relações raciais, a desigualdade social

e o desenvolvimento econômico no Brasil. Primeiramente ele destaca que a economia brasileira é a 11ª mais pujante em todo o mundo, porém analisando o PIB per capita o nosso país cai para a 70ª posição no ranking dos países do mundo. Esta diferença entre o PIB e o PIB per capita, segundo ele, revela que nosso país possui uma parcela da população vinculada aos setores formais e modernos ao lado de uma grande maioria vinculada aos segmentos informais e de reduzida produtividade. “Essa dualidade se associa com as próprias desigualdades sócio-raciais presentes no interior da sociedade brasileira”.

Paixão (2009) constata que os estudos dos principais indicadores sociais em nosso país revelam que a essência dos dilemas que enfrentamos reporta ao seu pano de fundo racial.

Em razão de um modelo de relações raciais discriminatórias, que neutraliza e perpetua antigas clivagens no interior da hierarquia social (...), são os negros e negras os que mais padecem de problemas de desemprego, o trabalho informal e precário, e as piores condições de acesso aos bens de uso coletivo; são os que mais sofrem com o problema da violência e da violência policial; os que apresentam menor esperança de vida ao nascer e maior taxa de mortalidade infantil; os que têm menos acesso à terra e ao crédito; os que mais sofrem com o problema do trabalho infante-juvenil; e os que mais intensamente estão ocupados em setores e funções de baixo prestígio e status, como a construção civil e o serviço doméstico. (PAIXÃO, 2009, p. 75)

Para ele a crença de que vivemos a utopia do país desracializado é inconsistente, uma vez que é sabido que o critério racial é suficientemente importante para determinar as trajetórias pessoais e profissionais dos indivíduos no país.

Paixão (2009, p. 77) enfatiza que “o aprofundamento da democracia no Brasil passa pela promoção das condições de vida da população afrodescendente”. O autor acrescenta que o aumento da qualidade de vida dos negros e negras requer uma série de medidas que venham a produzir “o desenvolvimento econômico, a distribuição de renda, da terra e do acesso à mídia, o controle do cidadão do aparato judiciário e repressivo, e a soberania do país em relação aos organismos financeiros multilaterais” (PAIXÃO, 2009, p. 77).

Fernanda Coelho da Silva (2008) salienta que a sociedade, muitas vezes, culpa os

jovens oriundos das camadas menos favorecidas pela violência do país. A mídia contribui muito para esta visão preconceituosa e estereotipada. Silva, Pereira e Lahni afirmam que “Os jovens, na maioria das vezes pobres e negros, aparecem nos jornais e telejornais em matérias relacionadas à violência, prostituição e tráfico de drogas” (SILVA, PEREIRA e LAHNI, 2008, p. 1).

Para Cassab (2006), apesar da grande valorização da juventude como ideal de corpo, estilo de vida, atitude diante do mundo, não existe lugar para aquele que é jovem e apresenta demandas urgentes de inserção na vida social. Além disso, a autora indica que, em algumas cidades, há uma intensa criminalização, que com a sistemática eliminação iguala os níveis de mortalidade aos dos anos 1950.

Esta situação torna-se um desafio para aqueles que se interessam pelo destino dos jovens provenientes dos setores populares que encontram imensas dificuldades de continuidade dos estudos, de inserção no mercado de trabalho, de escapar do desemprego, segundo Cassab (2006). Estes jovens, muitas vezes, acabam procurando alternativas na gravidez precoce, na dependência química, no envolvimento com o crime organizado e em todas as formas de exploração e abuso hoje tão correntes.

Entendemos, com isso, que estes jovens pobres e negros parecem ter encontrado no Hip Hop uma forma de alterar esta situação. O Hip Hop parece se tornar uma das maneiras de obterem uma alternativa de vida, em que se informam através das letras dos raps e se previnem de muitas das mazelas sociais. Estes são temas discutidos nos próximos capítulos deste trabalho. No capítulo seguinte apresentaremos a origem do Movimento Hip Hop no mundo, sua trajetória no Brasil e em Juiz de Fora.

Senhor me faça forte pra poder continuar, a luta é minha vida não me deixe fraquejar
Me guie onde eu for, me livre do perigo, do meu caminho afaste o inimigo
Vejo vários por aí querendo minha derrota, serpentes venenosas na maldade em minha bota
Sem terror eu sou protegido por Deus, se Ele é por mim quem será contra os seus?
Deus me faça forte a todo instante, pra que eu possa ir mais adiante
Quero ser rocha para suportar a dor, e assim como Ghandi difundir o amor
Quero poder vencer o que é difícil, e nem ser um escravo do vício
Nunca mais me aliar ao desespero, me faça em verdade até a morte um guerreiro
Me dê equilíbrio na dificuldade, me dê ânimo na adversidade
Que eu seja cabuloso para ignorar o ódio, humilde no limite pra subir até o pódio
Chuva de bençãos no dia da vitória, me faça forte no revés e na glória
[Tina]

Hei, minha luz vem do céu, meu Deus é bom, justiça, olho por olho não vira não
Peço que espere de Deus a solução, seja convicto em sua oração
[Irmão] pare de andar na contramão, [Da vida], pra tudo tem uma solução
[Saída] na essência, na palavra relata o que senti, a fé não se explica, mas cura, porque eu já vi
A base é que sem isso tudo é em vão, [Então], sem Deus não existe salvação
[Dexter]

Tina é isso mesmo, Deus é maior e supremo, tamo junto guerreira
Senhor obrigado por mais esse dia, me mantenha distante da covardia
Me faça forte espiritualmente, me faça sábio e ativo mentalmente
Pra que eu possa cumprir minha missão e inteligentemente perdoar a traição
Que eu seja abençoado em minhas orações, para a honra de teu nome falarei a multidões
Que eu tenha hombridade pra dobrar os meus joelhos, Deus, nunca me tire os seus conselhos
Me faça forte pra que eu tenha paciência, não me deixe cultivar a violência
Nem o rancor, nem a falsidade, faça do meu coração um instrumento de bondade
De simplicidade, de humildade, não deixe que me joguem no lixo da maldade
Lealdade, só a verdade, sim, palavras chaves do começo ao fim
Não me deixe ter um espírito pobre, faça de minha atitude a mais nobre
Chuva de bençãos no dia da vitória, me faça forte no revés e na glória
[MV Bill]

É desse jeito, só quem tem respeito carrega no peito
A medalha da vitória, traz a glória, [dito e feito]
Na marra eu não aceito peço em minhas orações
Que contra o mau olhado não me falte munições
Ali Babá e os 40 ladrões, dominando a pista fabricando várias nações
Tudo bem, sem puxar ninguém, pode vim que tem, sem olhar a quem
Vou seguindo fazendo meu som
Mesmo que tu ache que não é bom, quem tá na chuva se molha e não aborta a missão
Defensor do rap honesto, sem se preocupar com o resto
Que fica de caô e transparece a fraqueza
E muda o discurso quando a grana vem à mesa, [certeza] de ter o caminho desviado
Deixado de lado, o jogo encerrado, tudo acabado [é embaçado aliado]
Vai vendo, chegando no sapato dá licença, ofereço aos irmãos da humilde na presença
Na minha crença eu não aceito pilantragem, MV em carne e osso, pele preta e tatuagem

Dexter: Firmeza total Bill. Eu por você, você por mim e Deus por nós vagabundo
Bill: Já é neguinho. Tamo junto e misturado parceirão. É nós. Fé em Deus!

(Me Faça Forte – Dexter, Tina e Mv Bill)

3 HIP HOP, VOZ DA PERIFERIA

Neste capítulo abordaremos a origem da Cultura Hip Hop, o contexto sócio-político e cultural em que o movimento surgiu, sua chegada ao Brasil, especificamente, em São Paulo, sua evolução e expansão para Juiz de Fora que abriga alguns grupos e possui trabalhos sociais ligados ao movimento.

A Cultura Hip Hop, como outros movimentos da sociedade, é complexo e possui diversas definições e documentações que tratam de sua origem e desenvolvimento, e, ainda, com versões variadas o que, muitas vezes, não permite uma demarcação clara de sua história. Por isso, tentaremos contar uma pequena parte da rica trajetória do Hip Hop nos contextos mencionados acima.

3.1 RAÍZES

Para falar sobre o surgimento do Hip Hop utilizaremos a pesquisa de Pablo Nabarrete Bastos, da Universidade de São Paulo, que analisa as relações entre os contextos históricos de surgimento do Movimento Hip Hop nos Estados Unidos e no Brasil, com foco no trabalho das organizações Universal Zulu Nation e Zulu Nation Brasil.

Durante a década de 60 alguns movimentos históricos, teóricos e culturais vão abalar as formas de se pensar e enxergar política, cultura e suas relações. A contracultura, o movimento negro, o feminista e o da juventude intensificam e o fator identidade passa a ser importante, mediando simbolicamente as relações sociais, disputas de idéias e poder conforme aponta Bastos (2007).

Neste contexto surge a organização Universal Zulu Nation em 12 de novembro de

1973, criada por Afrika Bambaataa que seria a primeira posse² de Hip Hop. Um ano depois, percebendo as diferentes expressões culturais e artísticas que emergiam dos afro-descendentes e latinos da periferia do Bronx, em Nova York, ele cria o termo *hip hop* e idealiza a junção destes elementos (as manifestações artísticas da rua) como forma de conter os conflitos entre as gangues, através da formação cultural e do fortalecimento de suas identidades.

O termo inglês Hip Hop quer dizer movimentar os quadris (to hip) e saltar (to hop). Entre as expressões culturais e artísticas do Hip Hop estão: o *Rap* (rhythm and poetry, isto é, ritmo e poesia) composto pelo *MC* (mestre de cerimônia) que canta e anima a festa e pelo *DJ* (disquei jóquei) que produz a música e toca o ritmo; o *Break* que é a dança de rua e o *Grafite*, a arte plástica feita com sprays nos muros e telas. O movimento é, portanto, composto por quatro elementos enfatizados orgulhosamente pelos seus membros: O MC, o DJ, o Grafite e o Break (UMBELINO, 2008).

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos despontaram como potência e era o início do processo de globalização que se consolidava com as novas tecnologias da informação, provocando a interdependência econômica entre as nações. Assim eclodiram vários movimentos culturais e sociais contrários ao consumismo, à racionalidade tecnocrática do mundo ocidental, sobretudo dos norte-americanos como contrapartida a esta sociedade que se formava (BASTOS 2007).

A juventude se reuniu em torno dos ideais de Contracultura como o movimento hippie que apresentava novas propostas de se relacionar com as pessoas, com o mundo, uma nova esquerda. O movimento negro, o feminista e, depois, o gay crescem nas lutas por direitos civis e respeito pela diversidade.

Intensos confrontos étnico-raciais ocorreram no final da década de 60, nos Estados Unidos, levando ao assassinato de Martin Luther King em 1968. No mesmo ano, o

² Posse é o nome criado pelos integrantes do Hip Hop para as associações responsáveis por organizar o movimento e falar em nome dele (UMBELINO, 2008, p.42).

imigrante jamaicano Clive Campbell chega ao Bronx, ficando conhecido como Kool Herc.

Em sua bagagem cultural ele trouxe uma ferramenta e um modo de fazer música, através das *pick ups* – dois toca discos tocando simultaneamente -, e o estilo de cantar dos *toasters*, os negros jamaicanos que cantavam e rimavam nos subúrbios da Jamaica para criticar os conflitos entre gangues, a miséria e a violência vivida em suas comunidades. Ele encontra uma situação semelhante no seu novo lar, muitos conflitos entre gangues, violência e marginalização social, sendo os principais atingidos os negros e latinos moradores do subúrbio. (BASTOS, 2007, p. 3)

Kool Herc conheceu Afrika Bambaataa e assim eles passaram a organizar festas de rua chamadas *block parties* para a comunidade do Bronx reunindo a juventude negra e latina em torno da arte, da música e da dança. Desta maneira, Herc percebeu que os *breaks* das músicas (a extensão das partes instrumentais) agradavam os jovens e começou a chamar os garotos que dançavam de *b.boys* que seria uma abreviação de *break boy*, *beat boy* ou *bronx boy*. Assim surgiu um dos elementos, o *breaking*, e as gangues faziam as “batalhas” para disputar quem dançava melhor.

No outro elemento, “o DJ Grandmaster Flash foi quem aprimorou as técnicas de discotecagem do estilo Hip Hop, como a colagem, a sincronização e a mixagem de trechos de diferentes vinis”. Nos anos 70 o grafite apareceu como uma forma de demarcação do território e aos poucos foi incorporado pelo Hip Hop para interferir no espaço urbano através da arte plástica (BASTOS, 2007, p. 4).

Outra versão sobre a contribuição jamaicana para o Hip Hop é contada pelo músico de reggae Jah Mahal que disse que os jamaicanos levaram o próprio Rap:

Eles gravavam singles com uma face tendo letras e outra apenas instrumental. Os DJs, que então só colocavam o disco para tocar, tinham o hábito de falar sobre a base instrumental, animando a galera. Assim, os DJs jamaicanos, segundo Mahal, teriam sido na verdade os primeiros MCs. (DEVESE, 1998, p.29)

Afrika Bambaataa tinha um discurso pacifista e conciliador que passou a reunir muitos participantes e em 1974 ele une os elementos da cultura (rappers, MCs, DJs, dançarinos e grafiteiros) tentando resolver os problemas de violência. Além disso, resolve adicionar um novo elemento: a sabedoria. (Afrika Bambaataa in: revista Rap Brasil, 2004, p.

30 apud Bastos, 2007)

A Universal Zulu Nation apresenta uma concepção de mundo, de classe, de raça calcada em preceitos universalizantes, místicos. O lema é paz, união, amor e diversão. Constrói uma estrutura conceitual para o Movimento Hip Hop que o coloca como um instrumento, mediação para o ensino de “infinitas lições” (este é o termo utilizado por Bambaataa) que conduzirão a elevação espiritual, a conscientização em torno de diferentes temas, que vão da Matemática à Ufologia. (...) Esse caminho escolhido para trazer o conhecimento e a paz, mostra uma grande influência do precursor movimento de Contracultura e também das precedentes lutas políticas do movimento negro. (...) Com um discurso híbrido a Universal Zulu Nation mediou simbolicamente essas referências para tentar mudar o cotidiano e a história das ruas do Bronx. (BASTOS, 2007, p 4-5)

Isso possibilitou que muitos jovens encontrassem seu papel em suas comunidades, na história, fortalecessem suas identidades e a auto-estima.

Contudo na década de 80, o Hip Hop se tornou um negócio apropriado pela indústria cultural norte-americana que utilizou o rap como sinônimo de Hip Hop vendendo milhões de discos e tornando os rappers estrelas milionárias (BASTOS, 2007). Os meios de comunicação contribuíram para a propagação do Hip Hop em outros locais do planeta, mas de uma maneira reduzida e esvaziada, como um produto a mais da indústria cultural e não como uma cultura popular, um movimento social e uma força política.

3.2 HIP HOP NO BRASIL

Antes do Hip Hop chegar ao Brasil reinava a música do Movimento Black Power que abriu espaço para o rap. Muitos adeptos do rap ouviam ou faziam parte dos grupos de funk e admiravam o soul. Fãs de James Brown considerado o pai do funk e mestre do soul que fez show aqui no Brasil em 1978. Muitos dos precursores do Hip Hop estavam neste show. Motivos por que se costuma dizer que o Hip Hop é filho do soul (PIMENTEL, 1998).

DJ Hum um dos pioneiros do Hip Hop de São Paulo conta que os bailes do fim dos anos 60 com os jantares dançantes trouxeram a cultura da música negra. As músicas que antecederam o Rap foram o soul e, mais tarde, o funk que eram utilizados nas bases de DJ

Hum. Ele cita Sly & Family Stone, Funkadelic, James Brown e, daqui, Tim Maia. “As letras dele, falando de orgulho negro, também nos influenciaram”. Além de Tony Bizarro, Tony Tornado e Banda Black Rio (Depoimento de DJ Hum a BIONDI in: revista Caros Amigos, 1998, p. 20).

O Hip Hop chegou ao Brasil na década de 80, primeiramente, em São Paulo, no ABC Paulista. A região do ABC Paulista foi pioneira no processo de industrialização atraindo migrantes da região nordeste e imigrantes dos países europeus, aumentando a densidade demográfica desta região. Mas o crescimento econômico junto à desigualdade na distribuição de renda, cultura e educação favoreceu a organização da população desprivilegiada em torno de diferentes formas de mobilização, seja em sindicatos, associações de bairros, de mães, entre outros. “O Movimento Hip Hop eclode em meio às lutas pela redemocratização do país, quando estavam explícitas as incoerências do processo de modernização brasileiro: elitista, excludente e centralizador” (BASTOS, 2007, p. 9).

De acordo com Nino Brown:

O Hip Hop teve seu início com as apresentações e encontros dos dançarinos de funk e pioneiros do breaking, respectivamente os membros do grupo Funk e Cia., idealizado pelo líder e precursor Nelson Triunfo e a equipe de breaking Back Spin, criada por Marcelinho Back Spin, e que tinha Thaíde e DJ Hum (eles se conheceram como b.boys e ficaram conhecidos como uma dupla de MC e DJ) como integrantes. Eles se reuniam na Rua 24 de Maio, em meados de 1984. (BASTOS, 2007, p 9)

Entre 1991 e 1992 em São Bernardo do Campo ocorriam os eventos e reuniões de Hip Hop na pista de skate através do projeto Movimento de rua com o apoio da administração municipal, dando origem ao livro “ABC RAP”, uma coletânea de letras de rap dos grupos da região.

Depois surge, em 1993, uma das primeiras posses do ABC Paulista, a posse Hausa. Em 1994, Nino Brown, um dos componentes dessa posse, idealizou se comunicar com Afrika Bambaataa através de carta porque acreditava que o contato fortaleceria o sentido de suas ações e daria projeção nacional e internacional para o trabalho da Hausa. Nino Brown

obteve resposta e foi reconhecido como o primeiro integrante brasileiro da Universal Zulu Nation e foi nomeado por Bambaataa de *King Zulu Nino Brown* (o rei Zulu no Brasil).

Nino Brown se desligou da Hausa em 1997 e criou, com MC Levy, em 2002, a ONG responsável por todas as atividades que envolvem o Hip Hop na cidade de Diadema – a Zulu Nation Brasil.

Uma das referências do movimento no país é o grupo Racionais MC's que começou sua história no final dos anos 80 com apresentações nas periferias de São Paulo e lançou seu primeiro CD em 1988 – o *Consciência Black* –, uma coletânea com vários artistas. O grupo é formado por Mano Brown (em razão da admiração por James Brown), Ice Blue, DJ KL Jay e Edy Rock.

A influência dos Racionais é facilmente verificável entre os participantes do movimento Hip Hop. Os jovens rappers, do movimento gospel ou secular, quando questionados sobre suas referências musicais e “ídeos”, invariavelmente, citam os Racionais em primeiro lugar. (UMBELINO, 2008, p. 26)

A nova geração do Hip Hop denomina os pioneiros de “velha escola” composta pelos rappers Thaide, DJ Hum e Racionais MC's, o produtor Milton Salles, os grafiteiros Gêmeos e os b.boys Nelson Triunfo, Marcelinho e Moisés. A posse fundada pelos antigos da “velha escola” foi o Movimento Hip Hop Organizado, o MH2O. Outra posse fundada no mesmo ano foi a Força Ativa, atuando na zona leste de São Paulo (AMARAL, 1998).

O Movimento Hip Hop sempre viveu à base de esquemas informais e extremamente eficazes. Os artistas preferem lançar seus trabalhos em gravadoras independentes porque elas sabem como e onde seus produtos terão chance de sucesso. (AMARAL, 1998).

Pimentel comenta a importância das rádios comunitárias para a divulgação do Hip Hop:

Perseguidas, injustiçadas, mas bem ou mal, tendo agora sua ação regulamentada, as rádios comunitárias – ainda chamadas insistentemente por alguns de “piratas” – constituem hoje o principal meio de difusão do rap brasileiro. Sem espaço nas rádios comerciais, o hip hop descobriu nos últimos anos que, para amplificar a “voz da

favela”, ou o “grito da periferia”, como esses poetas costumam chamar sua arte, o melhor é usar microfones de pobre: as rádios comunitárias. (PIMENTEL, 1998, p. 9)

Os Racionais MC's não se apresentam em programas de televisão e nem dão entrevistas para a grande imprensa. Para Mano Brown, aparecer no Faustão, no Gugu, na televisão é o começo da derrota dos rebeldes.

Acho que nós estamos começando a ganhar uma batalha pequena de uma guerra gigante. Quando você começa a sair fora do sistema em que os caras colocam você, o controle remoto, tudo tá no domínio dos caras, da televisão, eles têm domínio sobre tudo, tudo que está acontecendo no mundo da música, tá ligado? Todos os estilos. Quando escapa um do controle, os caras viram a atenção praquela lado ali. É o que acontece com a gente. Se a gente voltar pros caras, significa que é uma dissidência que perdeu... aí não existe mais. O Racionais não pode trair, tá ligado? Tem muita gente que conta com a nossa rebeldia. (Depoimento de Mano Brown a KALILI in: revista Caros Amigos, 1998, p. 18)

A região da Rua 24 de Maio no centro de São Paulo reúne até hoje rappers e adeptos do Hip Hop para a compra de CDs, cuidar do visual, cantar e dançar (UMBELINO, 2008). Atualmente o Hip Hop está espalhado por todas as regiões do país. Além de São Paulo, referência para rappers de todo o país, destaca-se o Rio de Janeiro com a CUFA (Central Única das Favelas), uma organização criada em 1999 a partir da união entre jovens de várias favelas do Rio de Janeiro (principalmente negros) que buscavam espaços para expressarem suas atitudes e questionamentos. Entre os seus fundadores estão os rappers MV Bill e Nega Gizza.

O Hip Hop é a principal forma de expressão da CUFA e serve como ferramenta de integração e inclusão social. A organização ministra cursos e oficinas de DJ; Break, Grafite, Escolinha de Basquete de Rua, Skate, Informática, entre outros. A CUFA produz anualmente o Hutúz, um evento que reúne e premia os destaques de todos os elementos do Hip Hop.

Além dele, existe a LIIBRA – Liga Internacional de Basquete de Rua, um campeonato nacional de basquete de rua que surgiu em 2005 e também é organizada pela CUFA. Para Umbelino (2008), o basquete de rua é prova irrefutável da influência exercida

pela cultura norte-americana, na qual, o mesmo, ganha força como elemento cultural das comunidades negras e pobres.

Osso (Watilla Guimarães), integrante do Grupo de rap Guettow X e jogador do Campeonato de Basquete de Rua de São João Del Rei, acredita que o esporte se torna mais um elemento do Hip Hop, já que influencia as camadas populares: “O Hip Hop ganha mais um elemento, pra mim o sexto elemento da cultura Hip Hop que é o basquete de rua. O basquete de rua tem influenciado muito os guetos da nossa cidade e, no Brasil, nos lugares mais precários” (OSSO, 2008³).

Hoje a CUFA atua nos outros 25 estados do país além do Distrito Federal, segundo informações do site da instituição⁴.

Outra modalidade é o Hip Hop Gospel que teve início com os grupos Rara e Kadoshi (SP) e os funkeiros de Yehoshua (RJ). Grupos como Apocalipse 16, Pregador Luo, Provérbio X, DJ Alpiste, Tina, Ao Cubo se destacam no cenário gospel. “A vivência religiosa passa a fazer parte do cotidiano destes jovens, sem que eles precisem fazer parte das instituições religiosas ou estar participando de cultos” (UMBELINO, 2008, p 38).

No Hip Hop não há um afastamento entre os “manos” devido a classificação “gospel” como ocorre em outros segmentos. Prova disso é que o Hutúz passou a premiar em 2001 a categoria gospel.

Embora, à primeira vista pareçam forças contrárias ou dissociadas, o que se percebe é o fato de que uma reunião de forças sociais fez com que as similitudes entre o Rap e a religião os aproximassem, dando início a um movimento que vem modificando a vida de muitos jovens em todo o país. As semelhanças na postura de combate às drogas e ao álcool e a orientação para uma vida regrada e baseada em princípios éticos são alguns dos fatores responsáveis pela aproximação entre evangélicos e rappers. A existência destes pontos de convergência faz com que grupos seculares de rap tratem, na grande maioria das vezes, os evangélicos do hip hop como “manos”. (UMBELINO, 2008, p. 38)

Bastos discute sobre o jogo de espelhos e afirma que o Movimento Hip Hop

³ Entrevista extraída do Documentário “A flor da laje”.

⁴ Site da CUFA (Central Única das Favelas): www.cufa.org.br. Acesso em 19 de Maio de 2010.

Brasileiro tem como espelho o Movimento Hip Hop norte-americano e assim nasce e traça seu caminho refletindo sobre aspectos sociais, culturais, étnico-raciais e políticos da realidade brasileira e das cidades por onde se desenvolve. Para ele:

O Movimento Hip Hop se torna o grande espelho por onde muitos jovens, meninos e meninas, se enxergam e adquirem forças para refletir sobre sua existência, sua classe, sua etnicidade, sua geração, ensejando mais do que resistência uma resistência articulada com os anseios e necessidades que estruturam suas realidades. (BASTOS, 2007, p. 14)

3.3 HIP HOP EM JUIZ DE FORA

Em Juiz de Fora como em São Paulo, o Hip Hop começou na década de 80 nos eventos de break da antiga casa de dança Rex Dancing, que abriam espaços para as rodas de break, incentivando o surgimento de muitos grupos de dança. A equipe de som, a Space Lab, era comandada pelo DJ Nonô (Luiz da Conceição Bispo) que promovia a divulgação da cultura com a presença de dançarinos famosos.

O grupo do Paulinho, o PMC⁵ e outro chamado Nação Hip Hop levaram o break para o centro de Juiz de Fora fazendo apresentações de dança, rap e DJ, todos os sábados, no calçadão da Rua Halfeld. “Vários eventos com a presença do DJ Deco, Du, PMC e DJ Nonô aconteceram no calçadão da Rua Halfeld”⁶.

O documento “Hip Hop”, elaborado por Adenilde Bispo através de pesquisas realizadas por Jagal, descreve a trajetória da cultura Hip Hop na cidade. Nele é explicado o surgimento de dois grupos de break, baseado em informações do dançarino Popó. O Break Metal, formado por Amarildo, Cobra e Ró se uniu a Popó, Walmir, Washington, Belão, Woodson e Seni para formar o Break Machine.

O rap veio depois das rodas de break do Rex Dancing com o PMC, na década de 90. Ele era dançarino de break e depois começou a cantar. Formou um grupo que chegou a

⁵ PMC lançou CD pela gravadora multinacional Virgin junto com DJ Deco (PIMENTEL, 1998).

⁶ Extraído de *Hip Hop* - Documento elaborado por Adenilde Petrina Bispo e Jagal, cedido à autora.

gravar duas vezes, segundo informações de Adenilde Petrina Bispo, que é professora e foi coordenadora da Rádio Mega FM. Ela também é irmã de Nonô e comenta um dos raps do grupo do PMC:

Tinha até uma música deles que eu achava muito interessante que chamava “Mississippi em chamas, Juiz de Fora em lamas” que tocava muito num programa da antiga Rádio Manchester que depois fechou. Depois eles foram para São Paulo aí deu um hiato no Hip Hop em Juiz de Fora. Quando a rádio surgiu (Mega FM) aí que começou voltar de novo aquela questão da cultura Hip Hop, mas aqui em Juiz de Fora o movimento dos bboys sempre foi mais forte do que o rap. (ADENILDE BISPO, 2010)

De acordo com o documento citado acima, as rodas de break, constantes no calçadão, e os bailes do Rex Dancing acabaram com a ida de PMC para São Paulo. Com isso a cultura “entrou em hibernação”, conforme o termo utilizado por Adenilde no documento, ficando inativa por mais de dez anos.

O reinício das manifestações da cultura Hip Hop veio em 1997 com o surgimento da Rádio Mega FM, no programa Som dos DJs, apresentado pelo DJ Nonô que começou a tocar rap para a comunidade. Desse modo, Nonô promoveu um concurso de rap em que vários grupos concorreram e o vencedor foi o Rajada Verbal formado por Telinho, do bairro São Bernardo, e João (que se tornou grafiteiro).

Adenilde Bispo (2010) salienta que, passado algum tempo depois do concurso, Jagal entrou para o Rajada Verbal, mudando sua orientação. O grupo passou a utilizar guitarra, baixo e bateria, uma inovação para o estilo.

Conforme discutido anteriormente, as rádios comunitárias são os principais locais de divulgação e promoção da cultura Hip Hop como a Rádio Mega FM, uma rádio comunitária autêntica que ficou no ar entre 1997 e 2005. A Mega foi considerada autêntica porque não possuía fins lucrativos, tinha uma gestão coletiva, programação diversificada, inclusive com programas de Rap (Hip Hop na veia, Impacto do Rap e Hip Hop Brasil) e microfones abertos à participação. Lahni (2005) salienta que, na Mega, o Hip Hop sempre

teve espaço, tanto em programas específicos (citados acima), como na formação e trabalho conjunto com posses.

A partir de então, com a efervescência da rádio foram surgindo outros grupos. “Mas dentro da cultura Hip Hop a coisa é muito rotativa. As coisas começam depois não dão certo, aí acabam, porque a pessoa cresce, muda de ideologia”, analisa Adenilde Bispo (2010).

Em 1999, a partir da Mega, se organizou a Posse de Cultura Hip Hop Missionário Antônio Conselheiro, composta por Adenilde, DJ Nonô, Jagal, Maury Paulino, Telinho, João e, mais tarde, Erê, que ficou conhecido como Erê dos Palmares. Maury Paulino e Jagal gravaram o rap “Bob é rei”, uma homenagem a Bob Marley, que foi produzido por DJ Nonô.

A posse, em parceria com a Mega FM, promoveu o evento Hip Hop Attack, em 2000. “Esse Hip Hop Attack foi feito pelo pessoal de São Paulo, o Kase Creator, que é um grafiteiro de São Paulo e que fazia capas de CDs para várias personalidades da música, deu uma força muito grande e fez o primeiro Hip Hop Attack” conta Adenilde Bispo (2010). O documento que resgata a cultura na cidade também menciona Piu DJ, de São Paulo, como um dos organizadores. O evento reuniu cerca de 50 pessoas. Além de entrevistas e raps na Mega FM, os participantes do Hip Hop debateram o movimento, em reuniões em uma chácara alugada para o encontro (LAHNI, 2005).

Após pouco mais de um ano, a Posse Antônio Conselheiro se desfez porque houve uma cisão entre os membros. Segundo Bispo, o motivo foi a divergência de ideologias.

O Jagal, ele achava que você tinha que conquistar a rapaziada da cidade, da classe média, fazer eventos no centro da cidade para chamar atenção das pessoas do centro da cidade. Eu e os outros daqui nós pensávamos o contrário. Como a cultura Hip Hop é uma cultura de gueto, a gente tinha que fortalecer o gueto. Ai se o pessoal do centro quisesse agregar, quisesse chegar aí tudo bem, mas primeiro a gente tinha que fortalecer a periferia. Porque o Hip Hop para mim pelo menos ele é um elemento de consciência, é uma ferramenta de trabalho e de organização. Não é só para fazer festa, ganhar dinheiro, aparecer, você tem que comprometer com a mudança, porque foi assim que ele surgiu. (ADENILDE BISPO, 2010)

Assim, os integrantes da Mega saíram da Antônio Conselheiro e fundaram a Posse de Cultura Hip Hop Zumbi dos Palmares (PZP) organizada por Erê dos Palmares e composta

por Adenilde, Priscila, Aice, Thaís, Zói, CLP, Michel, Cabeça, Buzi, Dundá, Rogério e DJ Nonô. Cláudia Lahni também é citada como colaboradora. Os demais integrantes da posse que se desfez fundaram a Associação Cultural Jotaefe Crew que, ainda hoje, promove eventos culturais como festivais de Rap (Ritmo e Poesia), de música eletrônica (Conexão Eletrônica) e realiza projetos sociais na cidade. O Blog⁷ da associação descreve um pouco de sua história:

Originada em 1997, especificamente como banda de Rap com o nome Rajada Verbal, sendo a primeira no gênero em Juiz de Fora. A banda era formada por três vocais, baixo, percussão, guitarra, gaita, bateria e com as participações esporádicas de DJs locais, com vocais alternados e letras articuladas de cunho político, histórico, sociais e do cotidiano. A banda teve a oportunidade de fazer abertura de shows de artistas como: Racionais Mc's, Cirurgia Moral, Código Penal, Marcelo D2 e fazer diversas apresentações em Juiz de Fora e cidades vizinhas. (Postado em 30 de jul 2009)

Em 2001, a Mega e a PZP promoveram o Hip Hop Contra Attack nos mesmos moldes do primeiro (LAHNI, 2005) que contou com a participação de grupos do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São João Del Rei e Brasília, entre eles, Cirurgia Moral e Código Penal. Segundo o documento já mencionado, vários eventos eram promovidos no DCE, na antiga sede da Avenida Getúlio Vargas, o que contribuiu para o fortalecimento da cultura em Juiz de Fora.

Nós percebemos a importância do Hip Hop para transformar a juventude, porque a Rádio Mega ela sempre foi muito freqüentada por jovens, e eram jovens todos em situação de risco. Através da cultura Hip Hop, a gente percebeu que seria um gancho pra ganhar esse pessoal, então nós começamos a investir no Hip Hop. (ADENILDE BISPO, 2003 apud LAHNI, 2005, p. 131-132)

Segundo Lahni (2005), a situação de risco mencionada por Bispo envolve pobreza, desemprego, violência e, principalmente, uso e tráfico de drogas. Adenilde conta como era o trabalho na rádio Mega e qual era seu objetivo:

A gente começou a investir muito neles, assim, conversar, discutir, botar eles pra fazer programas na rádio, pra poder cantar rap, e a gente está conseguindo um resultado legal. Esse é que é o nosso objetivo, é realmente tirar esses meninos do tráfico, porque eles entram cedo e morrem cedo também. E também porque a gente precisa resgatar a cidadania, porque eles não dão valor ao bairro, eles acham que o bairro é muito ruim por ser uma periferia, alguns têm vergonha do bairro, então a gente quer mostrar que o bairro tem motivo pra se orgulhar, e a gente tem que se

⁷ <http://jotaefecrew.blogspot.com>. Acesso em 24 de Maio de 2010.

orgulhar e tem que transformar o nosso bairro. Essas coisas que a gente quer passar pra eles, enquanto eles vêm aqui [na Mega], é o grande trabalho que a gente quer fazer. (ADENILDE BISPO, 2003 apud LAHNI, 2005, p. 132)

Lahni (2005) assinala que o Hip Hop busca elevar a auto-estima dos negros e outros moradores da periferia bem como conscientizá-los. A união entre rádios comunitárias e movimento Hip Hop é grande, segundo a autora. Para ela, ambos debatem a situação das classes populares. “Além disso, quanto ao rap, as emissoras comunitárias abrem espaço para os grupos que não têm projeção nacional” (LAHNI, 2005, p. 133).

A PZP organizou diversos eventos para divulgar a cultura Hip Hop em Juiz de Fora entre eles: Agosto Negro, em 2003 e 2004, no qual se percorria várias escolas levando cultura e informação e Zumbi mandando fechado também em 2003 e 2004. Além disso, o grupo apoiava outros eventos e movimentos sociais da periferia, bem como aqueles ligados às pastorais da Igreja Católica.

A Posse Zumbi dos Palmares contava com dois grupos de rap: Unidade Guerreira e PZP, homônimo da posse. O Unidade Guerreira, formado por diversos jovens, deu origem ao atual grupo Harmadilha do Guetto. Alguns dos membros precisaram abandonar o antigo grupo para trabalhar em outra cidade, como foi o caso do integrante Cabeça que se mudou para São Paulo.

Em 2004, o grupo de break Guerreiros de Rua, coordenado por Brodó (José Maurício) foi agregado à PZP. Brodó já desenvolvia um projeto com crianças e adolescentes, no bairro Santa Cândida, o Break e Cia, que funciona até hoje.

Zói (Alexandro Rodrigues Lima), atual integrante do Harmadilha do Guetto, desenvolvia um projeto de grafite, também no bairro Santa Cândida, quando integrava a PZP. Ele ensinava a arte plástica às crianças e adolescentes. Atualmente Zói não desenvolve mais este trabalho.

Em 2005, a PZP gravou o CD “Cria do Gueto”, produzido por DJ Nonô. O álbum

incluiu a música “Corre playboy”, gravada por CLP e Guga. Este último é um grafiteiro de Brasília que passou dois meses em Juiz de Fora dando curso de grafite para crianças e para os membros da posse.

A PZP foi premiada pela Câmara Municipal de Juiz de Fora com a medalha Nelson Silva, pelos seus trabalhos em favor dos afrodescendentes, em 2006. Além disso, participou do Programa Juiz de Fora nos Trilhos da Paz ministrando oficinas de Hip Hop para crianças, adolescentes e jovens.

De acordo com Clarice Cassab (2009), o Programa Juiz de Fora nos Trilhos da Paz tem sua origem vinculada à percepção, por parte da Diretoria de Política Social da Prefeitura de Juiz de Fora, de que se estava ampliando o número de casos de violência envolvendo jovens na cidade – seja como vítimas ou agressores.

Em 2000 foi proposta a realização de um diagnóstico desses casos e um estudo de ações para seu enfrentamento e prevenção. Três anos após este diagnóstico, foi elaborada uma proposta de trabalho, em convênio com a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, que deu origem ao programa, articulando um conjunto de ações direcionadas ao desenvolvimento da “cultura da paz” nos bairros periféricos da cidade.

Cassab (2009) salienta que a ideia de cultura da paz, de acordo com a Secretaria Municipal de Política Social, é a de trabalhar com os jovens valores de participação, igualdade, respeito aos direitos humanos e às diversidades culturais, liberdade e tolerância.

O programa tem como princípio contribuir para a promoção da cultura da paz por meio da articulação de ações desenvolvidas por diversos órgãos públicos que visam criar alternativas para novas faces de vivências cotidianas, em que o diálogo e o respeito estejam presentes, contribuindo para afastar crianças e jovens de situações de risco pessoal e social. Ao se inscreverem no Projeto, eles participam de atividades sócio-culturais como dança, teatro, arte multimídia, percussão, produção cultural, modalidades esportivas, horticultura, skate, hip hop, capoeira e informática. (PREFEITURA DE JF, 2007, p. 247 apud CASSAB, C., 2009, p. 2)

O programa foi suspenso em 2009 na administração do Prefeito Custódio Mattos. Segundo Simone dos Santos Pereira, que era coordenadora do projeto, em entrevista ao site

Acessa.com⁸, mais de dez mil crianças eram atendidas em 34 comunidades consideradas de risco social com 14 oficinas e eventos culturais.

A secretária de Assistência Social de Juiz de Fora, Silvana Barbosa, justificou a suspensão do programa com base na falta de verba da prefeitura. Ela explicou que os projetos JF nos Trilhos da Paz e Arte nos Bairros (outro extinto) custavam R\$1,2 milhão por ano aos cofres municipais, o que considerava um valor alto demais para uma “prefeitura falida”. “São projetos caros e que não são prioridades para o governo atualmente”, afirmou em entrevista ao site Acessa.com⁹.

Visto isso, é possível perceber que a prioridade da prefeitura não são projetos voltados para as classes pobres, para crianças, adolescentes e jovens que carecem de oportunidades, programas que buscam elevar a auto-estima dos moradores da periferia da cidade. Portanto, é preciso averiguar. Quais projetos são prioridade da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora?

Outros grupos de break citados pelo documento da história do Hip Hop na cidade, estão os do bairro Ipiranga, que são o Break Street Boys coordenado pelo bboy Ocimar e o B.A. Breakers (antigo Break Boys) coordenado pelo bboy Cláudio, um dos participantes do Programa Juiz de Fora nos Trilhos da Paz.

Este programa confirma a ligação do Hip Hop com outros movimentos sociais, principalmente, relacionados a jovens em situações de risco. Como é o caso da Casa de Cultura Evalton Vilela, administrada pelo Ministério Galera de Cristo, uma posse de Hip Hop evangélica. O nome “Ministério” refere-se à missão que cabe ao grupo exercer na sociedade, presente no vocabulário do meio evangélico.

A Casa de Cultura, localizada no bairro Santa Efigênia, oferece oficinas de hip-hop (os quatro elementos), street dance, artesanato, culinária, reforço escolar, cursinho pré-

⁸ http://www.acesa.com/educacao/arquivo/ensino/2007/09/05-trilho_paz. Acesso em 24 de Maio de 2010.

⁹ http://www.acesa.com/direitoshumanos/arquivo/noticias/2009/04/27-assistencia_social. Acesso em 24 de Maio de 2010.

universitário comunitário, capoeira, alfabetização, informática, rádio escola, dança de salão, funk, balé, violão, karatê, inglês, espanhol aulas de dança, segundo seu site oficial¹⁰, e também promove eventos.

A cidade conta com um evento que foi essencial para a integração dos grupos, o Café com Hip Hop. Um evento promovido no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, pelo Ministério Galera de Cristo. No Café com Hip Hop há espaço para apresentações de Rap, DJs, Break e Grafite, para manter e fortalecer o movimento nestas comunidades (UMBELINO, 2008). Este evento, algumas vezes, acontece nos bairros da periferia de Juiz de Fora. Negro Bússola (Jefferson da Silva Januário), líder articulador do ministério, explica que o Café com Hip Hop está sendo dividido em eventos específicos para cada elemento:

O Café com Hip Hop é um projeto nosso que foi até para agregar um povo nosso e nós evangelizarmos da nossa forma através do rap que se tornou um sucesso tremendo e ganhou ascensão nacional. Estamos criando o “Café com Hip Hop for Bboys” que é um para cada elemento, premiando com R\$ 1.000 o primeiro lugar. E em nível de Zona da Mata, Zona das Vertentes, Vale do Paraíba nós tivemos participação com projeção nacional até executando em outros municípios e outros estados esta edição do Café com Hip Hop. (NEGRO BÚSSOLA, 2010)

As pessoas entrevistadas para esta pesquisa criticam o Hip Hop em Juiz de Fora, apontando sua fragmentação. Para eles, os grupos atuam de maneira isolada e os eventos, festas, encontros estão muito reduzidos. Outro fator citado que contribuiu para o desestímulo de muitos grupos foi o fechamento da Rádio Mega FM¹¹. Zói lamenta a perda que a comunidade teve:

Aqui o pessoal gostava quando a rádio tava no ar, mas depois a rádio saiu do ar. Por isso que a gente acha importante as rádios comunitárias, porque as rádios oficiais não tocam o que a molecada mesmo gosta, curte. (ZÓI, 2010)

¹⁰ <http://www.casadeculturaev.org.br>. Acesso em 24 de Maio de 2010.

¹¹ A Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) lacrou o transmissor da rádio Mega FM. O Ministério das Comunicações garantiu concessão na mesma área a uma emissora evangélica, a Life, e o pedido de autorização e revisão do processo foi arquivado, em função da existência dessa outra rádio comunitária. Em 2005, dois coordenadores da Mega foram processados (LAHNI, SILVA, FRANÇA, PELEGRINI, 2008). Para mais informações sobre a Mega FM, ver Lahni (2005).

Michel, o MCL, reclama da falta de união entre os grupos, do conflito de ideologias e da exibição de roupas da moda, do estilo rapper em detrimento das mensagens:

Os caras que são do rap aqui não estão interessados em passar a ideia positiva, eles querem estar no meio da sociedade, junto com eles. E uma coisa que chama atenção é roupa. Roupa não quer dizer nada o que vai valer é a ideologia do cara. O cara sobe no palco com camisa 55, camisa não sei o que e calça não sei o que, mas isso não quer dizer nada. Se você chegar lá com uma roupa simples e mandar uma ideia positiva, aí que você quebra o cara. (MICHEL, 2010)

Michel afirma que a cidade já foi referência do Hip Hop na região, mas hoje vive outra realidade:

Então assim teve uma época que tava estourado, tava bom, tinha nome, todo mundo que viesse da Zona da Mata falava: “o forte da Zona da Mata é Juiz de Fora”, perde pra BH, mas o forte da Zona da Mata era Juiz de Fora. Mas chegou um tempo que cada um foi para o seu canto, uns não levaram a sério, uns acharam que ia ganhar dinheiro, ia estourar e tudo. As ideologias de algumas pessoas que fez o Hip Hop não sei se acabou ou se vai acabar, mas tá só afundando, em vez de subir, evoluir, tá só caindo. Então não adianta, não tem evento, não tem nada, você pode ver que tá tudo parado. (MICHEL, 2010).

Negro Bússola também aponta a divergência de idéias e o enfraquecimento da cultura ao longo dos últimos anos, mas destaca o Café com Hip Hop como canal de união dos grupos:

O Hip Hop na cidade tá morto. Existem só aquelas pessoas que gostam mesmo e faz, mas não tem aquela ascensão como tinha antigamente. Eu associo que cada um está levando do seu jeito. Mas se for comparar com a cena de uns 2 ou 3 anos atrás, já não é a mesma coisa. Então praticamente só ficou quem gosta mesmo. Cada grupo tem sua própria linha, sua própria forma. Mas embora que a gente faz o Café com Hip Hop e consegue agregar todos. A gente convida, mas às vezes a gente nem canta, para dar visibilidade aos caras, a gente traz grupo de fora, porque a gente viaja a Zona da Mata todinha fazendo intercâmbio, criando vínculo com os caras. (NEGRO BÚSSOLA, 2010)

J.C, integrante do Ministério Galera de Cristo, acredita que o movimento não é tão grande na cidade porque falta apoio e verba por parte do governo:

Porque pra fazer um evento precisa de dinheiro e a gente não tem muito apoio nesse lado. Mas fora [em outras cidades] quem tem conhecimento sabe que tem um valor mais elevado do que aqui na cidade, tem mais apoio, tem mais pessoas que fazem parte do movimento, mais trabalho social. Isso fortalece o movimento, a cultura. Mas nem por isso a gente vai desistir de fazer os trabalhos. (J.C, 2010)

Adenilde (2010) questiona o individualismo e a existência de uma liderança nos segmentos do Hip Hop. Para ela, o grupo ter um líder que vai ser “o cara”, aquele que vai aparecer e ter nome não contribui em nada para mudar a sociedade e nem faz parte da cultura.

Porque a cultura Hip Hop é uma cultura solidária, os 4 elementos tem que estar juntos, agora, se você procura valorizar só a pessoa, a liderança do grupo, pra mim isto não tem valor, não significa muito. Quando a Nega Gizza teve aqui na cidade ela falou uma coisa que eu pensei bastante. Ela falou que hoje em dia a cultura Hip Hop está cada um para o seu lado. É isto mesmo. Aqui em Juiz de Fora está cada um para o seu lado, ninguém está preocupando com os outros, com o bairro, com os irmãos da periferia, cada um para o seu lado, cada um quer fazer o seu, o seu CD, o seu grupo e o resto não tem muita importância, você só é chamado se você vai prestigiar o cara. Eles não preocupam muito em fazer um evento de solidariedade, de organização e conscientização das pessoas (ADENILDE BISPO, 2010).

Além dos grupos citados acima que se destacam no cenário do Hip Hop em Juiz de Fora estão a Zumbreak Crew, grupo de break e o Base Rap, grupo de rap da Zona Norte. Atualmente, a PZP e a Jotaefe Crew estão conversando e começando a se juntar outra vez. Segundo Erê dos Palmares (Waldir de Freitas Nascimento), ainda integrante da PZP, os grupos devem se unir, já que o Hip Hop prega a união. “Nós conversamos, lavamos a roupa suja e nos unimos novamente”. (ERÊ, 2010)¹².

Outro destaque é a travesti Xuxú, moradora do Bairro Santa Cândida, que começou a ter contato com o rap também através da Rádio Mega FM e se tornou rapper. Sua trajetória no Hip Hop começou na PZP, onde, segundo ela, adquiriu mais respeito. “Por ser rapper gay e preta ainda por cima, tem muito preconceito, tem o preconceito sobre negro, sobre o gay. Dentro da posse eu tô tendo mais respeito das outras pessoas” (XUXÚ, 2005)¹³.

Xuxú já gravou CD e também um vídeo que se tornou sucesso no Brasil, “A Pantera Cor de Rosa¹⁴”. Seu vídeo concorreu no VMB (Video Music Brasil) do canal MTV na categoria Web Hit do Ano de 2009, recebendo mais de 8 milhões de votos segundo a matéria do site ACESSA.COM em setembro de 2009¹⁵.

¹² Entrevista à autora.

¹³ Entrevista extraída do Documentário “Posse Zumbi dos Palmares – A periferia em ação”.

¹⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=ygQ6ZnboEFU>. Acesso em 26 de Maio de 2010.

¹⁵ http://www.acesa.com/xiis/arquivo/noticias/2009/09/29-xuxu_vmb. Acesso em 26 de Maio de 2010.

A rapper Xuxú é administradora de uma Organização de MCs, a “C4e” – cultura dos 4 elementos – que promove eventos na cidade ligados ao Hip Hop como o “Premiando os melhores do Hip Hop em Juiz de Fora” realizado no dia 1º de abril deste ano. (XUXÚ, 2010)¹⁶.

A “C4e” organiza ainda este ano um filme intitulado “O CLIP”, de aproximadamente 50 minutos, apresentando as fases dos artistas do Hip Hop em Juiz de Fora. O filme será exibido no dia 17 de julho no Centro Cultural Bernardo Marcarenhas¹⁷.

A delimitação de todos os grupos presentes e atuantes em Juiz de Fora é um pouco difícil devido à rotatividade já mencionada por Bispo. Além disso, acreditamos que o fechamento da Rádio Mega FM e a suspensão do Programa Juiz de Fora nos Trilhos da Paz contribuíram para a dispersão dos grupos de Hip Hop e para a diminuição do número de eventos promovidos na cidade o que parece refletir na auto-estima dos integrantes destes grupos.

No próximo capítulo apresentaremos a trajetória do Ministério Galera de Cristo e do grupo Harmadilha do Guetto. Em seguida analisaremos as letras dos seus raps procurando verificar a existência de um conteúdo educativo e contestatório.

¹⁶ Entrevista à autora.

¹⁷ Comunidade da ONG no Orkut (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=97807862>). Acesso em 30 de junho de 2010.

“Quando você vê essa metamorfose, essa ociosidade que tem dentro da periferia você vê pessoas brilhantes, todas elas inovadoras que tem a capacidade de fazer algo, narrar através da poesia o seu cotidiano, isso pra mim é Hip Hop”
(Negro Bússola em depoimento para o documentário “A flor da laje”)

“Eu sou prova de que o Hip Hop resgata os jovens que estão nas drogras, que estão entrando para as drogas ou que às vezes estão pensando em sair da escola, não querem estudar mais. Então a nossa mensagem ajuda bastante os jovens a pensarem um pouco diferente e o Hip Hop me ajudou muito.”
(J.C em entrevista à autora)

“A função da Cultura Hip Hop é passar informação.”
(Zói em depoimento para o documentário “A flor da laje”)

“A informação é uma maneira de dar continuidade à cultura, porque sem informação a cultura morre.”
(Adenilde em depoimento para o documentário “A flor da laje”)

“A função do Movimento Hip Hop é mostrar para as pessoas como é a cultura, como que é na periferia. Porque muita gente fala que na periferia só acontece assassinato, drogas, não, não é isso. Na periferia tem várias coisas. E o Hip Hop é isso, resgata as crianças da vida do crime e faz vários projetos dentro da comunidade para levar para o centro.”
(Michel em depoimento para o documentário “A flor da laje”)

4 RAPS QUE COMUNICAM EDUCAÇÃO

Adrian José Padilla Fernández estudou duas rádios comunitárias – a Esperança e a Companheira – dos bairros São Mateus e Cidade Tiradentes, respectivamente, da Zona Leste de São Paulo e avaliou sua relação com movimentos sociais. Ele aponta a importância do Hip Hop nessas rádios:

Essa dinâmica de produção cultural serve de estímulo para estudar os problemas que sofrem a comunidade, o país. Descobrir quem é o responsável pelos sofrimentos do povo. Identificar as políticas do Estado que afetam a comunidade. *Também consideram que o rap é uma forma de informar, de comunicar, uma maneira de passar informações que não saem nos grandes meios (rádio, TV, jornais etc.)* [grifo nosso]. Estão conscientes da força que tem esta expressão cultural como elemento de politização e de reafirmação orgânica. (PADILLHA FERNÁNDEZ, 1998, p. 98-99)

É possível perceber que a discussão sobre o aspecto educativo das canções de rap não é recente. E este trabalho procura avaliar se grupos presentes em Juiz de Fora cumprem esta função através de suas letras e trabalhos.

Percebemos que o rap proporciona a comunicação para a cidadania, uma vez que eleva a auto-estima dos jovens e os impulsiona a refletir e reivindicar seus direitos na sociedade. Adenilde destaca o Hip Hop como um instrumento para exercer o papel de cidadão:

Eles [componentes do Harmadilha do Guetto] descobriram que têm talento para escrever, através da cultura Hip Hop eles se tornaram alguém, se tornaram uma pessoa admirada pelas outras, não é um Zé ninguém qualquer. Igual muita gente que fazia programa na Mega, ai eu encontrava com eles, o Marcelinho falava: “antigamente eu era o Marcelinho da Mega, agora eu não sou ninguém”. Então a cultura Hip Hop, ela dá aquele destaque para a pessoa, eleva a auto-estima (ADENILDE BISPO, 2010).

Dj Hum também acredita no papel educativo do rap. Ele defende a mudança através da auto-estima provocada nos jovens, o que pode afastá-los do mundo das drogas: “É uma revolução, mas uma revolução cultural. É uma coisa que costuma faltar ao pobre [auto-estima]. Com a música, a dança, a gente consegue isso. O moleque fica à pampa e larga a

droga” (BIONDI, 1998, p. 21).

Em entrevista a Revista Caros Amigos edição especial sobre o movimento Hip Hop, Marcelo Buraco, o Marcelinho do Grupo Profetas da Revolução, um dos fundadores da Associação Cultural Negroatividades na periferia de Santo André, conta o processo de aprendizagem para a produção das letras. Segundo ele, a posse se reunia para estudar as origens afrodescendentes que a escola não ensina. E fala que nos encontros era discutido a importância de estudar para escrever uma letra, para saber o que está falando e passar uma mensagem consciente. E assim conta que o grupo começou a ler vários livros e a aprender a história de Zumbi.

Na Negroatividades tem uma biblioteca e os rapazes costumam levar recortes de artigos de revistas e jornais com tudo o que se refere ao Hip Hop, ao movimento negro, questões políticas africanas e brasileiras. Muito desse conhecimento é transformado, depois, em letras de rap. (AMARAL, 1998, p. 5)

A matéria cita a posse Força Ativa e seu projeto “Vamos ler um livro” que partiu de uma letra de rap e se transformou na conquista da biblioteca em Cidade Tiradentes, assunto também mencionado por Padilla Fernández em sua dissertação. “Porque tem que estudar, ler, é o jeito da gente evoluir e poder ser um ator social, mudar as coisas que estão aí” afirma Weber, apontado como integrante da posse na época (AMARAL, 1998, p. 7).

O movimento também contribui para a educação informal, já que as letras dos raps trazem nomes de personalidades importantes na luta contra o racismo, revolucionários, líderes que lutaram no passado por melhores condições de vida.

Robson, outro jovem citado na matéria, enfatiza que a alternativa de protestar com as letras faz o grupo se sentir forte. Os jovens sempre citam a importância de ler para se informar e saber o que está ao redor, fazem referência a Malcon X e Zumbi dos Palmares.

Amaral (1998) descreve a função de Nino Brown, da Zulu Nation Brasil, na confecção de fanzines quando fazia parte da Posse Hausa, que vai de biografias de personagens negros da história do Brasil, como a escrava Anastácia, Zumbi dos Palmares,

José do Patrocínio, Luís Gama, Clementina de Jesus, aos norte-americanos, Martin Luther King e os ídolos James Brown, Funkadelic e George Clinton, do Parliament.

Pimentel (1998) conta a história de um festival de rap no bairro Sapopemba, na Zona Leste de São Paulo e de um padre que resolveu apoiar o movimento do local quando percebeu o respeito presente entre os jovens e, por isso, uma aproximação com os princípios cristãos. Padre Xavier comenta o que levou o interesse pelo movimento:

Isso aconteceu numa época em que decidimos mudar nossa forma de atuação com os jovens: em vez de tentar fazê-los se interessar pelas atividades que nós propúnhamos, passamos a buscar aquilo por que eles se interessam. *Vimos que as idéias e a forma de atuação do Hip Hop são úteis no processo de educação* [grifo nosso]. (PIMENTEL, 1998, p. 13)

Pimentel aponta a função educativa do Hip Hop, através das lições aprendidas pelos jovens:

No rap, por exemplo, ganha prestígio quem tem a poesia mais elaborada. Como para fazer uma boa letra de rap é preciso estudar história, compreender a situação de nossa realidade e, mais importante, inventar maneiras de expressar tudo isso com as palavras, o processo de educação não acontece mais como uma obrigação vazia, passa a ter sentido. Mesmo que daqui a dez, quinze anos a dura realidade da periferia afunde seus pequenos sonhos de fazer sucesso com um grupo de rap, grafite ou break, esses milhares de garotos com certeza terão aprendido a olhar a realidade de forma crítica, a exigir seus direitos, a trabalhar em grupo, e isso não é pouco. (PIMENTEL, 1998, p. 15)

Thaide critica o culto a líderes negros norte-americanos em detrimento dos brasileiros. Para ele, todos citam as personalidades importadas, esquecendo do líder negro Zumbi dos Palmares que resistiu e lutou contra a escravidão do Brasil, por exemplo (BIONDI, 1998).

4.1 MINISTÉRIO GALERA DE CRISTO

Neste item iremos apresentar a história e atuação do Ministério Galera de Cristo na comunidade do bairro Santa Efigênia e região, na cidade de Juiz de Fora. Além disso, analisaremos três raps do grupo procurando identificar seu caráter educativo.

4.1.1 Histórico e atuação do grupo

O Ministério Galera de Cristo foi formado há onze anos, a partir da conversão de Jefferson da Silva Januário, o Negro Bússola, na Igreja de Deus localizada no bairro Ipiranga. Mas oficialmente registrado o grupo possui nove anos de existência. Para entender a formação do grupo é necessário contar a história de Jefferson, o “líder articulador”, como se autodenomina.

Jefferson ainda não era conhecido por Negro Bússola. Frequentava bailes funk e participava de uma equipe de dança chamada “Equipe Tufão” que era formada por dois grupos: um carente financeiramente e outro vindo de famílias abastadas. Para se adaptar e obter os mesmos bens materiais (roupas e tênis de marca) a turma começou a cometer pequenos delitos (UMBELINO, 2008).

A partir daí passou a ser usuário de droga, começando na maconha e indo até o crack. Sua transformação ocorreu quando estava fumando crack num campo abandonado de futebol, no bairro Santa Efigênia, após ter participado de um assalto. Dois policiais militares o encontraram e, um deles, queria executá-lo. “É apenas mais um preto, pobre da periferia. Mata ele!”. Jefferson acredita ter sido salvo por um milagre. Ele prometeu que se sobrevivesse aquela situação abandonaria a vida do crime. E foi o que fez (UMBELINO, 2008, p. 80).

Jefferson se tornou o Negro Bússola. “Negro” para avisar que se trata de um “negão” e evitar possíveis atitudes preconceituosas e “bússola” porque indica o “norte” para os outros jovens, ou seja, um caminho longe das drogas e da criminalidade.

Negro Bússola fez programas na Rádio Mega FM antes de fundar o MGC. Segundo ele, quando decidiu pela vertente da música gospel, foi preciso abandonar a rádio, já que a Mega não dava abertura para este tipo de música. Segundo Bispo, uma das

coordenadoras da rádio, Negro Bússola e seus colegas faziam um programa de charme¹⁸ na Mega e, após algum tempo, saíram para fazer um programa em uma rádio evangélica.

Bússola recebeu o apoio do Pastor José Berto, hoje seu sogro. O pastor percebendo a necessidade de resgatar os jovens das drogas e fazê-los mudar de vida, deu abertura nos cultos para os rappers superando o preconceito e a rigidez dos fiéis. José Berto procurou saber mais sobre o Hip Hop e descobriu que os jovens norte-americanos haviam mudado de vida ao trocarem as brigas de gangue por disputas de dança de rua. Assim, resolveu abrir as portas da igreja para os jovens do Hip Hop.

Negro Bússola (2010) afirma que a visão de resgate é que o fez formar o grupo. O nome veio porque seu grupo antes era conhecido como a “Galera do Bicho”. “Ai nós fizemos a inversão”.

O Galera de Cristo surgiu através de uma necessidade de entretenimento e, contudo, o que está bem próximo do jovem da periferia é pagode, boteco, campo de futebol, Igreja e boca de fumo e nós optamos em seguir o caminho da Igreja e formamos o Ministério Galera de Cristo que perdura até os dias de hoje. (...) Mas o nosso trabalho tem mais projeção social do que evangelístico, embora nós evangelizamos através do projeto. (NEGRO BÚSSOLA, 2010)

O MGC é formado por jovens, evangélicos, negros, em sua grande maioria, e moradores da periferia da Zona Sul de Juiz de Fora, dos bairros Santa Efigênia, Ipiranga e Santa Luzia. São jovens que convivem com a violência, baixa escolaridade e necessidade de trabalhar cada vez mais cedo para sustentar ou ajudar a família. A possibilidade de participar do grupo é uma chance de desenvolver atividades não-obrigatórias, de se vestir com outras roupas que não são os uniformes de trabalho do dia-a-dia e de expressarem suas idéias (UMBELINO, 2008).

O grupo de Hip Hop Ministério Galera de Cristo trabalha com todos os elementos da cultura – o break, o grafite, o MC, o DJ e a informação – além de desenvolver projetos sociais e promover eventos. Segundo Bússola, o Ministério Galera de Cristo possui,

¹⁸ Vertente da música negra ou black music.

atualmente, mais de 20 componentes. “Todos que participam são do Galera de Cristo, já fugiu o número, perdemos o controle do número”. Já o grupo de rap que compõe o ministério, possui quatro integrantes: Neill Dimas, J.C, o DJ Tiago e Negro Bússola.

A idade de todos os componentes do grupo MGC varia entre vinte e trinta e quatro anos, mas eles se referem aos outros e a si próprios como jovens:

A sensação que temos é de que estes rapazes, obrigados a crescer rapidamente para ajudar a família e criar a sua própria que começam cada vez mais cedo, aproveitam a estética da cultura Hip Hop para viverem mais intensamente sua “juventude”, dançando, cantando e vestindo suas bermudas e roupas coloridas. (UMBELINO, 2008, p. 84)

O Ministério Galera de Cristo fundou a Rádio Guetto FM, sem autorização legal, que funcionou de agosto de 2006 a maio de 2007, com o slogan “a comunidade agora tem voz ativa”. Tinha uma potência de 100 watts, quatro vezes superior à autorizada para as rádios comunitárias e por isso alcançava toda a região dos bairros Santa Luzia, Ipiranga, Vale Verde, Sagrado Coração de Jesus e Jardim Gaúcho (UMBELINO, 2008).

Na rádio havia espaço para os pastores e membros da Galera de Cristo, para um locutor assumidamente homossexual que apresentava um programa de fofocas da televisão, para uma estudante de jornalismo de uma faculdade particular estagiar e para tantos outros homens e mulheres (UMBELINO, 2008). Negro Bússola pretende legalizar a Guetto FM.

Hoje, Negro Bússola está com 34 anos de idade, administra a Casa de Cultura Evailton Vilela e se tornou referência para crianças, jovens e adultos. A Casa de Cultura Evailton Vilela foi criada em 2007 e atende mais de 600 pessoas de diversas faixas etárias, que variam de crianças de quatro anos à terceira idade. A Casa de Cultura também possui uma biblioteca destinada a consultas e pesquisas, conforme apontado no blog da instituição¹⁹.

O nome Evailton Vilela é em homenagem a um jovem respeitador e trabalhador da comunidade que se envolveu com as drogas na adolescência e foi assassinado na cidade de São Paulo, onde foi viver com a mãe e o irmão, em busca de uma vida melhor, segundo

¹⁹ <http://casadeculturaevailtonvilela.blogspot.com>. Acesso em 24 de Maio de 2010.

informa o site da Casa.

Os trabalhos sociais desenvolvidos pela Casa seriam alternativas e instrumentos de resgate de crianças e jovens que facilmente se envolvem com drogas, prostituição e outros malefícios disponíveis: “Sentimos a necessidade de dar um basta a esta situação cultivando em nosso povo a política da boa vizinhança, a cultura, o esporte, a arte, a educação e a responsabilidade social”.²⁰

Para participar das oficinas os alunos pagam uma taxa simbólica que varia de R\$ 3 a R\$ 10. Mas por se tratar de uma comunidade de baixa renda, nem todos tem condições de pagar e, segundo Jefferson, isto não os impede de realizar as atividades²¹.

O Museu da Memória da Pessoa Comum, outro projeto da Casa, foi aprovado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) para concorrer a um recurso destinado a sua realização²². O objetivo é resgatar e preservar a história de pessoas comuns

Além disso, o grupo conta com o projeto Culinária, em que a Casa de Cultura oferece curso de culinária e reaproveitamento alimentar, ministrado pelo professor Nilton Gate. Existe também o projeto Rádio Escola desenvolvido em escolas da rede pública da cidade que procura incentivar o gosto pela leitura e a democratização da comunicação. Entre os projetos futuros está a criação de uma oficina audiovisual ligada ao projeto do museu.

O Café com Hip Hop, conforme apontado anteriormente, é uma das principais atividades promovidas pelo grupo. O encontro também proporciona o aumento da auto-estima conforme observado por Umbelino:

Vemos que estes rapazes estão capacitados para manusear os equipamentos e o que há de mais novo em termos de tecnologia. E, esta capacitação é, para a grande maioria deles, que tem baixa escolaridade e por isto mesmo só conseguem empregos com baixa remuneração e prestígio social (lavadores de carros, office-boys, vigias e ajudantes na construção civil são algumas das ocupações dos garotos entrevistados),

²⁰ <http://www.casadeculturaev.org.br>. Acesso em 24 de Maio de 2010.

²¹ http://www.acesa.com/direitoshumanos/arquivo/noticias/2009/08/15-casa_de_cultura_evailton_vilela. Acesso em 25 de Maio de 2010.

²² http://www.acesa.com/direitoshumanos/arquivo/noticias/2010/03/18-projeto_unicef. Acesso em 25 de Maio de 2010.

a chance de serem “admirados” e assumirem a posição central nos eventos dos quais participam. (UMBELINO, 2008, p. 107)

Este evento promove a aproximação dos jovens vindos, geralmente, da zona leste, sul e norte de Juiz de Fora, em ambiente familiar, conforme observado por Umbelino (2008). Nele, homens e mulheres têm a chance de vestir roupas largas, fazer os penteados afros e ser alguém neste contexto de invisibilidade em que vivem. Seria um ambiente de refúgio do contexto em que são taxados, muitas vezes, de marginais, e onde imperam os padrões “brancos” de beleza.

Umbelino (2008) ressalta que um dos jovens, presentes no Café com Hip Hop do qual ela participou, reclamou que as iniciativas de socialização e apresentações do grupo do qual faz parte não eram noticiados na imprensa, o que daria uma ideia de que os moradores de sua região seriam apenas marginais, já que somente eram publicadas as ocorrências policiais.

Negro Bússola explica que o grupo começou a fazer montagens de letras evangélicas nas batidas de rap, com uma mensagem mais direta, para alcançar jovens que continuaram na vida do crime e das drogas. “Com isso, nós conseguimos agregar alguns jovens através da nossa iniciativa de associar o nosso modo de vida com a nossa ideologia cristã” (NEGRO BÚSSOLA, 2010).

Seu primeiro contato com o Hip Hop foi através das músicas norte-americanas.

Ele analisa o estilo:

Foi na década de 80, já tinha algumas vertigens das músicas norte-americanas, mas era a batida Gangster, que era batida mais seca, contínua e com pouca presença de agudo, era mais grave, com palavras muito repetitivas, não tinha tanta criatividade para o cara diversificar a música. Então a gente ficava meio limitado e não se prendia muito a essa linha de rap. Eu me adaptei e me aproximei mais e gostei do estilo quando entrou a junção com a música melódica que é bem presente nas igrejas norte-americanas que é a gospel music. (NEGRO BÚSSOLA, 2010)

Mas Bússola afirma ter conhecido o rap através das músicas do Racionais quando eles gravaram o álbum “Raio X do Brasil” em 1993. Contudo, já estava familiarizado com o

estilo devido a proximidade que o funk miami²³ tinha com o rap, uma vez que era adepto do estilo funk.

Além de ser bem presente as letras que eles [Racionais] passavam, elas são atuais. Então ele atualizou a nossa linha de raciocínio, até hoje a gente consegue ver o raio-x da periferia através das letras do Racionais, isso pra mim foi como uma arma de militância que valeu muito e vale até os dias de hoje. (NEGRO BÚSSOLA, 2010)

Bússola assegura ser bastante eclético quanto ao seu gosto musical. Suas influências são o bolero, o sertanejo, o samba, todos os tipos de música, com exceção do dance e trance. “A música ela é agradável dependendo do seu estado de espírito, ela vem para complementar e temperar” (NEGRO BÚSSOLA, 2010).

Apesar de ser um grupo evangélico, o MGC faz apresentações em diversos lugares e eventos. Recebem mais convites das rádios seculares do que das evangélicas, segundo Bússola. O líder prefere se apresentar fora das igrejas, onde ele afirma sofrer críticas e ser vítima de preconceito, de algumas pessoas evangélicas, pelo trabalho realizado no MGC.

Bússola fala dos grupos que popularizaram e difundiram o rap no meio evangélico: “O profeta não tem valor na sua casa, nós fomos o primeiro grupo aqui [em Juiz de Fora] e foi preciso surgir Pregador Luo, Apocalipse 16, DJ Alpiste em outros lugares para eles falarem que tinha uma forma de se pregar o evangelho através disso [do gênero rap]” (NEGRO BÚSSOLA, 2010).

Sobre o processo de produção das letras, Bússola certifica que todos os integrantes participam: “Eu, Fabrício - o FLC [antigo integrante], o Neill Dimas e o J.C cada um tem a sua letra que apresenta para o grupo e a gente adapta na linha que o cara tá passando. Às vezes, em uma música cada um faz sua própria parte” (NEGRO BÚSSOLA, 2010).

²³ Um tipo de música Hip Hop que se tornou popular nas décadas de 1980 e 1990. Conhecido por usar as batidas continuadas da caixa de ritmos e, ocasionalmente, conteúdo sexualmente explícito o que o diferencia de outros subgêneros do Hip Hop. (http://www.miamibass.com/miami_bass_history.html acesso em 21 de Junho de 2010).

Segundo Bússola, o grupo procura retratar o valor do ser humano para Deus. Ele comenta como são feitas as composições:

A gente fica submisso à inspiração, não tem um processo, às vezes ela vem em um momento, às vezes a gente pega algum tema que está em alta, em pauta, a gente tenta adaptar. A gente se entrega mais em uma coisa divina, genuína, porque as nossas letras, a gente tenta tornar elas atuais. Então a gente dá mais ouvido à inspiração espiritual do que o momento, a empolgação. (NEGRO BÚSSOLA, 2010)

J.C (Júlio César da Silva) outro integrante do grupo entrevistado para esta pesquisa, teve seu primeiro contato com o Hip Hop através da Posse de Cultura Hip Hop Missionário Antônio Conselheiro e com o grupo Rajada Verbal. J.C cantava funk antes de conhecer o Hip Hop. Ele entrou em contato com as pessoas da posse e passou integrar a Antônio Conselheiro.

Além de ser um dos MC's do grupo, J.C também compõe. O jovem de 28 anos fala de suas influências musicais e do estereótipo, muitas vezes, criado em relação aos rappers:

Às vezes as pessoas que olham para o rapper, pra quem faz parte da cultura hip hop, acha que o cara não tem uma cultura musical, uma influência musical boa, eu posso te falar que é muito pelo contrário, porque eu tenho um gosto muito eclético. Eu ouço de tudo que você imaginar, desde Milton Nascimento, samba, fundo de quintal, Roberto Carlos, Elvis Presley. O meu gosto musical é música boa, o que você conseguir definir de música boa é o meu gosto musical, eu gosto da música (J.C, 2010).

Sobre os temas abordados nas letras, J.C garante que são fatos da comunidade, do cotidiano, histórias de amigos, da sociedade, como a política, a ciência. E, além disso, procuram priorizar a Palavra de Deus como o refúgio para as situações de injustiça denunciadas no rap e como uma possibilidade de melhores condições de vida. Os jovens do MGC apresentam em suas composições alternativas à vida do crime, das drogas que se baseiam em princípios bíblicos, em uma nova vida apresentada pelos evangélicos.

Geralmente como o Hip Hop tem uma função de reivindicar e de protestar, a maior parte dos raps eles protestam melhores condições para a sua comunidade. Então a nossa linha de raciocínio vem de fatos que acontecem na comunidade, não só na comunidade como no meio político, social, até mesmo coisas voltadas mais para a ciência. Essa é a função do Hip Hop, de protestar, de falar sobre o político que se corrompe, sobre o jovem da comunidade que se envolve com drogas, histórias de

amigos que nós conhecemos, que seguiram o caminho errado e tiveram um fim trágico. E dentro desse fim trágico dele a gente coloca o outro lado da moeda, o lado que a gente conseguiu encontrar um caminho melhor. Essa é a nossa função dentro do rap, além de colocar a palavra de Deus como prioridade, porque é o foco que a gente tem, de seguir a palavra de Deus que foi a maneira que nós, do grupo, encontramos de ter uma vida melhor. E essa é a nossa função dentro do Hip Hop. (J.C, 2010)

J.C conta que foi dependente químico durante 12 anos, vivia na marginalidade, e, a partir do momento em que conheceu o movimento Hip Hop, sua trajetória mudou. Ele encontrou uma maneira melhor de ocupar seu tempo e, ainda, ajudando outras pessoas. E mais do que ser resgatado, conforme a missão apontada por Negro Bússola anteriormente, J.C viu que poderia contribuir para a melhoria das informações e idéias presentes nas letras de rap que ele ouvia e, assim, expressar seu ponto de vista, uma visão diferente baseada nas experiências vivenciadas por ele.

Então pra você ver, eu sou testemunho vivo do que o Hip Hop pode fazer na vida de um jovem, porque foi o primeiro contato, a primeira melhora que eu tive foi através do Hip Hop. Então é muito importante e, pra você ver, eu absorvi a mensagem que eu ouvi nesses grupos que eu fazia parte, eu absorvi aquela mensagem e percebi que aquela mensagem poderia melhorar um pouco mais ainda e comecei a trabalhar para que ela melhorasse. Então eu sou prova do que o Hip Hop resgata os jovens que estão nas drogas, que estão entrando para as drogas ou que às vezes estão pensando em sair da escola, não querem estudar mais. Então a nossa mensagem ajuda bastante os jovens pensarem um pouco diferente e o Hip Hop me ajudou muito. (J.C, 2010)

No próximo item analisaremos três raps do Ministério Galera de Cristo procurando verificar a existência de um caráter educativo e as idéias propostas pelo grupo conforme foram relatadas.

4.1.2 Análise de Raps

Umbelino (2008) aponta que o rap, é um instrumento de denúncia, formação e informação de grande parcela dos jovens ligados ao Hip Hop, uma ferramenta para manifestar insatisfação perante o “sistema”.

A noção de “sistema”, que é muito utilizada por eles, possui uma multiplicidade de sentidos. Pode referir-se ao sistema repressivo, principalmente à polícia, mas

também é utilizada no sentido das camadas dominantes, ou na sociedade em geral, principalmente quando criticam os preconceitos e estereótipos que sofrem como favelados. A “arma” aqui pode ser vista como o domínio da palavra, por meio da qual pode difundir uma leitura própria da realidade, diferente das versões dominantes, que só “iludem a população”. “Repar” é um instrumento de luta. (DAYRELL, 2005, p. 106 Apud UMBELINO, 2008, p. 110)

Em sua dissertação, Umbelino analisa que o MGC não teve que abrir mão de seus valores estéticos, gostos musicais, turma de amigos e do “dialeto da periferia” quando decidiu seguir o caminho dos evangélicos. E com isso reforçam muitos dos valores difundidos pelo Movimento Hip Hop, como manter a distância das drogas, do álcool, a valorização da auto-estima e da informação.

A ênfase na informação é, inclusive, uma das características mais marcantes do Hip Hop, já que, segundo os jovens, há desconfiança com relação às informações veiculadas pela mídia, que representa um instrumento de manutenção do “sistema”. (UMBELINO, 2008, p. 132)

Negro Bússola assegura que conheceu os símbolos da luta contra o preconceito, a discriminação racial através do rap. Ele cita alguns nomes e afirma que procura dar prosseguimento à luta destas personalidades conhecida mundialmente.

Quando eles mencionavam a questão de heróis afrodescendentes como Martin Luther King quando me foi apresentada na música do Racionais. Nelson Mandela, Spike Lee, até então eu não conhecia, eu não sabia que existiam estes mártires da nossa história, mas depois que eu ouvi o rap, eu procurei saber quem eram estas pessoas. E até hoje eu menciono alguns deles na minha letra de rap. Então eu tento dar prosseguimento ao que eles começaram, em outra parte do planeta, mas a metade do que eles passaram lá chegou até nós, como uma informação e uma linha de caminhada. Então eu falo que daqui em diante é comigo, eu vou levar uma caminhada. (NEGRO BÚSSOLA, 2010)

Vamos analisar três letras de raps. A primeira se chama “Tiago 5” fazendo referência ao texto bíblico do livro de Tiago capítulo 5 que condena as riquezas mal adquiridas e mal empregadas. A segunda se chama “Ser negro a vera” que fala sobre discriminação racial e a terceira se chama “Idolatria ao ferro” que fala sobre a violência e o uso de armas. “Tiago 5” e “Ser negro a vera” são letras de autoria do Ministério Galera de Cristo e “Idolatria ao ferro” é de autoria de um dos integrantes, o J.C.

Rap 1: Tiago 5 - Ministério Galera de Cristo

Petrificado, tinha um coração de pedra avassalado pelo poder do opressor.
Inatingivelmente inatingível.
Sentia na pele o desconforto de uma vida espiritual sem Deus.
Tudo conspirava contra os meus atos lascivos
E a inclinação da carne me trouxe vários prejuízos, dores, tormentos,
Lamentos e arrependimentos. Várias feridas ficaram expostas ao sol.
O amor pela luxúria me levaria a indagar o porquê da cegueira pelo dinheiro.
Escravo do arrependimento constante que minh'alma sentia ao meu corpo
Transpirar as sujidades dos atos, freqüentes noites de orgias.
Os prazeres momentâneos deram lugar às conseqüências futuras e claras.
Fatos sem fotos que não registraram a decadência e a condenação eterna
De um milionário.
Lascívia, o mal que assola e conduz o mundo com sua hereditariedade milenar.
Lascívia: enriquecimento ilícito, luxúria, sensualidade, imoralidade sexual,
Que te conduzem ao sofrimento eterno e a condenação brutal.

Refrão

Revolution
Palavra cifrada armazenada no pensamento de um revolucionário
Oxalá eu pudera encontrar com os grandes que fizeram a história no passado
Lutaram e venceram
Humildade e respeito
Sempre foi o green card do gueto
Palavras persuasivas tentaram cegar os meus pensamentos
Aplausos holofotes foram, no mundo, o meu sustento
Da mais alta notoriedade a total degradação
De um povo opulento ao mais opróbrio
Eu descobri o meu lugar
Che Guevara, Steve Biko, Rev. Martin Luther King
Antônio Conselheiro, Serginho do pandeiro e Zumbi
Nenhum destes usaram ou vestiram o mais nobre linho
Vieram do sofrimento
Conheceram o ódio lá dentro
Dificuldades e preconceitos,
Obstáculos encontrados
Nunca os intimidaram
Muito pelo contrário
Conheceram as duas faces do poder
Permaneceram íntegros aos seus ideais.
Da revolução a mão armada
Até a mais simples palavra
Todos são alvos da tirania de um governo corrupto
Lesando um povo inerte que vive no Terceiro Mundo
O maior de todos ainda esta entre nós
Tentaram mas não conseguiram
Calar a sua voz
Escarnecido e cuspidor
Chicoteado, humilhado

Pregava a paz
Fiel escudeiro, amigo verdadeiro
Filho de carpinteiro
Jesus Cristo, o conselheiro
Em jornais, revista, tv
Se vê o fim de todas as coisas
Jesus Cristo está perto de voltar
E se ligue que o momento pode ser já fúria...

[J.C]

Apareça sorrindo
Acredite em si mesmo
A irmã do capital entorpece, mascara
Rouba a tua autonomia, alegando o banal
Senhor egoísmo, senhora aparência, anuncie em tua crença
Louve a tua imagem finge sempre a verdade
Parecia retocada uma alma arruinada
Faço uma narrativa expressa em simbologia
Uh, ensinaram a querer
Uh, proibiram de pensar
Colonizada consciência, Cultura Autoritária.
Repetidor de idéia
O discurso é de massa
Triste é o povo que tem uma elite
Incoerente tanta gente excludente
Que não agüente o horror
Avareza dure o choro sutileza
A lágrima silenciosa desenha tristeza
Encubra, disfarce, exale fineza.
Ao teu convite eu não me envergo
Não me programo pra este século
Minha fé é alicerçada no poder que é eterno.
Cria no Bíblico pregado e serás elucidado.

Conforme apontado, o rap “Tiago 5” faz referência ao texto bíblico. J.C (2010) aponta que o grupo tem facilidade de pegar uma história bíblica e trazê-la para os dias atuais. Compõem o rap associando a mensagem bíblica à situação vivenciada pelos jovens do grupo.

O rap descreve a ilusão trazida pelo dinheiro e bens materiais que promovem uma vida de “prazeres momentâneos” e levam à “condenação eterna”. De acordo com os princípios cristãos, a prática do pecado, dos prazeres, do “enriquecimento ilícito”, da “imoralidade sexual” acarreta a não salvação da alma.

O refrão fala da “revolution”, da revolução dos “grandes que fizeram a história”, que buscaram transformar a situação vigente. Che Guevara, Steve Biko, Reverendo Martin Luther King, Antônio Conselheiro, Serginho do pandeiro e Zumbi são as personalidades citadas que viveram o sofrimento, o preconceito, as dificuldades e não precisaram de riquezas para fazer a diferença na sociedade.

“A humildade o respeito sempre foram o gren card do gueto”. Ou seja, estas virtudes sempre foram as marcas, o diferencial, os identificadores da periferia, confirmando o distanciamento da luxúria, da ostentação criticada pela música.

Assim o personagem do rap vivencia as duas realidades “De um povo opulento ao mais opróbrio”, como as personalidades históricas, como os líderes da revolução vivenciaram. E assim descobre o seu lugar, o seu modo de vida baseado na integridade.

Além disso, menciona que todos são alvos da tirania do governo corrupto que oprime e procura calar o povo. Ao mesmo tempo, também critica o “povo inerte” dos países subdesenvolvidos que não se manifesta perante esta situação de opressão do governo. E, daí em diante, descreve o sofrimento, a violência e humilhação vivida por Jesus Cristo que, ao contrário, pregava a paz e sua condição humilde, reforçando a ideia defendida pelo rap. E assim faz um alerta para o retorno de Jesus Cristo à Terra que julgará os indivíduos por suas ações.

Na segunda parte do rap o sujeito descreve atitudes dissimuladas, hipócritas, baseadas na aparência, na máscara proporcionada por uma vida de glamour e riqueza, mas por dentro a alma está arruinada, ou seja, a pessoa aparece sorrindo, sua vida aparenta ser a melhor possível, mas trata-se de uma fachada que encobre a verdadeira sensação de angústia.

Em seguida, contestam o “discurso de massa” que difunde o consumismo e que impede o ser humano de pensar, que “coloniza a consciência” e difunde uma cultura “autoritária” porque já vem pronta, não é construída por um povo.

O personagem lamenta pelo povo que possui uma elite, que são as classes dominantes que excluem, que discriminam. E novamente refere-se à imagem mentirosa daqueles que choram e disfarçam pelo orgulho, pela aparência.

E finaliza, de forma contundente, que não será levado por este falso estilo de vida. “Não me programo pra este século”, uma crítica à sociedade de massa, à globalização, ao século que programa as pessoas para serem iguais, seres não-pensantes, robôs levados pelo sistema produzido pelas classes dominantes. A linguagem faz alusão à tecnologia, à informática que predominam na sociedade moderna.

Sua certeza está em sua fé que é sustentada no poder de Deus. Os rappers terminam fazendo um convite ao ouvinte a crer na Bíblia porque, desta forma, a vida da pessoa que seguir a sugestão do rap, deixará de ser uma farsa, pois as situações serão esclarecidas.

Rap 2: Ser negro a vera – Ministério Galera de Cristo

“Moedas de cobre, mais tarde peças de Guiné
Na verdade, todas eram moedas de carne”
Casa Grande Senzala
Gilberto Freyre

Ser negro é um desafio
Uma vida marcada por obstáculos diferenças preconceitos
Sobre ele legitimados
Ser negro é um direito que não tem se respeitado
Mazela social apatia pela causa do incivil problema
Democracia racial há outro não há
Ser negro se tornou uma desobediência
Racismo fingido tão mal disfarçado
Ser negro, orgulho, guerreiros persistem sua história de honra
Só os fortes sobrevivem
Ai, te empresto minha pele vamos ver se resiste, políticas afirmativas pode ser o início,
Mas medidas paliativas não romperão o racismo tão enraizado há séculos, excludor
Tantos injustiçados matam, sem pudor
Privando do acesso de alguma ascensão
É fácil calar quem não tem informação
Só tem direito quem o conhece
Consciência crítica mente aguçada para cada situação

A minha opinião formada
Espalho meus versos
Um o povo uma dívida
O intitulo manifesto como faz os socialistas
Mentes entorpecidas pelos veículos de comunicação
Para o racismo é uma saída sim ainda que te ensinem que não
Que ele não existe ou nada deve ser feito assim discursa racista
Ou te informação alheio
Negros não são discriminados porque são pobres
Mas tornam-se pobres porque são discriminados
Somos associados à carência cultural, pobreza, despreparo, feiúra, drogas, acomodados
Na pobreza há brancos
Mas na elite não, é negros
Penitenciárias, universidades crescendo de tamanho, disparidades
Dis – dis – disparidades
Disparidade

Princesa Isabel rainha da elite acordos políticos
Herança do passado essa dívida é do Estado
E se faça o reparo
O suor do negro misturado com o seu sangue
Enriqueceu o Império permitiu o capitalismo ostentou uma classe
Construiu um país, sociedade brasileira hipócrita
Olha no espelho não enxerga a si própria
Tem vergonha do grito do preto do jeito
Moedas de cobre mais tarde peças de Guiné
E na verdade, todas elas moedas de carne
Oh minha nação a sua aparência é fruto do roubo, do estupro, da violação
Falsificação insólita, a todos omitem a verdade sobre os negros
Mulheres negras para serem aceitas buscam a aparência branca
Rejeitam seus traços historicamente ridicularizados
A coisa tá preta, típica expressão racista
Que passa despercebida em falas do dia-a-dia
O mal está tão enraizado que o comum é negro desvalorizado
Não são simples piadas
Mas gargalhadas sarcásticas
Meus olhos, meus olhos não são azuis, são vermelhos
A cor do povo, a chama de um povo que resiste ao rejeito
Que luta para ser aceito
Seja preto ou branco um dia te enterram
No seu peito jogam terra, sua pele apodrece, apodrece, apodrece até escurecer
Igualdade ainda que mais tarde
E essa lei do seu racismo... não pode depor, não pode depor
MGC lutando contra a distância social
A disparidade
Chega de tambor, chega de rebolar, de bater bola
Quanto que essa nação não perdeu?
O quanto que a economia não perdeu?
A medicina, a engenharia
Por descartar talentos negros

Chega de tambor
Sonhamos com uma nação
Sonhamos com um mundo
Onde as pessoas possam ser vistas
A partir do seu desempenho, do seu caráter
E não pela tonalidade
Integração racial, integração social
Pelo fim da disparidade

O rap “Ser negro a vera” protesta contra a discriminação racial. Ele inicia com um trecho da obra de Gilberto Freyre “Casa-Grande e Senzala” de 1933, que retrata o contexto e as relações sociais da época da escravidão no Brasil.

A letra começa a falar das dificuldades, do preconceito enfrentado pelos negros, do desrespeito aos seus direitos de cidadão. Cita a incoerência que existe na sociedade, em que uns defendem que há a democracia racial e outros que não há. Segue descrevendo a presença do “racismo fingido”, “mal disfarçado”, ou seja, a tentativa de dissimular a discriminação. E, ao mesmo tempo, a apatia da sociedade que oculta o problema.

Em seguida é apontado o orgulho de ser negro difundido pelos guerreiros que persistiram em sua história de honra. Certamente, referindo-se aos líderes negros que resistiram à exclusão racial.

“Só os fortes sobrevivem”, um brado significando que somente os fortes resistem à luta contra o racismo. Para vencer, sobreviver é necessário ser valente, resistente. Este trecho mostra que nem todos são capazes de resistir, o que demonstra a realidade de pessoas submissas e conformadas com a situação vigente.

Os autores do rap sugerem que, se a pele dos negros fosse trocada com a dos brancos, estes não resistiriam aos sofrimentos vivenciados pelos negros.

Outro tema abordado é o das políticas afirmativas que procuram sanar o problema, amenizar as consequências da discriminação racial. Segundo a visão trazida no rap, estas medidas paliativas não irão acabar com o racismo que está enraizado há séculos na

cultura brasileira.

A letra descreve que muitos negros injustiçados são assassinados sem pudor, privando-os de ser alguém, de ter uma ascensão social, uma trajetória de vida. Em seguida discute sobre a importância da informação para conhecer os direitos, ter consciência crítica, uma opinião formada sobre os acontecimentos, sobre a condição dos negros. Portanto, aqueles que não possuem informação são facilmente calados. Os versos do rap são comparados ao Manifesto Socialista, são manifestações contra o racismo. Os autores falam dos veículos de comunicação como hipnotizadores, meios que paralisam as pessoas.

Ao contrário do que foi dito sobre as medidas paliativas, os autores dizem que há saída para o racismo. E colocam a pobreza como uma consequência da discriminação. Conforme visto no item 2.2, os jovens são, muitas vezes, retratados como passivos, apáticos assim como abordado no rap: “Somos associados à carência cultural, pobreza, despreparo, feiúra, drogas, acomodados”.

O rap também aponta que existem brancos pobres, mas que são considerados negros pelas elites. E assim finaliza a primeira parte do rap falando da disparidade. A incoerência do aumento de tamanho das universidades e das penitenciárias.

Na segunda parte do rap a Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea abolindo a escravidão no Brasil em 1888, é citada como rainha da elite que, na verdade, não contribuiu para os interesses dos negros, para melhores condições, deixando-os sem amparo. Muitos continuaram a viver como escravos, mesmo após a promulgação da lei, por falta de alternativas, outros ficaram em situação de miséria formando os cortiços que originaram as atuais favelas, onde ainda vivem estes jovens, em sua maioria negros, que compõem os raps.

Em seguida descreve que o trabalho dos africanos escravizados enriqueceu o Império, construiu o país, e a sociedade torna-se hipócrita porque tem vergonha destes negros, omite a verdade em relação a eles e não enxerga sua identidade. Os autores falam que a

aparência da nação é fruto do roubo, do estupro, da violação referindo-se aos maus tratos dispensados sobre os escravos e, de certa forma, sobre os negros atualmente.

Atacam também a estética branca buscada pelas mulheres negras devido à ridicularização dos traços, do cabelo dos negros. Em seguida, citam expressões e piadas racistas que são disseminadas comumente. Assim continuam falando da aparência, falando sobre a cor dos olhos que se tornam vermelhos pela chama da resistência.

O rap mostra que o fim da vida é igual para todos que são enterrados da mesma maneira e, depois, o corpo apodrece. Menciona que o Ministério Galera de Cristo luta contra a disparidade, a discriminação. Chama a atenção dizendo que muitos talentos foram desperdiçados. E, assim como Martin Luther King afirmou em um dos seus mais famosos discursos dizendo que tinha um sonho, os integrantes do Galera de Cristo finalizam alegando o mesmo, que sonham com uma nação, um mundo em que haja integração racial e social.

Rap 3: Idolatria ao ferro – J.C

Canhão engatilhado munido até a boca
Só louco para viver nesta vida louca
Se eu não tivesse um ferro, quem me protegeria?
Território sem lei, Brasil periferia

Muita merla, cocaína, nóia, loucura
Desejo de sangue, ferro na cintura
Recalque embutido ou jogado para fora
Tumulto de infância que vai às forra agora

Todo mundo mordido com o veneno da cobra
Quem sabe é dinheiro ou seu tênis de marca
Só pra mostrar de armado noiado arruma kiaca
Cabeça fraca pistola automática.

A bruxaria novamente colocada em prática
Quem cai, quem ficou de pé, feliz ta Lúcifer
Eu tô ligado, demorô já é
Três pito zero P.T carteira de identidade

Aqui só quer morrer mano que é covarde
Namoro na praça, isca predileta

Pra poluírem o templo é estupro na certa

Roupa curta maquiagem chamam bem atenção
Os manos na viagem de usar um oitão
Humilhar o irmão violentar sua mina
Não precisa se assustar essa é nossa rotina

Rixa de gangue, baile funk na saída
Troca de tiro sempre tem bala perdida
Sangue inocente que a terra nos devolverá
Aqui se faz aqui mesmo vai se pagar

Ponto cinqüenta A.H.K sete meia cinco
Se tá ligado que é real e eu não minto
Na entrada das favelas tem o fogueteiro
Anunciando se vai dar tiroteio no terreiro

Rato cinza versos periferia seja no Rio de Janeiro, J.F, Brasília.
Em qualquer lugar o diabo pronto pra matar, atirando pá pra todo lado pá, pá, pá.
Pra onde eu vou correr aonde eu vou me esconder só andam maquinado é matar ou morrer
É sangue por morte é morte por vida, um deus que cospe chumbo parece ser a saída

Idolatria ao ferro lotando o cemitério
Ai chegou o J.C te anunciando o evangelho.

Refrão

Irmão troque seu ferro pelo evangelho
Troque seu ferro pelo evangelho
Quem com ferro fere com ferro será ferido
Muitos serão chamados são poucos os escolhidos
É terra de homicidas terrorista sanguinário
Satanás fica sorrindo com a doze em cima do armário
Garrucha 22 mata com dois tiros mata quem morreu
Morre também quem deu o tiro

Trinta e oito trinta e dois mini uzi, fazem
Quem escapa hoje é pra morrer amanhã
Sig-Sauer tem setecentos no pente
A lei é olho por olho e dente por dente

Aqui é a G.3 que resolve o problema idolatria ao ferro é o nosso sistema
Mas ai se quer vencer, irmão, se segura
Pode acreditar que só Jesus é a cura
Pode vir com as armas do mundo

Pode vir com os tanques de guerra
Enquanto existir minha fé é Deus no céu e eu na terra
A faca acaba, o corte, o revólver, acaba as balas
Mas os montes de Sião não nunca se abalam

Quero ver o quê fazer na cova do cemitério
Quem vai tirar você da gaveta do necrotério
É serio irmão não é papo de comédia
28 anos de favela não tô aqui pra fazer média
Nem pra pagar de crente de santo, convencido
Sou igual a você, um pecador escolhido
Eu tenho religião, mas só Jesus é a verdade
Não adianta fingir, mentir, usar de falsidade

Se esconder atrás da Bíblia, sagrada escritura
Deus é o criador nós somos as criaturas
Cordeiro te torna filho conforme a sua crença
Aquele que crer faz a diferença

Pensa primeiro irmão antes de agir
Porque depois não tem como fugir
Sua sentença vai ser dada no dia do juízo
Ou o fogo do inferno ou a paz do paraíso

Sua arma não vale nada de frente ao Deus vivo
Então não caia na cilada e vê se fica ativo
Vem pra cá atirar com oração e jejum
E verá que os demônios caíram um a um

As potestades por terra você vencendo a guerra
Com Jesus Cristo nada te fere nesta terra
Seja um soldado, um guerrilheiro, um atalaia
De Juiz de Fora ao D.F samambaia

Lá no Rio de Janeiro profetizo a luz
Não existe facção, é só Jesus
Fique alerta falso profeta é serio
Troque sua arma pela luz do evangelho

Refrão

Irmão troque seu ferro pelo evangelho
Troque seu ferro pelo evangelho
Quem com ferro fere com ferro será ferido
Muitos serão chamados são poucos os escolhidos

O terceiro rap possui, como os demais raps analisados, gírias, um dialeto próprio dos rappers, a chamada “linguagem periférica”. Exemplos como “ferro” que é o revólver, “nóia”, a loucura, “kiaca”, o problema, “rato cinza”, o policial.

O rapper inicia a primeira estrofe denunciando a periferia do Brasil como um território onde não há lei, em que os jovens apelam para a proteção das armas. Depois faz

menção às drogas e à violência presentes no cotidiano dos jovens como consequência das confusões e sofrimentos vividos na infância, recalques que afloram na juventude.

E assim o jovem arruma problema, se apropria de uma arma para ter dinheiro, um tênis de marca. E o autor diz que Lúcifer fica feliz com a situação de miséria e violência do jovem, fazendo referência à passagem bíblica que aponta Lúcifer como o anjo caído que procura atrapalhar os planos de Deus para os homens e mulheres.

O que identifica o jovem é a arma, a droga, a violência. O rapper aponta o estupro e a intimidação através das armas como uma das rotinas da periferia. Outros fatos citados como rotina são as rixas de gangues nas saídas dos bailes funk, o tiroteio e as balas perdidas.

Em outra estrofe, o autor cita alguns tipos de arma de fogo e a estratégia dos traficantes que deixam pessoas, à espreita, vigiando a possível chegada da polícia que é anunciada com os fogos de artifícios. E assim começa o tiroteio entre a polícia (rato cinza) e os “da periferia”. E o diabo é mencionado associado à morte, ao tiroteio.

A situação do envolvido na vida do crime é descrita sem opções ou saídas, ou ele mata, ou ele morre. E nesta condição, a arma se torna o deus do jovem, pois o protege e o faz sentir forte, confiante capaz de realizar qualquer coisa. Esta sensação supre a carência, o recalque, a desestrutura familiar, a ausência de expectativa vivenciada por estes jovens.

O rapper mostra que esta “idolatria ao ferro”, colocando a arma como deus, aumenta a mortalidade dos jovens da periferia. E como alternativa, o rapper apresenta o evangelho. Ele sugere ao ouvinte do rap, ao jovem, que troque o “ferro” pela palavra de Deus e cita um versículo bíblico de Mateus 22:14, “Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos”, quando Jesus falava em parábolas aos seus discípulos. Deixando assim um alerta para que o jovem mude seu caminho e seja um dos escolhidos.

Na segunda parte do rap, o rapper inicia falando sobre a terra de homicidas e terroristas sanguinários como fatos do cotidiano e cita, mais uma vez, Satanás alegre com este

contexto de violência.

Em seguida menciona mais alguns modelos de armas e descreve a circunstância da violência daqueles que se livram da morte hoje, mas provavelmente não se livrarão no dia seguinte, num lugar onde a lei é olho por olho, dente por dente, mencionando outro texto bíblico de Mateus 5:38, em que Jesus ensina os princípios do amor ao próximo, o contrário do contexto descrito por esta suposta lei da periferia.

Mas o sistema das favelas é o da “idolatria ao ferro”, segundo a letra. Porém o rapper aponta que para o jovem vencer é preciso da cura que é Jesus. Sendo assim, podem haver todas as armas do mundo, tanques de guerra que não irá adiantar porque Deus é quem protege. As armas, as munições acabam, e aqueles que confiam em Deus não se abalam porque são fortes como os montes de Sião, fazendo menção ao texto bíblico de Salmos 125:1.

O rapper fala sobre a morte, “cova do cemitério”, “gaveta do necrotério” mostrando que ao chegar a este ponto, o jovem não terá mais alternativas. E se dirige diretamente ao ouvinte, afirmando ter experiência de 28 anos na favela e, por isso, conhece o contexto da violência, dizendo não estar brincando ao cantar os versos do rap.

Além disso, menciona que sua intenção não é se mostrar superior, como um religioso sem erros, mas como um igual ao jovem para quem está cantando, uma pessoa com falhas, mas que deseja apresentar a verdade que é Jesus. O rapper faz referência ao Dia do Juízo, mencionado na Bíblia como o dia em que Jesus julgará as pessoas conforme seus atos. Portanto, alerta o jovem para fazer a escolha de ir para o inferno ou para o paraíso.

Em outra estrofe, o autor diz que a arma não tem valor frente a Deus, e usa uma metáfora: “Vem pra cá atirar com oração e jejum”, ou seja, a munição seria a oração e jejum para afastar os demônios que se alegram com a violência e com o assassinato dos jovens. E, assim, se vence a guerra em qualquer lugar do Brasil.

O rapper finaliza fazendo uma profecia para o Rio de Janeiro, conhecido pelo alto

índice de violência, dizendo que lá haverá a luz do evangelho, e, assim, não existirão grupos criminosos, somente Jesus, após a guerra vencida pela oração e jejum. Mais uma vez, alerta o jovem em relação ao falso profeta que procura enganar se passando por Deus e sugere que ele troque sua arma pela luz do evangelho.

Considerações – Os raps analisados acima educam conforme a religião que oferece alternativas, um refúgio espiritual em Deus, e estabelecem um caráter cristão que recusa a vida do crime, o tráfico de drogas, a vingança, a hipocrisia, a ostentação, a violência e a discriminação.

A utilização do termo “green card”, a menção de Che Guevara, Steve Biko, Martin Luther King, Jesus Cristo, do sistema capitalista evidenciam o hibridismo apontado por Hall em que novas identidades híbridas estão tomando o lugar das identidades nacionais com o crescimento da mistura cultural que é resultado da globalização.

As letras discutem a necessidade de se ter informação, conhecer os direitos de cidadania, reforçando a ideia trazida por Covre (ver capítulo 2) em que os cidadãos devem ser sujeitos daquilo que pretendem modificar, ao invés de serem meros receptores.

Os autores também criticam a mídia, a linguagem preconceituosa, os costumes que reforçam a aparência branca, o pagode e o futebol como identificadores da cultura, conforme visto anteriormente no item 2.2. Cogo (2004) discute que as mídias são configuradoras das identidades culturais, propõem modos próprios de existência e estruturação da realidade tornando-se um ethos produtor de sentido. Diante do que, portanto, tem-se ainda maior necessidade de serem receptores ativos.

Sovik (2005) aponta a branquitude na mídia brasileira como um valor, uma função social. A mídia veicula a cultura hegemônica e o resultado é a aparência branca, uma vez que a branquitude continua sendo um projeto para a nação de auto-imagem positiva. Além

disso, a autora destaca o Hip Hop como ativismo do negro e forma de justiça racial. Estas questões estão presentes nos raps, que, inclusive, mencionam líderes negros no sentido possível de educar para outras referências.

Para Schaun (2005), a musicalidade é a mais visível representação da influência afro-descendente na formação cultural brasileira. Quando se fala em Brasil fala-se em ritmos e tambores conforme trazido no rap.

É possível perceber a educação para a promoção da paz salientada no rap que critica o porte de armas, a violência na periferia e a estrutura do mundo do crime. Cassab (2006) aponta as dificuldades enfrentadas pelos jovens para a inserção no mercado de trabalho, para continuar nos estudos, escapar do desemprego e, com isso, acabam procurando alternativas no envolvimento com o crime organizado, na dependência química e em outras formas de exploração e abuso.

4.2 HARMADILHA DO GUETTO

Neste item iremos apresentar a história e atuação do grupo Harmadilha do Guetto na comunidade do bairro Santa Cândida e região na cidade de Juiz de Fora. E, de igual forma, analisaremos três raps deste grupo procurando identificar seu caráter educativo.

4.2.1 Histórico e atuação do grupo

O grupo Harmadilha do Guetto foi formado em setembro de 2007, idealizado por Zói que convidou Michel e J.C para conversar e planejar o possível trabalho do grupo. A amizade, a afinidade e a concordância de suas ideologias, os levaram a iniciar o grupo de rap (MICHEL, 2010)

Os rappers MCL (Michel Aparecido), Zói (Alexandro Rodrigues Lima) e J.C (Júlio César Oliveira Ferreira) são jovens entre 18 e 27 anos, moradores do bairro Santa Cândida, periferia de Juiz de Fora. DJ Nonô (Luiz da Conceição Bispo), 47 anos, é o produtor do Harmadilha do Guetto. Adenilde Petrina Bispo, 58 anos, não pratica nenhum elemento da cultura Hip Hop como cantar, compor ou montar as bases, mas atua no quinto elemento que é a informação, pesquisando, instruindo os jovens e ajudando em eventos.

Adenilde ensina os jovens sobre questões da História do Brasil, do contexto sócio-econômico e político do país e fornece livros e materiais educativos que os auxiliam em suas composições. Assim, Adenilde integra o grupo e, além disso, quando citada pelos jovens é reconhecida como referência. Eles a respeitam e admiram como uma mãe que disciplina, corrige quando necessário e também compartilha das conquistas e alegrias do grupo.

A escolha do nome Harmadilha do Guetto é explicada por ela:

Harmadilha porque eles falam muito de sistema, que o sistema arma muitas armadilhas pra você consumir, pra você ficar desinformado, alienado. Então o Harmadilha do Guetto vem desmontando as armadilhas que o sistema faz, por exemplo, armadilha pra alienar o povo. Através dos raps eles vão desmontando as armadilhas da alienação, da falta de consciência, da falta de solidariedade e de todas as tramas que o sistema faz. E “do Guetto” porque vem da periferia, nós somos o gueto. Na favela, na periferia mora a maioria do povo negro, então é o gueto. (ADENILDE BISPO, 2010)

Segundo Michel, o grupo não possui um líder. Os integrantes procuram entrar em acordo com as opiniões uns dos outros. Havia outro integrante no Harmadilha do Guetto, desde sua fundação, o DJ Paulo É (Paulo Roberto Malta), mas ele se desligou do grupo este ano e, por isso, DJ Nonô que sempre foi responsável pelas gravações, assumiu também a função de DJ.

Nonô produziu um clipe “Vivendo na periferia”, uma parceria entre o Harmadilha do Guetto e Guettow X, um grupo de rap da cidade de São João Del Rei composto pelos integrantes: Osso (Watilla Guimarães), L.D (Leandro), Piteco Gx (Felipe) e Mano Vini

(Vinícios)²⁴. O clipe foi gravado no bairro Santa Cândida, em Juiz de Fora e pode ser visto dividido em duas partes no site do Youtube²⁵.

O grupo participa do Café com Hip Hop e de eventos que são organizados na cidade pelas pessoas ligadas ao movimento, como o concurso “Premiando os melhores do Hip Hop em Juiz de Fora” realizado em abril deste ano no Centro Cultural Pró Música e promovido pela rapper Xuxú (ver capítulo 3). E também eventos organizados pela prefeitura. O grupo organizou um evento, em 2009, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas que foi o pré-lançamento do CD do Harmadilha do Guetto, que ainda não foi lançado por falta de recursos.

O Harmadilha do Guetto também se apresentou no Centro Socioeducativo do bairro Santa Lúcia, em Juiz de Fora, uma unidade destinada a prestar assistência a adolescentes em conflito com a lei²⁶.

O primeiro contato de Michel com o Hip Hop foi numa festa no bairro São Benedito, vizinho ao bairro Santa Cândida, quando a PZP apresentava um rap. Daí em diante ele se enturmou com os integrantes da PZP, com Adenilde e com os demais jovens que freqüentavam a Rádio Mega FM (MICHEL, 2010).

Zói teve seu primeiro contato ouvindo um programa do DJ Nonô na Rádio Mega. Ele gostou do que ouviu e foi fazer uma visita à rádio. A partir daí conheceu Adenilde, aprendeu mais sobre a cultura, começou a apresentar um programa na Mega, o “Conexão do Rap” e a formar grupos de rap (ZÓI, ADENILDE BISPO, 2010).

As influências musicais do grupo são bastante variadas, vão desde o rap ao samba e MPB. Michel cita alguns grupos do rap internacional e nacional como suas influências:

É lógico que é o Rap né. O Rap nacional, internacional, umas baladas black. Mas quando eu falo de Rap dos Estados Unidos não é “50 Cent” e “Snoop Dog” não. São

²⁴ <http://palcomp3.com/guettowx/#>

²⁵ Parte 1 em (<http://www.youtube.com/watch?v=zstMayVpB18>) e parte 2 em (http://www.youtube.com/watch?v=j19iO_crfwc&feature=related)

²⁶ <http://www.acesa.com/cidade/arquivo/jfhoje/2007/12/03-iptu>

os rappers “gangstão” (referindo-se ao Gangsta Rap²⁷) mesmo que ninguém conhece, como Wu-Tang Clan, Mos Def, os caras que são gangsteres mesmo, os caras que mandam as idéias positivas, não é só baladinha não. [No rap nacional] Eu sempre curto grupo que não tem visibilidade, curto Racionais, RZO, Sabotage, Dina Di, grupo que não tem muito nome é que eu gosto de ouvir bastante, igual o “Sistema Negro” que teve, mas deu uma caída. E o “Facção Central” em primeiro lugar, é aí que eu me inspiro em fazer uma letra de Rap. (MICHEL, 2010)

Zói cita primeiro Bezerra da Silva, Jorge Ben Jor, Tim Maia e Zeca Pagodinho.

Dentro do rap elege “Conexão do Morro”, “Facção Central”, RZO e Realidade Cruel. Zói diz não “curtir” grupos internacionais, somente os gangsteres citados por Michel, mas não elege nenhum grupo de sua preferência (ZÓI, 2010).

Sobre a organização do Harmadilha do Guetto, Michel, Zói, J.C e Nonô participam da elaboração e escolha das bases. As letras também são produzidas em conjunto. Geralmente Zói inicia as composições para J.C e Michel finalizarem.

O Júlio César que fica mais nas bases e eu e o Zói ficamos mais, vamos dizer, na contenção. Ai ele [Júlio César] vai mexendo lá no computador bota uma caixa, um sample²⁸, ai monta uns quatro tempos, ai a gente fala “ah não vamos voltar isso, vamos tirar isso”. Então a gente trabalha em conjunto, não é nem um, nem outro, é em conjunto. Às vezes a gente tá enrolado, ai o Nonô vem dá umas idéias, faz umas paradas pra nós. Nós quatro praticamente trabalhamos tudo em conjunto. (MICHEL, 2010)

Segundo Michel, ele procura retratar nas letras seu cotidiano, a sociedade e, para isso, pede informações e livros para Adenilde para fundamentar seus pensamentos.

A gente sempre vem aqui na Adê [Adenilde] e pede umas informações, a Adê passa umas informações pra nós, peço uns livros, uns livros de poesia, uns livros da história do Che Guevara, a gente tira umas idéias baseando nisso. É como eu te falei, assim que a gente cismar, a gente pega e faz. (MICHEL, 2010)

O rapper afirma que procura questionar o “sistema”, a política e a polícia através das letras do rap. E a inspiração acontece quando algo que ocorre na sociedade o incomoda:

²⁷ Uma vertente do rap nascida nos Estados Unidos na década de 1980. Suas rimas falavam das desigualdades, do racismo, da brutalidade da polícia, problemas que afetavam a comunidade, rixas que aconteciam nos guetos e sobre o tráfico de drogas. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rapper>. Acesso em 4 de Junho de 2010).

²⁸ Do verbo samplear: utilizar trechos de registros sonoros antes realizados para montar uma nova composição (geralmente musical). Esta prática é muito comum entre os rappers. www.dicionariodoaurelio.com. Acesso em 7 de Junho de 2010.

Pra falar a verdade nós “metemos o pau” no sistema mesmo, política, essa política tá embaçada, principalmente, polícia também. O dia que a minha neurose me atacar eu pego um papel e uma caneta e escrevo, aí quando vou ver é uma letra, aí eu mostro pro Zói, o Zói fala que tá certo, aí o Zói vem e coloca a parte dele. Não tem assim “o que eu vou escrever hoje?” não tem esse negócio não. A hora que cismar de fazer faz mesmo (MICHEL, 2010).

Zói procura retratar a comunidade para os outros bairros, mostrar os movimentos e as coisas boas que existem dentro da comunidade e não somente as coisas ruins conforme aponta. Para compor, Zói também se inspira nos livros e nos ensinamentos de Adenilde. Mas ele explica que é preciso colocar estes assuntos de uma maneira que chame a atenção dos “moleques”. O rapper acrescenta as informações em meio às batidas e rimas como uma estratégia, em que o rap torna-se um instrumento de educação.

De vez em quando eu chego aqui [casa da Adenilde] dou uma ideia na Adê, se eu posso fazer uma visita à biblioteca, dou uma olhada nos livros. Por exemplo, gostei desse assunto aqui, aí eu pego e levo, chega lá em casa eu dou uma olhada, depois começo a fazer as rimas. Não é montar, a gente vai falando e sempre no meio a gente coloca, vai mandando, vai cantando, para os moleques prestarem atenção também, porque se eu chegar e ficar falando só “Zumbi fez isso, aquilo” ele não vai gostar. Então a gente escreve o que eles gostam e no meio vai mandando o que eu busco nos livros da Adê. (ZÓI, 2010)

Zói pretende reiniciar junto com Adenilde um projeto para levar o Hip Hop para a Escola Municipal Santa Cândida que fica no bairro, que já era realizado por eles quando integravam a PZP²⁹. O objetivo é fortalecer o movimento através da visibilidade, informar as crianças, ensinar sobre a cultura para resgatar as atividades, contribuindo para o exercício da cidadania e da educação informal. Segundo Zói, a atual diretora da escola já autorizou a execução do projeto.

No próximo item buscaremos encontrar em três raps do grupo Harmadilha do Guetto estas questões aqui levantadas e seu caráter educativo, procurando confirmar a intenção a que se propõe este grupo.

²⁹ Para mais informações sobre o projeto ver Lahni (2005, p. 147).

4.2.2 Análise de Raps

Para Michel a personalidade da periferia é o rap e os jovens querem ouvir músicas que retratem sua realidade e, por isso, o faça sentir bem. Ele acredita que o rap complementa a educação dada em casa pelos pais:

O pai e a mãe sempre fala “não anda com as pessoas erradas, companhias erradas, não se envolva com isso e aquilo” ele acha que o pai e a mãe ta pegando no pé, só que quando ele escuta um Rap ele sabe que é verdade que tá acontecendo, que o Rap passa essa informação. (MICHEL, 2010)

Zói (2010) acredita que a música alerta os jovens para possíveis problemas e, conseqüentemente, previne, evita que os mesmos aconteçam. O rap mostra o testemunho de vida ou a história de algum jovem que teve um fim trágico, o que pode prevenir o ouvinte a seguir um caminho errado, como tornar-se dependente químico, entrar para o tráfico de drogas, para a vida do crime.

Porque o rap não é balada, não é festa. A música é pra você parar, analisar e pensar. Igual o Zói falou: prevenir. É como se fosse dar um aviso, o pai e a mãe já deu [o conselho] e escutando aquilo ali [o rap], eu te garanto que ele [o jovem] vai escutar, e não vai entrar em um ouvido e sair no outro. (MICHEL, 2010)

Zói define que o rap é a arte educadora. Michel complementa explicando que o rap educa e é parte da escola da vida. Segundo ele, com a educação que vigora no país, o jovem prefere ficar nas ruas “ele prefere tirar 10 na rua do que tirar 10 na escola” e frequenta a escola somente para merendar. Zói questiona que as professoras falam somente de Princesa Isabel e se preocupam com o salário do final do mês. Michel completa apontando que as professoras de colégio público desconhecem a cultura negra, a história dos líderes negros como, por exemplo, Zumbi dos Palmares³⁰.

³⁰ A Lei Nº 10.639 de 9 de Janeiro de 2003, sancionada pelo presidente Lula, obriga todas as escolas de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, a ensinar a História e Cultura Afro-Brasileira. (Extraído dos sites: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=9403)

Zói (2010) afirma ter aprendido muito com Adenilde, principalmente, sobre a História do Brasil e utiliza estas informações no rap. Ele cita uma das músicas que serão analisadas “Deus não dorme”. Zói se refere ao episódio da Independência do Brasil como um golpe aplicado por Dom Pedro e pelos colonizadores que roubaram as riquezas do país.

Adenilde garante que aprendeu muitas coisas quando começou a ouvir rap há 10 anos, aproximadamente. Através do Racionais começou a conhecer a história, a cultura negra, os heróis negros que nunca tinha ouvido falar, apesar de ter cursado Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Lá na faculdade eles não ensinavam, estão ensinando agora com a lei do Lula, mas não ensinavam a história da África, não ensinavam a história do povo negro. Então você saía de lá sem saber que o negro teve uma história no Brasil. A não ser aquela que o negro foi trazido da África como escravo e contribuiu na comida, na música, na roupa, só. Mas a gente não sabia quem era Zumbi dos Palmares, Dandara. Não sabia quem eram os outros heróis, Luís Gama, Luísa Mahin, o próprio João Cândido da Revolta da Chibata, isso nunca foi falado dentro de uma aula de história da Universidade Federal na época. (ADENILDE BISPO, 2010)

Segundo ela, o rap a despertou para pesquisar sobre a história dos negros. Além do Racionais, Adenilde cita outros grupos que informam e produzem conscientização, quando contam a história da chegada dos negros ao Brasil, quando citam Steve Biko, Malcolm X, Martin Luther King e Marcus Garvey em suas letras e quando denunciam o racismo. A cultura Hip Hop procura mostrar esta trajetória, porque nasceu nos guetos negros, afirma Adenilde Bispo (2010).

A seguir, analisaremos três letras de raps do Grupo Harmadilha do Guetto. A primeira se chama “Classe Dominante”. A segunda “Deus não dorme” e a terceira “O rap tá aí”. Todas as canções são de autoria dos integrantes do grupo. Sendo a última uma parceria com o grupo Guettow X.

Rap 1: Classe Dominante – Harmadilha do Guetto

Classes dominantes que tomam a favela
Loucos tão na rua com o dinheiro a te espera

Se prega a palavra experimento é normal
No decorrer do tempo procurando alavencala
Ai maluco acabou seu sonho veinoculou
Rotina toma você esquina ganha o seu ser
No proceder da tocaia fica debaixo da saia
E toda rapa te espera querendo a sua alma
Falar pra você não teve cole de truta
Diz... família pedindo calma pagando o seu fim

Se sua alma seguir quem é que vai te seguir?
Alguém vai tá te esperando só para destruir
Favela é paz, crime, violência, muito mais
A armadilha tá pronta soldado de Alcatraz

Vem na trilha sonora no gueto preto sereno
Se te humilha lacraia no bote pro veneno
Vielas, carro bem louco vem no olhar sublime
Cordão de ouro no pescoço já mostra que é o crime

A guerra urbana domina ensina a treta fraca
Cavaleiro de monta favela é nossa cara
Mas saca existe preconceito mano é sinistro
Tipo de armênios condenado ao canibalismo
Nas fotos mortos soldados de turbantes e rifles
Playboy só da favela gozando só de Civic Civic Civic Civic

Só quem vive revela gueto jogado no mudo
O rap é nossa voz brilha no fim do túnel
A nossa intenção é abrir a sua mente
Só pra tentar viver num gueto diferente
O sonhos dos maluco é ter uma setegalo
Se atravessar senta o dedo sem pagar de otário
Cotidiano intenso pivete vira-volta
A auto-estima baixa acha longe a escola

Castelo fada criança não se espelhou mais
Critério fada lembrança os verme jogam pra trás
Mas a sociedade nos encara com medo
Nos olhos desconfiança manipulado
Sem paga de comédia ninguém quer ser robô
Te dou controle remoto sem implorar favor

Rap dominante pega o boy em ação
Que chega como um veículo de comunicação
Se os branquinho não gosta então fazer o quê?
De vocês queremos mais, na gíria quebro você
Sem querer ser na humildade informação guenta ai
Respeito mais liberdade bibão sempre a seguir
Dá um rolê na quebrada os manos cumprimentar
Não interessa a sua função temos que respeitar

Sé é traficante ou ladrão não teve oportunidade
E encara a situação de frente a sociedade
De frente a sociedade

Na vara criminal exclui os cara e tal
Depois jogam na cela achando que é animal
Mas se você der uma chance será que ele muda?
A Harmadilha do Guetto lado a lado com a rua
Mas o terror está em todo lugar
Periferia Brasil país de classe A
Ataques às embaixadas 98 lembra
País primeiro mundo na Tanzânia e no Quênia
Será que vai ser assim? Periferia caos
Alta do petróleo nervosismo mundial
Favela é louca nos matam para viver
Só quem tá dentro sabe, esse é o nosso proceder
Mas tá tranquilo mano, queremos te avisar
Pensando às vezes boy onde cê vai pisar
Mas tem relíquia mano queremos dispensar
Pensando às vezes é nós, favela tá no ar
Harmadilha do Guetto vem pra ficar

A letra do rap “Classe Dominante” retrata o cotidiano da periferia, a linha tênue que separa o jovem do crime e sua facilidade de acesso aos bens materiais que seduzem estes jovens. A canção revela as diferenças e a ostentação feita por aqueles que aderem ao crime, andando de carros caros (como o Honda Civic). E, ao mesmo tempo, outros estão mortos com suas armas em punho semelhante aos soldados do Oriente Médio.

Em seguida, o grupo menciona que o rap é uma oportunidade de revelar a realidade do gueto que vive emudecido, na esperança de transformar a situação “viver num gueto diferente”. A letra também protesta a falta de oportunidade de expressar as mazelas sociais de pessoas que vivem na periferia, negligenciadas pela sociedade e pela mídia.

Em outra estrofe, os rappers expõem a baixa auto-estima presente entre os jovens que abandonam a escola e não têm perspectivas para o futuro. Segundo os integrantes do Harmadilha do Guetto, a sociedade tem medo, desconfiança dos moradores da favela.

Adiante, os autores constatam que ninguém que ser robô, ou seja, ser manipulado, ser aquele que executa ordens de seu dono. Neste caso eles podem estar se referindo a ser

robô do tráfico, da sociedade, da mídia, da política e de outras instituições que procuram seres que não questionam o status quo, a ordem estabelecida.

Logo, os rappers comparam a música “rap” a um veículo de comunicação que surpreende, informa e derrota através das palavras e ideologias os jovens pertencentes à classe dominante.

Depois apontam a necessidade do respeito, das boas relações com as pessoas, independente de sua função, seja um traficante ou um ladrão. Ao mesmo tempo, mostram que os criminosos não tiveram oportunidades e, por isso, não tiveram opção à vida do crime. Uma maneira de compreender, analisar a condição de vida da periferia. Ou seja, os traficantes e ladrões não são pessoas ruins, mas não tiveram oportunidade e encaram esta situação em conflito com a sociedade que não ofereceu condições melhores de sobrevivência.

Seguindo uma linha de raciocínio, os rappers criticam a justiça e o sistema prisional, onde as pessoas são deixadas como animais. E levantam uma questão: “Mas se você der uma chance será que ele muda?”. Esta pergunta leva à reflexão das poucas chances oferecidas aos jovens ou daqueles que, muitas vezes, ganham e desperdiçam ou, simplesmente, não querem mudar.

Em outra estrofe, contestam a situação de terror existente em todo o mundo. Relembrem os episódios dos ataques às embaixadas norte-americanas na Tanzânia e no Quênia, a alta do petróleo e o nervosismo mundial. Fatos que refletem no cotidiano das favelas, tornando a periferia um caos.

Os rappers criticam a situação das favelas em que se matam os jovens como forma de sobrevivência, fazendo alusão às guerras entre policiais e traficantes. Para eles, somente quem está dentro da periferia pode saber como é sua realidade.

Por fim, fazem um alerta aos jovens de modo que saibam como vão proceder na periferia. Mesmo com a sedução do dinheiro, “mas tem relíquia mano”, que possam dispensar a vida do crime assim como o grupo Harmadilha do Guetto.

Rap 2: Deus não dorme – Harmadilha do Guetto

Bendito seja o Senhor que me adestram as mãos para a batalha
E os dedos para a guerra solta o som

Deus muito obrigado por olhar por todos nós
Conhecer nossa gíria sabe que o rap é nossa voz
Periferia truta tem que entender com ela
A cada mil humano coração bate favela
O sonho da coroa é ver o filho lendo livro
Alguns se manipulam pra cair dentro do abismo
Esporte é sua sorte entrar pro crime é azarado
Quer mansão, cordão de ouro ai trutão? É embaçado
Querem tênis importado que na loja ontem viu
Tanto faz eles quer mais até desfilam de fuzil
Até dentro da escola você vale o que tem, tem
Se tá de celular da hora então ta tudo bem, bem
Esse é o capitalismo que levam eles pro crime
Se é da hora é, se não é eles oprimem
Cultura eles não têm, saúde tanto faz
Na fila do SUS são tratados como animais
Martirizado, vagabundo
Deus nunca dorme
As sete chagas do martírio truta enorme
Agora jaz no seu peito um caso nunca visto
Aos sete passos que um dia magoaram a Cristo
É sonho penso amor sendo a risonha
Crer ou não crer é tudo que os preto sonha
Ter sangue de guerreiro lutar até umas horas
Não cair no santuário pra fazer sua história
Você não sabe eu sei, então
Não fique em estado de choque, então
Na margem do Ipiranga ele nos deu um belo golpe
Roubaram a nossa terra, a cultura e a fauna
Tudo que há de valor só não roubou a nossa alma
Então se liga trutão enxergue o ponto de vista
Ao lado a lado da moeda, cara e coroa reflita

Deus não dorme sabe que a favela chora
Deus ainda sente cheiro de pólvora
Deus não dorme porque pensa em gente morta
Deus com certeza por nós todos ora

Dívidas cruéis, momentos cruéis
Destinos cruéis, mina beijando os seus pés

Deus não dorme porque acorda com barulho de tiro
Pessoas se matando ou então na cinta de um menino
Ouvindo o choro do bebê que sendo espancado
Pela mãe que vendeu sua alma pro diabo
Isso normalmente está acontecendo
Policiais, traficantes pessoas morrendo
Deus criou o mundo como se fosse um paraíso
E os seus filhos estão jogando ele pro abismo profundo
Ecuridão e de terror
Um lugar vago sem carinho e sem amor
Deus não dorme porque está sempre preocupado
Seus filhos se matando servindo pro lá de baixo
Como não se preocupar? Gente morrendo nas cadeias
Policiais matam de 1016 e escopeta
Invadem as favelas sem se preocupar com as pessoas
No fogo cruzado gente tá morrendo a toa
Pessoas andam nas ruas com muito medo
No meio das balas perdidas nego larga o dedo
Como Deus vai sossegar se vivemos num pesadelo?
Seqüestradores levando reféns pro cativoiro
Todo dia sai uma nova arma pra usar
Um novo fuzil prontinho pra disparar
Como viver bem se esse país não te proporciona
Deus não dorme aqui porque esse país é uma vergonha
Assaltante de banco, criança chorando, famílias aos prantos, pessoas se matando
O mundo tá igual, nada se alterando
Deus nunca dorme, Deus vive chorando
De ver os seus filhos se matando e se drogando
Ouvindo a família lhe pedindo proteção
Conversando com Deus através de uma oração

Então
Deus não dorme sabe que a favela chora
Deus ainda sente cheiro de pólvora
Deus não dorme porque pensa em gente morta
Deus com certeza por nós todos ora

Dívidas cruéis, momentos cruéis
Destinos cruéis, mina beijando os seus pés

O rap “Deus não dorme” denuncia a violência presente no cotidiano dos jovens pobres e negros, o consumismo que estimula os mesmos a viverem no mundo do crime e apontam a divindade como umas das vítimas que sofrem com a situação apresentada e

também como refúgio, já que se trata de um ser superior que contempla todos aqueles que estão inseridos no contexto de miséria.

Os rappers iniciam agradecendo a Deus dizendo que Ele compreende as gírias e o rap, a voz destes jovens do grupo. Segundo eles, é preciso se entender com a favela, ou seja, compreender as relações estabelecidas neste contexto para que se possa viver bem. Os integrantes do grupo se mostram como autoridades, referências, aqueles que detêm o conhecimento necessário dentro dos guetos.

Em seguida, mencionam o sonho das mães de ver os filhos lendo livros, estudando, tendo perspectiva de uma profissão, de ser um cidadão honrado. Em contrapartida, falam daqueles que são manipulados e caem no abismo, seguem caminhos errados e, muitas vezes, perdem a vida precocemente.

O esporte é mencionado, comumente, pela mídia e pela sociedade em geral como uma forma de dar dignidade e afastar os jovens da situação de risco. Os rappers trazem esta temática: “Esporte é sua sorte, entrar pro crime é azarado” ironizando o esporte como sorte e o crime como azar. Uma crítica às soluções apresentadas pela sociedade.

Em outro trecho condenam o sistema capitalista que estimula o consumo exacerbado (mansões, jóias, tênis, aparelhos eletrônicos), a sociedade que valoriza as pessoas por suas posses, como responsáveis por levar os jovens ao estilo de vida criminal, para terem acesso a estes bens que lhe são negados e, assim, deixarem de ser oprimidos e discriminados.

No verso a seguir, denunciam o descaso em relação aos pobres e negros que são tachados de desprovidos de cultura e, além disso, são desprezados pelo sistema de saúde que os tratam como animais. Em seguida descrevem o martírio, a aflição sofrida pelas pessoas em comparação com a sofrida por Cristo. “Deus não dorme”, os rappers colocam a divindade no mesmo nível dos mortais, como aquele que sofre, chora, convive com a situação retratada.

Eles apontam que o sonho dos negros é poder lutar conforme os guerreiros, mas não para serem santos e fazerem história, mas, possivelmente, solucionar a situação. E, assim, citam o episódio da Independência do Brasil que marcou a história, mas não transformou a posição de dependência do país. Os rappers encerram a estrofe chamando o ouvinte à reflexão.

O refrão reforça a ideia do sofrimento vivido por Deus ao contemplar a violência. Ao mesmo tempo traz um refúgio dizendo que o próprio Deus ora por todos os que vivem neste contexto. Ou seja, a aflição é tão grande que o próprio Deus a quem deveriam recorrer em oração, ora por eles. Uma descrição de impotência diante dos problemas ou a única solução a que podem se apegar.

Outro trecho do refrão revela a incoerência entre a crueldade da violência, do crime, do tráfico e as jovens que adulam aqueles adeptos do crime, que ganham status pelo poder das armas, dos bens materiais e do domínio das favelas.

Na próxima estrofe os rappers descrevem o cotidiano de violência, tormento e terror. Barulho de tiros, mães que espancam filhos, policiais e traficantes sendo mortos, policiais que entram nas favelas com descaso pelas pessoas, pessoas morrendo nos presídios e seqüestradores com seus reféns. Deste modo, eles fazem uma comparação entre Deus associado às coisas boas, que criou o mundo como um paraíso e o diabo associado às coisas ruins, à própria violência, àqueles que se matam, à mãe que espanca o filho.

Descrevem também o medo das balas perdidas que atormenta as pessoas. Toda a situação é comparada a um pesadelo. Os rappers denunciam que a cada dia surgem novos modelos de armas e, outra vez, mencionam a falta de solução. Eles encerram dizendo que Deus não dorme porque ouve a oração das famílias que lhe pedem proteção.

Rap 3: O rap tá aí – Harmadilha do Guetto e Guettow X

Harmadilha do Guetto, piteco e Guettow X presente

Eu sou favela Harmadilha do Guetto, mas tô naquela viela
Olhei que só o extremo assim desperta
No olhar do moleque a gente pode notar
Qualquer segundo nem se mexe ele pode disparar
O ódio na mente influencia os cara
Se ele é sofredor na multidão mais um nada
Pega o pano e sai 1-5-7 é o artigo
Se a favela vende mídia assim não é conhecido
E a quebrada satisfeita tá rolando a festa
No caminho ele enfrenta um vagabundo e já era
Ai tio qual que foi vamo ali dá uns dois
Tem dinheiro à revelia, mas deixa a festa pra depois
Porque favela é assim cê já nasce sofredor
Com muito ódio na mente, guardando muito rancor

Eu sei neção psicológico diz
Eu quero ver se da zica se um dia eu caio lá no xis
Eu to tranqüilo os mano ai me fortalece lá dentro
Mas se houver desacerto eu vou ficar no sereno
Tamo levando a sério truta não tem diversão
O povo tá manipulado caindo em contradição
Então, e os comédia que quer aparecer
Poder prevalecer não é assim que tem que ser
Por quê? Eles levantam vagabundo e te derruba
Pergunta de onde vem se é classe alta ou se é da rua
O gueto prevalece já tomou a cena
Problema, já tá até nas telas de cinema
Estão nos usando, achando louco os pano
No rap nunca esquece, ai pinóquio eu vou levando
Mostrando para o boy que a nossa cena é real e tal
Se liga jou literatura marginal
Banca H-G sem discriminação
Representando o rap fortalecendo os irmãos
Capão Zona Sul essa já foi minha quebrada
Zona Leste J-F Zói chega na parada

Consciente na mente MCL tem que ser
É o exército do gueto lutando até morrer

O rap tá aí só quem é vai ficar
Comédia só levanta se a mídia ajudar

Mas pros comédia favela sempre representei
Pros nóia na quebrada vacilou não tem vez
Sempre digo vê o sangue pérola na areia
Fizeram tipo na história dos Panteras Negras

Ai jogaram a pedra dos noventa pra cá
Preto matando preto desse jeito não dá
O rap tá aí vindo pra conscientizar
Só quem é no exército, na quadrilha vai formar
As festas vem ai falam Feliz Ano Novo
Sempre a mesma merda no outro ano de novo
Nego tirando você se é da sua quebrada
Mas alguns te respeita se na mídia bota a cara
Se cair na mídia vagabundo perde a linha
Vai fazer rap de fé rebolar quem nem modinha
E a mulherada muito louca pulando até sair do chão
Que nem as burguesinha, franzinha, dois fuzil na mão

O rap tá aí só quem é vai ficar
Comédia só levanta se a mídia ajudar

Mas o rap tá aí quem se diverte eu só lamento
M-P Harmadilha botando a cara, vai vendo
Aquele cara do artigo hoje está abençoado
Parou com as treta errada agora não é tirada
Já me disseram um dia mano é só acreditar, acreditar
Tira o vício não faz zói gordo pegar
Alguns colocam os canos debaixo da blusa
Pensando em sentar o dedo em vagabundo da rua
Mas hoje há esperança até debaixo da chuva
Mas a fé continua traz na orelha arruda
E os moleque da quebrada acha que eu sou liderança
Alguns só respeitam os que metem na balança
Distribuindo vários quilos, acha que isso é demais
Só quem é vai fica no rap pregando a paz
Pela mídia ou não, vocês vão nos notar
Só quem é no exército na quadrilha vai formar

O rap tá aí só quem é vai ficar
Comédia só levanta se a mídia ajudar

Os comédia vagabundo

“O rap tá aí” fala do cotidiano da favela de sofrimento, drogas e violência. O grupo menciona o ódio e o rancor como sentimentos que vem desde o nascimento e permanecem constantes na mente dos moradores da favela.

O trecho “na multidão mais um nada” denuncia a massificação dos indivíduos que promove a baixa auto-estima, a desvalorização do ser que comparado e igualado à multidão não tem perspectivas.

Os rappers descrevem a sedução e o convencimento pelas drogas e pelo tráfico. E, ao mesmo tempo, falam da contradição das relações que existem no tráfico. Porque o jovem é reconhecido e protegido, mas por qualquer desentendimento fica em perigo, “eles te levantam e te derrubam”, ou seja, uma vida instável e cercada de medo.

Em seguida, criticam o fato de a periferia ter se tornado alvo das telas de cinema, como os filmes que se popularizaram mostrando o dia-a-dia das favelas. Deste modo, os rappers afirmam que estão sendo usados junto com os jovens da periferia, quando são mostrados pela mídia. Mas, através do rap “que nunca esquece”, o grupo procura falar da cena (a vida) real.

Logo depois, despertam o ouvinte a prestar atenção na “literatura marginal” trazida no rap. Neste caso, os próprios rappers definem o rap como um instrumento da educação informal.

Os integrantes do grupo se referem a si mesmos, a banca H-G (Harmadilha do Guetto), que representa o rap e fortalece “os irmãos”, os jovens da periferia, uma vez que falam de sua realidade e denunciam as mazelas sociais. Portanto, fazem referência à necessidade de consciência e de luta do exército do gueto, dos jovens unidos no mesmo propósito, lutando até a morte.

O refrão critica a música de má qualidade que somente se destaca devido à ajuda da mídia, mas quem é verdadeiramente do rap de contestação permanecerá. O grupo diz que sempre representou a favela para aqueles descompromissados com a realidade, que produzem músicas sem contestação.

Os rappers denunciam o descaso da polícia que mata os jovens, caso estes cometam delitos. Fazem uma comparação com a história dos Panteras Negras³¹. Segundo eles,

³¹ Um partido negro revolucionário fundado nos Estados Unidos na década de 1960 para proteger os guetos da brutalidade da polícia, sendo acusado de atos criminais e, posteriormente, hostilizado pela polícia. O partido foi desfeito na década de 1980.

dos anos 1990 em diante a situação dos negros foi esquecida e, atualmente, os negros estão matando os próprios negros. E desabafam que desta maneira não tem como continuar, para isso o rap vem conscientizar.

Os autores apontam a ilusão das festas de final de ano que prometem mudanças, porém as coisas continuam sempre as mesmas. Para os rappers, algumas pessoas só respeitam o grupo de rap se ele estiver na mídia. Porém, ao entrar no mercado fonográfico o grupo perde a linha que seguia anteriormente, começa a esquecer as ideologias, fazendo somente músicas padronizadas para rebolar, conquistar fãs e ter mulheres sujeitas ao apelo sexual explorado pela mídia. Eles lamentam por aqueles que não levam o rap a sério.

Os integrantes do Harmadilha do Guetto mostram que mesmo no contexto de violência, em que os jovens saem com armas pensando em matar, há esperança, há a fé. O grupo se revela como liderança sendo considerado por outros jovens. Em contrapartida, revelam que existem aqueles que só respeitam os adeptos do tráfico, que distribuem drogas pela periferia.

Para os rappers, só irão permanecer aqueles que pregam a paz através do rap. Somente os que lutam pelos mesmos ideais irão se unir. O grupo admite que serão notados, com ou sem a ajuda da mídia.

Considerações – Os raps do Grupo Harmadilha do Guetto educam através das informações contidas em suas letras. Seja através da descrição do cotidiano e das “regras” da periferia alertando adolescentes e jovens sobre a ilusão da vida do crime, seja pela descrição dos fatos da sociedade desigual.

Ao mesmo tempo denunciam a falta de oportunidades oferecidas no país, e, conforme também apontado por Cassab (2006), as dificuldades de inserção no mercado de

trabalho e continuidade dos estudos que abrem o caminho para o dinheiro fácil obtido no tráfico e nos assaltos.

O grupo mostra que está distanciado e procura sempre manter-se afastado deste contexto como um exemplo a ser seguido pelos demais jovens informando sobre as possíveis conseqüências da “vida desregrada”. Assim, o grupo se coloca como liderança, educando pelas letras e pelo exemplo comunicado.

Os integrantes retratam o contexto de violência das favelas, porém apresentam conselhos, saídas. Diferente do que é retratado na mídia que, muitas vezes, generaliza os fatos e parte de estereótipos. Com isso, muitas pessoas parecem confundir o rap com música de bandido. Conforme apontado por Silva (2008), a sociedade culpa os jovens oriundos das classes menos favorecidas pela violência no país e a mídia contribui para esta visão estereotipada e preconceituosa. Isso, uma vez que os jovens, na maioria das vezes pobres e negros, aparecem nos jornais e telejornais em matérias relacionadas à violência, prostituição e tráfico de drogas conforme apontado por Silva, Pereira e Lahni (2008).

Assim como é trazido nos raps apresentados acima, Paixão (2009) discute as mazelas em que vivem os negros e negras como conseqüência da discriminação. O autor salienta o problema de desemprego, o trabalho informal, as piores condições de acesso aos bens de uso coletivo, como o acesso ao atendimento médico informado pelo rap. Convivem com os problemas de violência, apresentam menor esperança de vida entre outros fatores.

Apesar de serem tachados de aculturados assim como denunciam na letra, estes jovens do Harmadilha do Guetto passam a ter voz e a realizar uma participação política através do rap, provocando mudanças na sociedade, conforme apontado por Prysthon (2005).

A autora também discute o fato destes jovens serem alvo da sociedade consumista que direciona seus produtos para eles. Paiva (1998) salienta a produção de estilos de vida feita pela mídia, padronizando gostos e estendendo a influência. Algo recorrente nas letras que

trazem, de forma crítica, o tênis importado, as jóias, os carros, a indústria fonográfica, a valorização do sujeito por suas posses.

Hall (2006) também aponta que a identificação com as culturas de origem como identidades defensivas em resposta à experiência de racismo e de exclusão, manifestada contra comunidades, é uma forma de fortalecer as identidades locais como podemos observar na citação do partido revolucionário dos negros nos Estados Unidos, os “Panteras Negras”.

Paiva (1998) destaca o estabelecimento da fé comum para a relação de pertencimento, o poder reivindicatório que objetivam melhores condições de vida como é possível perceber no rap que cita a todo o momento a figura de Deus em oposição ao diabo.

E por isso, os raps são veículos de comunicação popular e alternativa como os próprios rappers do grupo afirmam. Eles são meios de expressão das lutas populares, representam um espaço de participação democrática, seu conteúdo é crítico-emancipador, reivindicativo, tem o povo como protagonista principal, sendo um processo democrático e educativo, é um instrumento político das classes subalternas para externar suas concepções de mundo e procurar construir uma sociedade mais justa, conforme a definição de Peruzzo (2006).

5 CONCLUSÃO

O contato com a disciplina Comunicação Comunitária na Faculdade de Comunicação, a necessidade de realizar o jornal mural “A voz do morro” para as comunidades dos bairros Santa Cândida, São Benedito e Vila Alpina junto aos trabalhos de colegas de classe aproximaram esta acadêmica do Hip Hop, trouxeram-lhe grandes amigos e ensinaram a visualizar a comunicação como instrumento de mudança da sociedade.

Logo depois, surgiu a ideia de produzir um documentário para explicar o Movimento Hip Hop. “A Flor da Laje” concedeu – ao grupo produtor, do qual fez parte esta acadêmica – um prêmio entre os três melhores vídeos da I Mostra Regional de Vídeo, no VI Encontro Regional de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Este documentário, que encerra com um clipe do grupo Harmadilha do Guetto, o interesse e a identificação pelo tema, e demais reflexões obtidas ao longo do curso, motivaram a autora a aprofundar no contexto do Movimento Hip Hop em Juiz de Fora.

Encontrou-se grande receptividade por parte dos grupos cujos raps foram analisados e das pessoas envolvidas ao movimento o que facilitou a realização do presente trabalho. Foi possível comprovar que os raps do Ministério Galera de Cristo e do Harmadilha do Guetto promovem a educação informal trazendo temáticas da história do país, a trajetória de luta contra a discriminação racial no Brasil e no mundo, as desigualdades sociais presentes na sociedade, entre outras. E também a educação para a cidadania, já que as canções alertam para a importância do conhecimento dos direitos, dão voz aos jovens, promovem a participação popular e aumentam sua auto-estima.

Os próprios jovens organizam, compõem sua forma de se comunicar e exteriorizar seus pensamentos, suas idéias e manifestações. Os rappers revolucionam através das palavras que atingem seu alvo transformando a realidade de jovens, muitas vezes, invisíveis, sem

perspectivas e representados de maneira deturpada pela grande mídia. Seus contextos são descritos nas letras de rap, contam a “cena real” do cotidiano da periferia e lhe apresentam alternativas de vida.

Além de conscientizar e informar, os raps, muitas vezes, se tornam meio de vida e promoção de cultura nas periferias. O break, o grafite, a música, a produção das bases e a informação promovem o desenvolvimento intelectual, físico e emocional destes jovens que passam a ocupar seu tempo com estas manifestações artísticas.

Concluimos que os raps analisados são uma forma de comunicação alternativa porque trata-se de uma comunicação livre, de iniciativa do povo, que permite exercitar a liberdade de expressão das comunidades.

Nos grupos Harmadilha do Guetto e Ministério Galera de Cristo está presente a comunicação comunitária e a popular-alternativa já que os integrantes encontram no rap uma possibilidade de terem voz, de serem ouvidos, exercendo o direito à liberdade de expressão, disseminando suas idéias e tornando-se um instrumento de denúncia.

A análise demonstrou que os raps refletem o hibridismo da sociedade pós-moderna influenciada pela globalização. Diversas identidades espalhadas pelo mundo se fundem porque são difundidas facilmente pelo encurtamento dos espaços, pela tecnologia e pelos meios de comunicação. Assim os grupos assumem diversas identidades, defendem desde as ideologias revolucionárias até às religiosas e exteriorizam este hibridismo através da linguagem.

Ao mesmo tempo em que vivenciam o imperialismo cultural e se apropriam dos costumes de outros países, procuram reforçar características, identificações presentes nas relações com a comunidade, retratando realidades, traços que os aproximem e fortaleçam a comunidade, constituindo-se, assim, movimentos contra-hegemônicos.

O Ministério Galera de Cristo educa apresentando soluções baseadas nas

concepções da fé dos evangélicos, oferecendo alternativas de salvação da alma através religião. O Grupo Harmadilha do Guetto também apresenta aspectos religiosos, mas de uma maneira pessimista sem proporcionar saídas por meio da religião, mas por meio da experiência do grupo neste cotidiano da favela. A divindade para eles não representa uma refúgio para os problemas, uma salvação, mas seria um ser que compartilha das mesmas dificuldades. A alusão à religiosidade, ao maniqueísmo utilizado em ambos os grupos pode ser explicada pela forte influência do cristianismo na cultura brasileira.

Devido ao curto período destinado a esta pesquisa não foi possível trabalhar com aspectos da Teoria da Recepção, para observar a influência que estes raps podem exercer nos jovens do bairro Santa Cândida e Santa Efigênia. Saber como é a relação entre os grupos estudados e os jovens, como os mesmos avaliam estas canções e demais trabalhos desenvolvidos pelos rappers e pessoas envolvidas com o Movimento Hip Hop. Esta sugestão fica aberta para outros pesquisadores que se interessem em dar continuidade a este trabalho.

Esperamos que esta pesquisa contribua para o conhecimento acumulado sobre a Comunicação Comunitária, Alternativa e Popular. Além disso, promova discussões sobre as manifestações artísticas das classes subalternas, enriqueça o conhecimento sobre as possibilidades de uma comunicação democrática, delineie alternativas para a comunicação convencional e amplie o conhecimento dos acadêmicos e estudiosos sobre as expressões populares.

6 REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA / Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ed., São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AMARAL, Marina. Mais de 50.000 manos. **Caros Amigos**: Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo. ed. especial, São Paulo: Editora Casa Amarela. n.3, p.4-9, set. 2008.

BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. 1 ed., São Paulo: Paulus, 2005. p. 27-39.

BARREIROS, Bruna Provazzi. **A interatividade entra na festa**: o Festival Mulheres no Volante como veículo de (folk)comunicação. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

BASTOS, Pablo Nabarrete. O jogo de espelhos. In: INTERCOM, 2007, Santos. **Anais eletrônicos...** Santos: Unisanta, Unisantos e Unimonte, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1420-2.pdf>. Acesso em 26 abril 2010.

BIONDI, Pedro. O rap agradece. **Caros Amigos**: Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo. ed. especial, São Paulo: Editora Casa Amarela. n.3, p.20-21, set. 2008.

CASSAB, Clarice. Imagens e representações do jovem e da juventude: considerações sobre o Juiz de Fora nos Trilhos da Paz. **Libertas**: revista do programa de pós-graduação em Serviço Social da UFJF, Juiz de Fora, v.4, n.1 p. 158-178, dez. 2009. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistalibertas/files/2010/01/artigo08_8.pdf. Acesso em 26 de Maio de 2010.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Para construir espaços solidários**: uma metodologia de trabalho com jovens. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling (org) **Vozes cidadãs**: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angelara, 2004, p. 41-56.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania**. 1 ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.

DEVESE, Eloisa. O espetáculo da hora. **Caros Amigos: Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo**. ed. especial, São Paulo: Editora Casa Amarela. n.3, p.24-27, set. 2008.

_____. Balé de rua. **Caros Amigos: Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo**. ed. especial, São Paulo: Editora Casa Amarela. n.3, p.28-29, set. 2008.

FELICE, Massimo Di. As armas comunicantes. O papel da comunicação nos novos movimentos revolucionários: o caso zapatista. In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling (org). **Vozes cidadãs: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angelara, 2004, p. 281-303.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 6ed., rev. atual, Curitiba: Positivo, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KALILI, Sérgio. Uma conversa com Mano Brown. **Caros Amigos: Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo**. ed. especial, São Paulo: Editora Casa Amarela. n.3, p.16-19, set. 2008.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro**. 1ed., São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

LAHNI, Cláudia Regina. **Possibilidades de cidadania associadas à rádio comunitária juizforana Mega FM**. 2005. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicação e Artes – USP, São Paulo, 2005.

_____. Identidade negra nas ondas do rádio. In: LAHNI, Cláudia Regina (org). **Cultura e diásporas africanas**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

MONTEIRO, Ana Maria Vieira. **Revolução das palavras: Movimento Zapatista e rádios indígenas do México**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

PADILHA FERNÁNDEZ, Adrián José. **Democratização do Ar como exercício de cidadania**: Estudo de caso das Rádios Comunitárias, Esperança 101,3 FM e Companheira 93,3 FM, na sua relação com os movimentos sociais de São Mateus e Cidade Tiradentes, na Zona Leste de São Paulo. 1995. Dissertação de Mestrado em Comunicação – Escola de Comunicação e Artes - USP, São Paulo, 1995.

PAIVA, Raquel. O espírito comum. 1 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. Mídia e políticas de minorias. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. 1 ed., São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-26.

PAIXÃO, Marcelo. Relações Raciais, desigualdade social e desenvolvimento econômico no Brasil. In: LAHNI, Cláudia Regina (org). **Cultura e diásporas africanas**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. p. 67-78.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. In: INTERCOM, 2008, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>. Acesso em: 14 abril 2010.

_____. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: INTERCOM, 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: UnB, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos%5CR0094-1.pdf>. Acesso em: 14 abril 2010.

_____. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, São Paulo: ALAIC, ano II, n.3, p. 18-41, jul./dic. 2005. Disponível em: <http://www.metodista.br/poscom/cientifico/publicacoes/docentes/artigos/artigo-0019/>. Acesso em: 9 abril 2010.

PIMENTEL, Spensy. Festa do rap em Sapopemba. **Caros Amigos**: Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo. ed. especial, São Paulo: Editora Casa Amarela. n.3, p.12-15, set. 2008.

_____. Gog. **Caros Amigos**: Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo. ed. especial, São Paulo: Editora Casa Amarela. n.3, p.22-23, set. 2008.

PRYSTHON, Ângela. Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. 1 ed., São Paulo: Paulus, 2005.p. 99-113.

SCHAUN, Angela. Inclusão cultural e mídia: um olhar. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. 1 ed., São Paulo: Paulus, 2005.p. 169-206.

SILVA, Fernanda Coelho. **Educomunicação para a cidadania juvenil** – A experiência do jornal e rádio no UFJF: Território de Oportunidades. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

_____; PEREIRA, Fernanda de França; LAHNI, Cláudia Regina. Juventude e mídia: a participação juvenil nas rádios comunitárias autorizadas Trans FM e Objetiva FM. In: INTERCOM, 2008, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2052-1.pdf>. Acesso em 7 de abril de 2010.

SOARES, Murilo César. Jornalismo e Cidadania em duas abordagens. In: COMPÓS, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: UNIP, 2008. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_373.pdf. Acesso em: 26 abril 2010.

SOVIK, Liv. A branquitude e o estudo da mídia brasileira: algumas anotações com base em Guerreiro Ramos. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. 1 ed., São Paulo: Paulus, 2005.p. 207-219.

UMBELINO, Tâmara Lis Reis. **Rappers do Senhor**: Hip Hop Gospel como ferramenta de visibilidade para jovens negros, pobres e evangélicos. 2008. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

URIBE, Esmeralda Villegas. Alto-falantes: formas autônomas de expressão e de desenvolvimento local. In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling (org). **Vozes cidadãs**: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angelara, 2004, p. 113-132.

Documento:

Hip Hop. Pesquisa realizada por Jagal e organizada por Adenilde Petrina Bispo. 4 p. [2005?].

Entrevistas:

APARECIDO, Michel. (MICHEL). Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 13 de maio de 2010.

BISPO, Adenilde Petrina. (ADENILDE BISPO). Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 13 de maio de 2010.

JANUÁRIO, Jefferson da Silva. (NEGRO BÚSSOLA). Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 25 de abril de 2010.

LIMA, Alexandro Rodrigues. (ZÓI). Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 13 de maio de 2010.

NASCIMENTO, Waldir de Freitas. Entrevista concedida à autora para este trabalho por telefone.

SILVA, Júlio César. (J.C). Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 5 de maio de 2010.

XUXÚ. Entrevista concedida à autora para este trabalho por telefone.

Revista:

Caros Amigos edição especial. Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo. São Paulo, n.3, setembro de 1998.

Internet:

http://www.acesa.com/direitoshumanos/arquivo/noticias/2009/04/27-assistencia_social/
Acesso em 24 de maio de 2010.

http://www.acesa.com/educacao/arquivo/ensino/2007/09/05-trilho_paz/. Acesso em 24 de maio de 2010.

<http://www.acesa.com/cidade/arquivo/jfhoje/2007/12/03-iptu/>

http://www.acesa.com/xiis/arquivo/noticias/2009/09/29-xuxu_vmb. Acesso em 26 de Maio de 2010.

http://www.acesa.com/direitoshumanos/arquivo/noticias/2009/08/15-casa_de_cultura_evailton_vilela. Acesso em 25 de Maio de 2010.

http://www.acesa.com/direitoshumanos/arquivo/noticias/2010/03/18-projeto_unicef. Acesso em 25 de Maio de 2010.

<http://www.acesa.com/cidade/arquivo/jfhoje/2007/12/03-iptu>

<http://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=11718>. Acesso em 24 de maio de 2010.

<http://isal.camarajf.mg.gov.br/> Acesso em 24 de maio de 2010.

<http://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=11488>. Acesso em 24 de maio de 2010.

<http://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=15666>. Acesso em 24 de maio de 2010.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&interna=1&id=9403

http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm e

http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop. Acesso em 24 de maio de 2010.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rapper>

http://en.wikipedia.org/wiki/Gangsta_rap

http://en.wikipedia.org/wiki/Wu-Tang_Clan

http://en.wikipedia.org/wiki/Mos_Def

http://pt.wikipedia.org/wiki/Steve_Biko

http://pt.wikipedia.org/wiki/Panteras_Negras

http://pt.wikipedia.org/wiki/Miami_bass

http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en|pt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Miami_bass

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rapper>. Acesso em 4 de Junho de 2010.

http://www.bbc.co.uk/portuguese/aprenda_ingles/

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u606548.shtml>

<http://www.cufa.org.br>. Acesso em 19 de Maio de 2010.

<http://jotaefecrew.blogspot.com>. Acesso em 24 de Maio de 2010.

<http://www.casadeculturaev.org.br>. Acesso em 24 de Maio de 2010.

<http://casadeculturaevailtonvilela.blogspot.com>. Acesso em 24 de Maio de 2010.

<http://www.youtube.com/watch?v=ygQ6ZnboEFU>. Acesso em 26 de Maio de 2010.

<http://www.youtube.com/watch?v=zstMayVpB18>

http://www.youtube.com/watch?v=j19iO_crfwc&feature=related

<http://www.youtube.com/watch?v=zstMayVpB18>

http://www.youtube.com/watch?v=j19iO_crfwc&feature=related

<http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/publicacoes.html>

<http://michaelis.uol.com.br/>

<http://www.dicionariodoaurelio.com>. Acesso em 7 de Junho de 2010.

<http://letras.terra.com.br/realidade-cruel/1148131/>

http://www.miamibass.com/miami_bass_history.html

<http://www.google.com.br>

<http://letras.terra.com.br>

<http://palcomp3.com/guettowx/#>

http://www.miamibass.com/miami_bass_history.html. Acesso em 21 de Junho de 2010.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=97807862>. Acesso em 30 de junho de 2010.

Filmes:

A flor da laje: Cultura Hip Hop. 2008. Documentário produzido pelas alunas Ana Paula da Nascimento, Carolina Ferrari, Ros' Alissa Gomes e Thalita Gonçalves para a disciplina Processo de Informação IV lecionada pela Prof. Dra. Nelma Fróes, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Posse Zumbi dos Palmares: A periferia em ação. 2005. Documentário produzido pelos alunos e alunas Camila Saenz, Patrícia Gualberto, Harley Arruda e Fael Amorim do Curso de Comunicação Social da Universidade Salgado de Oliveira de Juiz de Fora.

A- Entrevista Negro Bússola realizada dia 29/04/2010, por Ana Paula Nascimento

1- Como surgiu o Galera de Cristo?

O Galera de Cristo surgiu através de uma necessidade de entretenimento e antigamente nós tínhamos um grupo que era tachado com a “Galera do Bicho” e a gente sempre se envolvia em pequenos delitos e com o tempo foram se agravando e com isso passou a se tornar parte do nosso dia-a-dia, dentro da nossa própria convivência, mas agente viu que a gente estava prestando um serviço contrário à sociedade ao qual nós éramos inseridos, a sociedade que reside na periferia de Juiz de Fora. Então nós começamos a ver que aquilo não nos daria camisa, não nos daria credibilidade no local onde nós vivíamos ali e vive até hoje.

E, contudo, o que está bem próximo do jovem da periferia é pagode, boteco, campo de futebol, Igreja e boca de fumo e nós optamos em seguir o caminho da Igreja e formamos o Ministério Galera de Cristo que perdura até os dias de hoje.

1.1- Então já tinha o grupo antes?

Não, o grupo surgiu através de nós mesmos, eu fui o idealizador, fundador.

1.2- Surgiu depois que vocês foram para a igreja mesmo?

Isso, nós queríamos conciliar a nossa linha de trabalho, porque a partir do momento que nós saímos daquele convívio, da vida criminal, nós vimos que muitos ficaram, nós queríamos adaptar aquilo que a gente fazia, então começou a surgir as montagens de letras evangélicas nas batidas de Rap que é uma mensagem mais direta e com isso nós conseguimos agregar alguns jovens através da nossa iniciativa de associar o nosso modo de vida com a nossa ideologia cristã.

2- Então o que levou vocês a formarem o grupo foi isso?

Foi, a visão de resgate.

3- Você fazia parte dos antigos grupos? De qual?

Sim de Funk. Porque na época eu não tinha tanto envolvimento com o rap, eu fui conhecer o Rap através das músicas do Racionais quando eles gravaram o “Raio X do Brasil” na década de 80, mas já tinha uma familiaridade devido a proximidade que o Funk Miami da época tinha

com o Rap, na época era o DJ Kool Herc , Comodi, Goodcru, os grupos internacionais, ai quando vieram pra cá o Thaide, o Pepeu, nós começamos a familiarizar mais e hoje se tornou essa grande indústria que é o Rap Nacional.

4- Como foi o primeiro contato com o Hip Hop?

Foi na década de 80, já tinha algumas vertigens das músicas norte-americanas, mas era a batida Gangster, que eram batidas mais secas, contínua e com pouca presença de agudo, era mais grave e palavras muito repetitivas, não tinha tanta criatividade para o cara diversificar a música, então a gente ficava meio limitado e não se prendia muito a essa linha de rap. Eu me adaptei e me aproximei mais e gostei do estilo quando entrou a junção com a música melódica que é bem presente nas igrejas norte-americanas que é a gospel music.

4.1- Mesmo o Racionais já mudou que foi o que você teve o primeiro contato ou não?

O Racionais só veio para complementar essa caminhada porque além de ser bem presente as letras que eles passavam, elas são atuais, então ele atualizou a nossa linha de raciocínio, até como hoje a gente consegue ver o raio x da periferia através das letras do Racionais então isso pra mim foi como uma arma de militância que valeu muito e vale até os dias de hoje.

4.2- Primeiro você teve contato com a música do Racionais ou primeiro com a gospel?

Primeiro o Racionais, depois o gospel, a Black music R and B, Ritmo e Blues.

5- Por que a escolha do nome Galera de Cristo?

Porque a gente era tachado como Galera do Bicho, ai nós fizemos a inversão.

6- Como vocês se organizam?

Hoje já não tem uma forma de organização. Porque a Galera de Cristo cresceu tem vários setores que ela atua, eu participo de todos. Mas a Galera de Cristo além de se formar um grupo de Rap, hoje nós temos os quatro elementos da cultura Hip Hop, que é o grafiteiro, o DJ, o bboy e o MC, além disso nós temos projetos sociais também. Então a Galera de Cristo sofreu uma explosão grande, mas cada um continua trabalhando, cada um no seu setor e quando tem a chamada geral pelo presidente que sou eu convoco todos pra gente criar novas estratégias de abordagem e de inclusão social.

7- Quantos integrantes compõem o grupo? Como é a participação deles (as)?

Não sei, todos que participam é da Galera de Cristo, já fugiu o número, perdemos o controle do número, mas que estão presentes desde a fundação, com mais de 5 anos de atividade, somos mais de 20.

8- Qual é a sua função no grupo?

Líder articulador.

9- A Casa de Cultura Evailton Vilela tem relação com o grupo?

Veio de um sonho do grupo e hoje é uma realidade.

9.1- E é o projeto social do grupo?

Exatamente.

10- Quais são suas influências musicais?

Eu sou bem eclético, as únicas músicas que eu detesto é o dance e o trance, mas as outras desde o bolero, o sertanejo, o samba, a música ela é agradável dependendo do seu estado de espírito ela vem para complementar e temperar.

11- Vocês costumam se apresentar onde?

Em vários lugares, onde eu não gosto muito de apresentar com a Galera de Cristo é dentro de igreja, agora se chamar a gente para um “puteiro”, boca de fumo, aonde for, o pior lugar que for, é ali que eu vou me sentir melhor, porque é ali que tem o povo que necessita, porque quando você vai na igreja, às vezes, você encontra um bando de pessoas julgando e falando de um trabalho que eles não tem capacidade de realizar e critica o que você está fazendo então a pior coisa que tem é você apresentar dentro de igreja para crente, eu gosto mais dos caras da “putaria”, é onde eu gosto de estar.

11.1- Aqui em Juiz de Fora vocês se apresentam no Café com Hip Hop e são convidados para cantar em igrejas?

O Café com Hip Hop é um projeto nosso que foi até para agregar um povo nosso e nós evangelizarmos da nossa forma através do Rap que se tornou um sucesso tremendo e ganhou ascensão nacional. Tanto é que nós trouxemos aqui Racionais MC, agora com outras

atividades estamos criando o “Café com Hip Hop for Bboys” que é um para cada elemento, premiando com R\$ 1.000 o primeiro lugar. E a nível de Zona da Mata, Zona das Vertentes, Vale do Paraíba nós tivemos participação com projeção nacional até executando em outros municípios e outros estados esta edição do Café com Hip Hop.

11.2- E também em outros eventos evangélicos vocês se apresentam?

Quando chama a gente vai, porque nós somos evangélicos, mas nós temos nossa linha de raciocínio e nossa linha de evangelização e o nosso trabalho é diferenciado porque ele é nosso então a gente não permite que outras pessoas que não tem a capacidade de fazer o que a gente faz vem meter o pentelho, então a gente tem a nossa linha.

11.3- E para as rádios vocês são convidados?

Mais na rádio secular do que evangélica. A gente tinha uma rádio que era a Guetto FM, mas nós estamos tentando legalizar. Mas o nosso trabalho tem mais projeção social do que evangelístico, embora nós evangelizamos através do projeto.

11.4- Então tem outros lugares que vocês se apresentam fora do meio evangélico?

Favelas do Rio de Janeiro, favelas de São Paulo, em qualquer canto, em Belo Horizonte, onde chamar a gente vai.

12- Como é o processo de produção das letras dos raps?

A gente fica submisso à inspiração, não tem um processo, às vezes ela vem em um momento, às vezes a gente pega algum tema que está em alta, em pauta, a gente tenta adaptar. A gente se entrega mais em uma coisa divina, genuína, porque as nossas letras a gente tenta tornar elas atuais então a gente dá mais ouvido à inspiração espiritual do que o momento e como se fala a empolgação.

12.1- E quem que faz as letras?

Todos que participam. Eu, Fabrício - o FLC, o New Dimas e o J.C cada um tem a sua letra que apresenta para o grupo, a gente adapta na linha que o cara ta passando, às vezes em uma música cada um faz sua própria parte.

12.2- O grupo de Rap tem um número fixo?

Tem somos 4 pessoas. O Fabrício já saiu, sou eu, o New Dimas, o J.C e o DJ que é o Tiago.

13- O que vocês procuram retratar?

O valor do ser humano para Deus.

14- O que os motiva a continuar o grupo?

As batidas que a gente leva, quanto mais a gente apanha, mais a gente tem vontade de continuar.

15- Como é a ligação com outros grupos da cidade?

Não é muito boa não. Porque Juiz de Fora é uma concentração de uma fogueira de vaidade muito grande. Mas não são todos, é uma minoria, são 2 ou 3 que a gente não tem grande envolvimento, e também não faz diferença para nós. Tem um grupo maior que apóia a gente. Então são eles para lá e nós para cá. Eles tem a linha de raciocínio deles.

15.1- Então aqui não é muito unido?

Cada grupo tem sua própria linha, sua própria forma. Mas embora que a gente faz o Café com Hip Hop a gente consegue agregar todos.

15.2- Vocês convidam e todos vão?

Sim todos vão. Assim, é questão de ideologias.

A gente convida, mas às vezes a gente nem canta, para dar visibilidade aos caras, a gente traz grupo de fora, porque a gente viaja Zona da Mata todinha fazendo intercambio, criando vínculo com os caras.

16- Com avalia o Hip Hop na cidade?

O Hip Hop na cidade tá morto. Existem só aquelas pessoas que gostam mesmo e faz, mas não tem aquela ascensão como tinha antigamente. Eu associo que cada um está levando do seu jeito. Mas se for comparar com a cena de uns 2 ou 3 anos atrás, já não é a mesma coisa. Então praticamente só ficou quem gosta mesmo. Pra mim o Hip Hop tá morto.

17- Você chegou a participar da Rádio Mega?

Eu fiz algumas programações lá.

17.1- Então naquela época que você fala que era mais forte?

Eu nem associa a Rádio com a força do Hip Hop não. Eu associo com o dinamismo que chegou porque antes de chegar o Rap nacional aqui, chegou o Rap gringo, que foi uma modinha. Ai todo mundo se tornou rapper, comprou roupa larga, passava com som alto, ai você já via que a tendência parou, hoje é o batestaca. Eu associo que é questão de ideologia mesmo. Eu não tenho o rap como uma religião, ou uma função. Eu tenho o rap como um gosto meu particular, que eu gosto e acho que é um veículo de transformação, mas eu não fico impregnado nas ideias do rap. Eu uso o rap como uma ferramenta de trabalho. Mas eu tenho minhas ideologias, os meus princípios básicos.

17.2- Então lá na Rádio foi o começo do seu contato como rap então?

Não. Eu já estava no rap bem antes da Rádio.

17.3- Então como você tinha lá um espaço democrático ai você fazia programações lá?

É porque eu entrei com a tendência de fazer rap gospel, mas lá eu fui barrado com o gospel e toquei o secular, mas pra mim já não tava dando, porque minha linha de raciocínio era outra. Ai impulsionado nessa questão de querer fazer um trabalho, mas mesclar e querer dar uma visibilidade ao gospel, eu criei a Guetto FM, porque já que eu não posso fazer lá, vou fazer a nossa que foi a Rádio que teve uma ascensão muito grande.

18- Como você acha que as pessoas vêem o Rap, o Hip Hop?

Não sei te informar isso.

18.1- Porque você falou que no meio evangélico as pessoas tem preconceito.

Algumas. É porque o profeta não tem valor na sua casa, nós fomos o primeiro grupo aqui e foi preciso surgir Pregador Luo, Apocalipse 16, DJ Alpiste em outros lugares para eles falarem que tinha uma forma de se pregar o evangelho através disso, mas eu não me importo com o que os outros pensam, eu me importo com o que eu penso, o que os outros pensam o que é bom, o que é ruim, eu não estou nem ai pra eles não, eu não sou obrigado a conviver com eles também. Mas seu eu achar que é bom, agradável, que soma naquilo que eu quero, estou junto.

19- Qual a importância do Hip Hop para os jovens?

O Hip Hop é um discurso cantado, eu acho que o Hip Hop retrata bem o cotidiano do jovem periférico. O jovem assim porque hoje não tem como você por num quadro de apresentação se

o jovem é periférico, se é a etnia, se é branco ou negro o que for, não, a rebeldia, ela é uma só. O jovem que fuma maconha, fuma maconha na classe A, na classe B, na classe C, usa craque na classe A, faz sexo sem camisinha na classe A, B e C, então todos os problemas de um adolescente e de um jovem aqui. É lógico que a gente encontra com mais porcentagem nas classes menos favorecidas, devido a falta até de informação, aí que entra o rap. Como uma cartilha de informação sonórico.

20- Você considera que o rap educa?

Sim. Depende dos letristas e do grupo.

21- Eu li na dissertação da Tâmara que você teve contato com nomes de muitas personalidades como Martin Luther King e outras temáticas através do rap, foi isso mesmo?

Sim através do rap. É estas personalidades quando eles mencionavam a questão de heróis afrodescendentes como Martin Luther King quando me foi apresentada na música do Racionais, Nelson Mandela, Spike Lee, até então eu não conhecia, eu não sabia que existiam estes mártires da nossa história, mas depois que eu ouvi o rap eu procurei saber quem eram estas pessoas. E até hoje eu menciono alguns deles na minha letra de rap porque eles deram a mesma plataforma, e o grande êxito que eles conseguiram infelizmente foi quando eles silenciaram que eles foram reconhecidos. Então eu tento dar prosseguimento ao que eles começaram, em outro Ocidente, em outra parte do planeta, mas a metade do que eles passaram lá chegou até nós, como uma informação e uma linha de caminhada. Então eu falo daqui em diante é comigo, eu vou levar uma caminhada, nós estamos 500 anos atrasados, a verdade é essa, então a gente não vai mudar tudo de um dia para o outro, mas ia causar um grande estrago.

B- Entrevista J.C realizada dia 05/05/2010, por Ana Paula Nascimento

1- Você fazia parte de antigos grupos? De qual?

Fiz parte de alguns grupos no passado, não só de Hip Hop como também de funk, há um bom tempo atrás, fiz parte da posse Antônio Conselheiro que era ali na Getúlio Vargas, a gente tinha um contato bem forte ali, que era aonde a maioria do pessoal do Hip Hop se encontrava era naquele espaço ali, que era a posse do Antônio Conselheiro e tinha um grupo chamado Rajada Verbal que era até o Jagal que era o líder, falecido Jagal que teve uma diferença muito grande na densidade do Hip Hop e fora da cidade, no Rio de Janeiro fez trabalhos sociais lá na rocinha com pessoas importantes lá no Rio e cantava funk tinha um trabalho solo dentro do funk que não era muito bem reconhecido na época, até porque é bem antigo esse trabalho não tinha uma visão muito boa, no início, uma mensagem muito boa porque a gente até então no momento vivia numa vida um pouco assim meio bagunçada depois eu fui colocando a cabeça no lugar então não tinha uma aceitação muito boa na época .

1.1- Então você fez parte do Antonio Conselheiro?

E antes do Antônio Conselheiro eu cantava funk. Lá no Antônio Conselheiro foi o meu primeiro contato que eu tive com a cultura Hip Hop.

2- Então seu primeiro contato com o rap com a cultura foi através desse grupo?

Sim, Rajada Verbal.

2.1- Com a música também?

É musica a gente desde pequeno ouve o que os irmãos mais velhos ouvem e vai criando uma linha de raciocínio dentro da música, mas com o Hip Hop contato com pessoas que trabalhavam com a cultura Hip Hop foi na posse no Antônio Conselheiro.

3- E qual era sua função no grupo Galera de Cristo? É rapper?

É rapper, a minha função lá é o MC, que é o mestre de cerimônia, a minha função eu não só canto como também componho letras dentro do grupo essa é minha função lá.

4- Quais são suas influências musicais?

Às vezes as pessoas que olham para o rapper, pra quem faz parte da cultura Hip Hop, acha que o cara não tem uma cultura musical, uma influência musical boa, eu posso te falar que é

muito pelo contrário, porque eu tenho um gosto muito eclético. Eu ouço de tudo que você imaginar, desde Milton Nascimento, samba, fundo de quintal, Roberto Carlos, Elvis Presley, o meu gosto musical é muito variado, é bem eclético mesmo. O meu gosto musical é música boa, o que você conseguir definir de música boa é o meu gosto musical, eu gosto da música.

5-Como é o processo de produção das letras dos Raps?

Geralmente como Hip Hop tem uma função de reivindicar e de protestar, a maior parte dos raps eles protestam melhores condições para a sua comunidade, para as comunidades em si. Então a nossa linha de raciocínio vem de fatos que acontecem na comunidade, não só na comunidade como no meio político, social que é no caso da nossa comunidade, dos fatos que acontecem, até mesmo coisas voltadas mais para a ciência. A gente procura falar dos fatos que acontecem no dia-a-dia mesmo. Essa é a função do Hip Hop, de protestar, de falar sobre o político que se corrompe, sobre o jovem da comunidade que se envolve com drogas, histórias de amigos que nós conhecemos, que seguiram o caminho errado e tiveram o fim trágico.

E dentro desse fim trágico dele a gente coloca o outro lado da moeda, o lado que a gente conseguiu encontrar um caminho melhor. A gente tenta mostrar isso para o jovem, mostrar que o lado ruim é aquele lado ruim mesmo e que existe um lado bom existe uma maneira de contornar a situação. Essa é a nossa função dentro do rap, além de colocar a palavra de Deus como prioridade, porque é o foco que a gente tem, de seguir a palavra de Deus que foi a maneira que nós do grupo encontramos de ter uma vida melhor e essa é a nossa função dentro do Hip Hop.

6- Em que vocês se baseiam?

A nossa linha de escrever e de compor cada um escreve com a sua visão, a gente não interfere na visão do outro. Por exemplo, eu tenho um tema, eu passo esse tema para eles, escrevo a minha parte com a minha visão dentro desse tema e passo para o outro. O outro vai estudar aquela visão minha e vai colocar com a visão dele e assim sucessivamente. Essa é a nossa linha. Ai os temas são variados, nós temos uma facilidade de pegar uma história bíblica e trazê-la para os dias de hoje e fazer um rap através disso, como as histórias que a gente vê no dia-a-dia, no cotidiano, pegamos a palavra de Deus colocamos no nosso dia-a-dia, no mundo moderno, século 21 e fazemos nossas letras baseado nisso, em algum tema bíblico e em alguma história que a gente conhece que agente viu, viveu, é assim nossa linha de raciocínio.

6.1- Então alguma coisa te desperta você vai pensa “vou escrever sobre isso” e escreve?

Isso. Algum tema polêmico, alguma coisa polêmica, crítico, a gente gosta muito do crítico e de temas polêmicos, como politicamente falando é o que mais tem nos dado inspiração, até porque o que é a realidade que a gente tem vivido, e muitas pessoas que tem pouca informação acabam adquirindo essas informações através do rap, porque o que eles mais se identificam na comunidade, na periferia, às vezes, é com o rap então eles absorvem esse conhecimento ouvindo as letras do rap.

7-O que o motiva a continuar no grupo?

Eu acho que o que me motiva a continuar no grupo, primeiramente é porque todo mundo tem a mesma visão, o propósito é o mesmo, isso nos mantém muito unidos e faz com que a gente não desista, porque às vezes, a caminhada é difícil, bem difícil, mas o que motiva muito é saber que poucas pessoas conseguem ver esse lado, o lado que a gente vê, da maneira que a gente vê, com os olhos que a gente vê e poucas pessoas ajudam a comunidade na forma de não de ir lá e vender comprar um voto a troco de cimento, de lajota não nessa forma, mas na forma de tentar resgatar aqueles jovens que estão seguindo para um lado que você ver que não tem volta, muitas vezes. Que é o mundo das drogas, o mundo do crime, pouca cultura, pouco conhecimento, pouca oportunidade de ter um estudo, então isso ai motiva a gente de continuar com o rap, não só com o rap como trabalho social também para dar oportunidade para esses jovens, porque falar dele é muito fácil, viver o que ele vive, poucos querem ir lá viver o que ele vive. Então a visão que as pessoas têm desses jovens é de que eles são marginais, que eles não dão valor a vida como deveriam ser dada e não dão oportunidade, a gente vê através do trabalho que a gente faz, às vezes, os jovens encontram uma maneira melhor de levar a vida, encontram, vêem uma oportunidade no rap, na musica, então é isso que motiva a gente a não parar, a sempre continuar.

8-Como você avalia o Hip Hop na cidade ?

A cultura Hip Hop na cidade em si, ela não tem um poder muito grande não, porque é muito discriminado o Hip Hop, então como é muito discriminado tem poucas pessoas que põem mesmo como meta colocar o trabalho para frente, mostrar realmente e as pessoas confundem muito às vezes o rapper com bandido, às vezes, pela maneira deles se vestirem, da origem de onde ele vem, da periferia. E por muitos também que se confundem com quem faz parte da cultura Hip Hop as pessoas confundem ele, e ele realmente não faz um bem para sociedade em geral, eles confundem o rapper com marginal, é muito fácil de confundir pela origem de onde ele veio, pelas roupas que nós usamos, que nós adotamos que a nossa identidade é essa,

que a gente decidiu não fugir do que a gente vive, não se esconder. “Vamos mascarar, vamos colocar um terno, vamos andar de terno que todo mundo vai achar que a gente mora no centro da cidade”. Não, a gente não quer fugir da nossa realidade então a gente se veste como tal, e também porque a gente gosta de se vestir assim. Então, o movimento Hip Hop na cidade não é muito grande, às vezes por falta de apoio, falta de verba, porque pra fazer um evento precisa de dinheiro e a gente não tem muito apoio nesse lado. O governo não tem apoiado aqui na cidade como deveria apoiar o Hip Hop, mas fora quem tem o conhecimento sabe que tem um valor mais elevado do que aqui na cidade, tem mais apoio, tem mais pessoas que fazem parte do movimento, mais trabalho social. Isso fortalece o movimento, a cultura. Aqui nem tanto, mas nem por isso a gente vai desistir de fazer os trabalhos.

9- Como você acha que as pessoas vêem o rap, o Hip Hop?

Porque as pessoas tem uma certa dificuldade de absorver as informações do rap? Porque nem todo mundo conhece o cotidiano da periferia, e como quem conhece que vai se identificar mais a gente procura falar o linguajar de quem se identifica, de quem vive na periferia, então às vezes as pessoas tem dificuldade de absorver a mensagem que a gente passa porque, às vezes, a gente põe uma gíria no meio e fala com um linguajar mesmo periférico, então as pessoas tem dificuldades de absorver, as pessoas às vezes vê o Hip Hop como uma música pobre e, na verdade, a pobreza é de quem fala isso, porque eles não conseguem absorver a informação, tem dificuldade de absorver. Às vezes nem é porque tem uma gíria ou pelo linguajar, às vezes é porque eles têm preguiça de parar e prestar atenção no que tá sendo dito. Por quê? As pessoas têm um preconceito de julgar porque tem uma batida mais forte eles acham que é pobre, muito pelo contrario, é muito rica as letras de Hip Hop, são muito ricas em informações. E as pessoas têm esse preconceito de julgar porque na verdade ninguém lê um livro pela capa, se olhar um livro pela capa você não tem condições de dizer se ele é bom ou ruim você tem que ler o conteúdo dele para saber qual é o nível de informação que ele te passa. O Hip Hop da mesma forma você tem que parar e prestar atenção, ouvir com atenção. Então é ai que tá o mal. Existe até uma frase que fala: “ouvir o Hip Hop é uma coisa normal, entender o Hip Hop é onde está o mal”. Porque às vezes até mesmo a juventude que se identifica com o Hip Hop, eles não conseguem absorver de maneira real a mensagem que é passada em muitos raps. Eles acabam levando para o lado ruim, por isso há esse preconceito das pessoas porque falta informação de quem ouve a informação. Então ele não consegue absorver, é ai que tá o mal da história

10- Qual a importância do Hip Hop para os jovens?

Bom, para os jovens, os jovens, eu já disse e repito, se identificam com a ritmologia, com o ritmo do Hip Hop, aí ele é atraído pelo Hip Hop e a importância do Hip Hop é porque o Hip Hop traz cultura, muitas pessoas acham que não, mas é cultura. Se você for estudar a origem do Hip Hop, como foi criado o Hip Hop, de onde veio o Hip Hop se você for comparar e identificar a picafe aonde o DJ, que faz parte da cultura Hip Hop, toca. Se você for comparar a picafe com os tambores na época da escravidão você vai ver que ela até o movimento de mão é parecido, o ritmo é parecido. Por quê? É marcado o tambor, é a mesma base do Hip Hop, é marcado também. Então até a altura, a postura que o cara toca o tambor, a postura que o DJ tem na picafe. O Hip Hop veio dessa era, da época da escravidão. Por quê? Eles tocavam tambor e faziam músicas para reivindicar a liberdade deles, para reivindicar melhorias para o povo deles, daí veio a origem do Hip Hop, por isso que a periferia, que se você for estudar aí você vai ver que não tem diferença na senzala para favela, a única diferença é que evoluiu um pouco não em questão financeira, evoluiu porque a sociedade aprendeu algumas coisas diferentes, então teve um pouco de evolução, mas se você for ver a senzala e a favela se identificam muito. O senhor aquele que tomava conta dos escravos com a polícia, muitas vezes, se identifica muito. Porque às vezes eles têm as atitudes que tinham os senhores lá na época da escravidão. Então tudo baseado nisso o Hip Hop veio daí foi inspirado nesses escravos que reivindicavam melhores condições para eles, na época da escravidão, e veio evoluindo até chegar no século 21. O rap é reivindicação, é protesto até hoje. Essa é a função do Hip Hop.

11- Então você considera que o rap educa ?

Educa, com certeza, traz cultura muita cultura. A juventude em geral fica muito na rua, hoje em dia os pais não tem condições de dar uma atenção para o filho porque tem que trabalhar para sustentar o filho e ele fica muito abandonado. Então a maioria das informações que o jovem tem é do Hip Hop, vem do Hip Hop, vem do que ele ouve, vem do que ele vê, às vezes o que ele vê é o espelho dele, ele se espelha naquilo que ele vê. Porque às vezes ele vê só o lado ruim quando ele só vê, a visão, e quando ele ouve, ele ouve dos dois lados.

Para ele ver os dois lados, às vezes, é difícil porque na comunidade em geral é bem precária as coisas lá e ele ouvindo, ele absorve a informação melhor do que ele vendo, porque ele vê muitas coisas que vão incentivá-lo a fazer coisas erradas, então o Hip Hop traz muita cultura para ele e tira muito jovem da rua, na cultura em geral, nos quatro elementos, porque o Hip Hop não é só o rap, tem o DJ que é o que faz a levada para o MC cantar (que é o mestre de

cerimônia). Tem o grafiteiro que é o artista que faz a arte do grafite e tem o bboy que é o garoto que quebra, o garoto que dança. São os quatro elementos que formam a cultura Hip Hop, então rap não sobrevive sozinho, um depende do outro. E sem a música o bboy não dança, se não tem música o DJ não toca também, então um depende do outro. E a cultura Hip Hop traz cultura para juventude, ensina uma profissão, porque hoje ser rapper é uma profissão também, ser DJ é uma profissão, grafiteiro também, bboy, tem muitos que sobrevivem da cultura Hip Hop e passam de geração em geração. Então o jovem tem muito a ganhar com a cultura Hip Hop.

12- Você está no Galera de Cristo há quanto tempo ?

No Galera de Cristo vai fazer três anos.

13- Por que você decidiu entrar no grupo?

Bom, isso quando eu fazia parte dos outros grupos tem muito tempo, quando eu era bem jovem mesmo, apesar de ser jovem, mas eu era muito mais jovem do que hoje então isso tem muito tempo e foi o meu primeiro contato. Então eu vou te dar um pedacinho da história minha e isso vai provar pra você como o Hip Hop é importante para a juventude.

Eu, por exemplo, fui 12 anos dependente químico, então eu vivia uma vida de marginalidade mesmo, fiz muitas coisas erradas e o Hip Hop foi umas das coisas que me resgatou, foi uma das coisas que eu encontrei, uma maneira de ocupar o meu tempo de uma maneira melhor, fazendo uma coisa que eu poderia ajudar as outras pessoas. E a partir do momento que eu tive meu primeiro contato com o rap, com o Hip Hop eu vi que aquele contato que eu tive foi bom, mas com o tempo eu vi que eu podia melhorar aquilo que eu ouvi, podia melhorar fazer melhor ainda do que eu fazia antes, melhorar nas informações, melhorar em como expressar com as pessoas, não deixando a periferia de lado, mas melhorando. Por quê? A nossa meta hoje é atingir as facções hereditárias, desde a criança até o senhor de idade, sem abandonar os princípios do Hip Hop. É o que a gente tem em foco.

Então olha o que o Hip Hop me mostrou: que eu poderia melhorar aquilo que era feito, aquelas letras que eles faziam. Eu falei: “eu posso fazer uma letra um pouco melhor do que eles, eu tenho uma visão um pouco diferente”. Eu comecei a criar uma visão diferente daquilo que eu conhecia através do que eu aprendi, mas o que foi a base de tudo foi aquele primeiro contato que eu tive com o Hip Hop, então eu vi que eu tinha capacidade de fazer um pouco melhor de melhorar. E ao passar do tempo eu conheci a palavra de Deus também que me ajudou muito. Então pra você ver, eu sou testemunho vivo do que o Hip Hop pode fazer na

vida de um jovem, porque foi o primeiro contato, a primeira melhora que eu tive foi através do Hip Hop. Então é muito importante e pra você ver eu absorvi a mensagem que eu ouvi nesses grupos que eu fazia parte eu absorvi aquela mensagem e percebi que aquela mensagem poderia melhor um pouco mais ainda e comecei a trabalhar para que ela melhorasse. Então eu sou prova de que o Hip Hop resgata os jovens que estão nas drogras, que estão entrando para as drogras ou que às vezes estão pensando em sair da escola, não querem estudar mais. Então a nossa mensagem ajuda bastante os jovens pensarem um pouco diferente e o Hip Hop me ajudou muito.

14- Ai você tomou contato com o Hip Hop, com a palavra de Deus, e deixou as drogras, e depois você começou a colocar nos seus raps uma mensagem para poder alertar os jovens para não entrar nessa vida?

Isso com certeza. Não deixando de ter uma visão geral da situação, porque uma coisa gera outra se você for ver mesmo, realmente, todo mundo tem um pouco de culpa na história, se você for ver porque que o jovem entra para as drogras, a maioria deles, porque que os jovens saem para as ruas para roubar? Muitas vezes é porque ele não tem ou não vê outra maneira de viver de levar a vida dele, de comer, ele passa necessidade. Ai se você vê lá atrás você vai ver que todo mundo tem um pouquinho de culpa na história, os governantes são os maiores culpados, porque investem em várias coisas, mas pouco investem aonde deveria investir mesmo. Por exemplo são investidos milhões para fazer uma festa, no mundo todo é investido muito dinheiro para fazer um carnaval, por exemplo, e nem metade é investido para dar uma condição melhor para o jovem que não tem condições, que mora na periferia. A educação investem muito menos, se for pegar pôr na ponta do lápis quanto é investido para fazer uma Copa do Mundo, para reformar estádios igual a copa está agora reformando vários estádios no Brasil para ter a olimpíada no Brasil. Se você for ver nem um terço do que eles vão investir para reformar um estádio de futebol não é investido na educação, na escola pública. Então os governantes são os maiores culpados de tudo, então se você vê todo mundo tem um pouquinho de culpa e qual é a culpa daquele menos informado, daquele que tem menos condições? A culpa dele é se acomodar com o que ele tem, porque se você for ver são poucos que fazem, poucos tentam fazer alguma coisa porque se acomodam, “ah não tem jeito, não tem jeito mesmo, ah eu já vou fazer 40 anos não tenho cabeça pra estudar mais não”. Então ele se acomoda com o pouco que tem, não progride, vive parado. Então esses também são culpados. Se você for ver todo mundo tem um pouco de culpa na história. Não adianta você pôr a culpa só em um.

C- Entrevista Adenilde realizada dia 13/05/2010, por Ana Paula Nascimento

1- Como surgiram os grupos de Hip Hop ligados à Rádio Mega FM?

A rádio tinha um programa chamado Hip Hop Brasil era feito pelo meu irmão, ai nesse programa ele lançou um grupo de Rap para poder tentar juntar, porque já tinha acontecido um movimento bem grande aqui em Juiz de Fora por volta do início dos anos 90 lá no Rex, do PMC que depois foi para São Paulo, formou o Gigabu, então ele e a Nação Hip Hop sempre faziam movimentos no Calçadão. Todo sábado eles faziam uma apresentação de dança, de Rap, de DJ no calçadão. Ai quando a rádio surgiu meu irmão começou a tocar Rap para poder ficar diferente, mostrar uma outra cultura e daí surgiu a ideia de fazer um concurso de Rap ai apareceram vários grupos aqui para concorrer. Dos grupos destacou o Rajada Verbal que era formado pelo João e pelo Telinho do São Bernardo, eles ganharam o concurso. Depois deles entrou o Jagal dentro do Rajada Verbal, ai mudou um pouco a orientação porque o Jagal tinha outras ideias e ele gostava de tocar com guitarra, com baixo, com bateria, com banda, então eles foram por este caminho. E foram surgindo outros grupos como o estilo de rua que era feito pelo Erê, pelo Gil e pela Thaís, os três chegaram a se apresentar durante um tempo. Mas dentro da Cultura Hip Hop a coisa é muito rotativa. Ai as coisas começam depois não dão certo, ai acabam, porque ai a pessoa cresce muda de ideologia. Então ficou o estilo de rua com o Gil e com o Erê.

Depois foi formada a Posse de Cultura Hip Hop Antônio Conselheiro que era o Jagal, eu, o Mauri Paulino, o João que é grafiteiro, o Telinho. Então essa posse durante muito tempo ela caminhou, fez vários eventos ai na cidade como Rock raiz, de Hip Hop, o Hip Hop contra-ataque. Dois eventos chamados Hip Hop attack e depois teve o Hip Hop contra-attack. Esse Hip Hop attack foi feito pelo pessoal de São Paulo o Kase Creator que é um grafiteiro de São Paulo e que fazia capas de CDs para várias personalidades da música. Então ele deu uma força muito grande e fez o primeiro Hip Hop ataque. Ai o segundo já foi sem ele ai juntou o pessoal do Rio, Belo Horizonte, São João Del Rei ai nestas alturas aqui em Juiz de Fora apresentou o Rajada Verbal e o estilo de rua. Ai a Posse Antônio Conselheiro acabou, houve uma cisão ai surgiu a Posse de Cultura Hip Hop Zumbi dos Palmares (PZP), tudo ligado à Rádio Mega. Ai da PZP surgiu outros grupos, inclusive o Harmadilha do Guetto que tinha outro nome, era Unidade Guerreira, era um grupo grandão com várias pessoas, ai algumas destas pessoas foram embora o Busi saiu, o Cabeça foi embora para São Paulo para trabalhar,

ai ficou o Michel, o Zói, o irmão dele que se juntaram e fizeram o Grupo Harmadilha do Guetto que está atuando agora.

1.1- Você falou da PZP então o Harmadilha do Guetto e a PZP veio da Antônio Conselheiro?

Assim que dividiu a Antônio Conselheiro surgiu a PZP, dentro dessa posse o primeiro que surgiu foi a PZP, ai uns anos depois da PZP surgiram outros grupos entre eles o Harmadilha do Guetto.

1.2- Ai você falou que antes de ter esta movimentação da Rádio, do concurso tinha antes grupos que atuavam na cidade então.

Tinha sim. Aqui em Juiz de Fora a Cultura era grande, teve uma vez que o Jagal andou pesquisando então eu escrevi alguma coisa sobre a história da Cultura Hip Hop aqui em Juiz de Fora. Tinha mais era grupo de dança, tinha uma equipe de som que era do meu irmão que fazia a bailes lá no Rex e sempre tinha concurso de dança , eles sempre abriam espaço para as rodas de break, então surgiram muitos grupos de dança aqui na cidade. Rap mesmo só mais tarde com o Paulinho o PMC, ele que começou a cantar depois, mas ele era dançarino de break, depois que ele começou a cantar, ai ele formou um grupo que chegou a gravar 2 vezes, tinha até uma música deles que eu achava muito interessante que chamava “Mississipi em chamas, Juiz de Fora em lamas” que tocava muito num programa de rádio que a Space Lever tinha na antiga Rádio Manchester que depois fechou. Depois eles foram para São Paulo ai deu um hiato. Quando a rádio surgiu ai que começou voltar de novo aquela questão da cultura hip hop, mas aqui em JF o movimento dos bboys sempre foi mais forte do que o Rap.

2- A sua participação no Harmadilha do Guetto hoje como que é?

A mesma que eu fazia no Antônio Conselheiro e na PZP, porque eu não pratico nenhum elemento da cultura hip hop, ai assim a gente fala que existe o 5º elemento que é a cultura, a informação então eu procuro mais atuar nesta área, assim de pesquisa, de ajuda em temas culturais, se tem um evento eu procuro ajudar. Igual nos dois eventos que o Movimento Visionário Antônio Conselheiro fez – o Hip Hop attack e o contra-attack – eu ajudei bastante. A gente fez muita coisa junto eu e o Jagal a gente praticamente planejou e com a posse eu atuei no Agosto Negro, da organização, da vinda do MV Bill que teve uma participação muito grande da Thaís, que organizou a vinda dele aqui em 2005. E também no

Harmadilha do Guetto a mesma coisa, a gente está ai para poder conversar juntar as pontas, procurar fazer pesquisa, ajudar organizar alguma coisa, mais um trabalho de ajuda mesmo.

2.1- Mas pode-se dizer que você faz parte?

Sim

3- E como era a participação na Rádio?

Os grupos faziam os programas, por exemplo, o Zói tinha um grupo com o Menor eles tinham um programa que chamava Hip Hop na veia que era apresentado por eles, programa de rap, ai depois, veio o Conexão do Rap que já era apresentado pelos membros do Harmadilha do Guetto, porque cada um tem uma visão da Cultura Hip Hop, então cada um apresenta a visão que tem.

3.1- Dentro da programação da rádio o Galera de Cristo também participava?

Chegou a participar, eles faziam um programa de charme. Depois eles saíram foram fazer programa em uma outra rádio evangélica e simplesmente acabou o programa aqui.

3.2- E fazia parte do Movimento Hip Hop daqui?

Não eles chegaram depois que o movimento já estava firmado aqui. Ai eles vieram para mostrar uma outra vertente da cultura negra que era a música charme.

3.3- Não era Rap?

Não. Era uma vertente, depois eles tocaram Rap também, que o pessoal pedia, porque a música negra ela é muito rica, tem o blues, tem o charme, tem várias modalidades, o funk, então o charme era ainda um pouco desconhecido o pessoal ainda não tinha muito contato com o charme assim como não tinha como blues, nem como jazz.

4- Como ocorreu o rompimento do grupo?

Foi questão de ideologia. No caso do Antônio Conselheiro acho até legal você procurar o João para poder saber a versão dele, mas a minha versão é a seguinte. Porque no caso o Jagal ele achava que você tinha que conquistar a rapaziada da cidade, da classe média, fazer eventos no centro da cidade para chamar atenção das pessoas do centro da cidade. E eu e os outros daqui nós pensávamos o contrário. Como a cultura Hip Hop é uma cultura de gueto a gente tinha que fortalecer o gueto. Ai se o pessoal do centro quisesse agregar, quisesse chegar ai tudo

bem, mas primeiro a gente tinha que fortalecer a periferia. Porque o Hip Hop pra mim pelo menos ele é um elemento de consciência, é uma ferramenta de trabalho e de organização. Não é só para fazer festa, ganhar dinheiro, aparecer, você tem que comprometer com a mudança, porque foi assim que ele surgiu. No final dos anos 60 quando ele surgiu lá nos Estados Unidos ele tinha esse véis, de juntar o pessoal, de organizar e de acabar com as brigas de gangue, de juntar os negros, de procurar levar informação como o próprio Áfrika Bambaataa, um dos fundadores do Hip Hop, ele esteve no Brasil, em São Paulo e lá ele falou, foi ele quem disse que o 5º elemento da cultura Hip Hop é a informação, porque é a informação que mantém a cultura de pé, que não deixa a cultura morrer. Porque se não tem informação ai vai acabar cada um para um lado. Quer dizer você passa a ser admirador dos elementos da cultura, então tem que ter informação para poder juntar. E a informação procura despertar nas pessoas que ouvem a música, que praticam a cultura o desejo de levar cada vez mais para as pessoas este tipo de informação chamando para mudança, para transformação, para sair das drogas, para sair da rua, da violência e criar uma visão positiva do próprio grupo e da própria sociedade em que ela participa, da comunidade.

5- O que impulsiona os jovens do Harmadilha do Guetto?

Quando você começa a participar de um movimento, aquilo vira uma cachaça você não fica sem. Então o que impulsiona é a vontade que eles têm. Eles descobriram que tem talento para escrever, através da cultura Hip Hop eles se tornaram alguém, se tornaram uma pessoa admirada pelas outras, não é um Zé ninguém qualquer. Igual muita gente que fazia programa na Mega ai eu encontrava com eles, o Marcelinho falava, antigamente eu era o Marcelinho da Mega, agora eu não sou ninguém. Então a cultura Hip Hop ela dá aquele destaque para a pessoa, eleva auto-estima. Então o que leva eles a continuar na cultura porque eles procuram ter esta auto-estima sempre elevada, tem a preocupação de passar a mensagem e afinal de contas eles gostam da cultura e sonham viver da cultura um dia.

6- Como é a ligação com outros grupos da cidade?

O pessoal encontra mais na época de movimento, porque cada um tem sua ideologia, tem o Erê que era da PZP, ele tem ideologia dele, igual um dia ele falou, que a gente tem ideologia diferente, mas que a gente tem que estar tudo junto, mas tem certas coisas que não dá pra bater, pelo menos na minha visão, então eu acho assim ou você trabalha para transformar a sociedade, criar uma sociedade mais fraterna, mais justa, mais igual, ou você trabalha junto

com o sistema. Eu sou bem radical nesta parte, eu não aceito, por exemplo, você ficar fazendo média com a mídia. Assim o Racionais também não aceita e nem por isso eles deixam de vender os CDs, deixam de ter conceito entre a rapaziada, justamente porque eles têm uma carga de cultura muito grande, de informação e de trabalho muito grande, porque o que fez o Racionais chegar onde ele chegou foi o trabalho que ele desenvolveu ao longo desse tempo inteiro de luta e de existência do grupo. Eles não só cantaram. Agora você dançar por dançar, pintar por pintar, cantar por cantar então qualquer um faz, agora eu quero ver você cantar levando mensagem, buscando a transformação, então é isso que eu acho difícil de juntar, fica os grupos separados pra lá e pra cá. Eu respeito o ponto de vista de cada um, mas eu acho que a gente deve ter compromisso com os nossos irmãos que estão aí sem consciência, sem informação, porque a gente sabe que o sistema, e eles gostam muito de falar em sistema, o sistema procura trabalhar para desinformar, para separar, para desunir. Então eu não acho assim que você trabalhar pelo individualismo, para a pessoa aparecer, por exemplo, “ah o líder do grupo”, ter o líder do grupo que vai ser “o cara”, que vai aparecer, que vai ter nome, isso não contribui em nada para mudar a sociedade e nem faz parte da cultura Hip Hop. Porque a cultura Hip Hop é uma cultura solidária, os 4 elementos tem que estar juntos, agora, se você procura valorizar só a pessoa, a liderança do grupo, vamos supor, se você dança break aí todo mundo fala o “grupo do fulano” ele é um individualista, ele está fazendo o trabalho dele e está pouco se lixando para o que acontece com a sociedade, com os outros, pra mim isto não tem valor, não significa muito. Eu acho q a cultura é solidária e quem participa da cultura tem que procura ter um pouquinho de solidariedade no sentido de levar os outros para uma condição de vida melhor, pode até ser no sentido da ideologia, de você esclarecer a pessoa sobre o que é a sociedade, o que é o mundo, qual é a realidade e qual o papel a pessoa tem dentro da sociedade. Então o grupo dança, dança, dança, ganha um montão de concurso, mas não passa mensagem nenhuma, porque também não tem pra passar, não tem consciência política. Então é neste ponto que eu diverjo com o pessoal que eu não junto às pessoas, cada um no seu canto. Hip Hop é um cultura solidária, nós estamos juntos, mas não estamos misturados. Misturado está quem procura conscientizar, levar informação e procura reconhecer a sociedade em que está, analisar a sociedade e procurar trabalhar um pouco para melhorar, senão vira bagunça, você vai virar cantor modinha que quer só aparecer na televisão, ganhar o seu dinheiro e o resto que se dane pra lá.

7- Com avalia o Hip Hop na cidade?

Quando a Nega Gisa teve aqui na cidade ela falou uma coisa que eu pensei bastante. Ela falou assim que hoje em dia a cultura Hip Hop está cada um para o seu lado. É isto mesmo. Aqui em JF está cada um para o seu lado, ninguém está preocupando com os outros, com o bairro, com os irmãos da periferia, cada um para o seu lado, cada um quer fazer o seu, o seu CD, o seu grupo e o resto não tem muita importância, você só é chamado se você vai prestigiar o cara. Eles não preocupam muito em fazer um evento de solidariedade, de organização e conscientização das pessoas. Tanto é que você vê um monte de ideia torta a respeito da cultura hip hop porque o pessoal não estuda.

8- Como é a participação nos eventos?

Concurso dos elementos feito pela Xuxú e abril e o Café com Hip Hop reúne várias pessoas.

8.1- Tem outros eventos?

Que eu saiba não. O Erê disse que ia fazer um. Eu acho que até está muito parada a cena da cultura Hip Hop aqui na cidade. Para você ver como as coisas são tão individualistas nesta festa para entregar os prêmios do concurso promovido pela Xuxú. Teve um DJ que passou o equipamento para o outro DJ desligado para criar dificuldade para o outro. Eu acho que foi falta de profissionalismo e mostra que a pessoa não é da cultura Hip Hop, porque a cultura não pode viver desses estrelismos, o cara não conseguiu o objetivo dele, então na hora de passar ele passou tudo desligado ainda falou depois, “eu passei mesmo ele não é DJ?”. Mostra o mau-caratismo que existe dentro da cultura e isso precisa acabar e isso só existe porque existe falta de informação.

9- Como você acha que as pessoas vêem o rap, o Hip Hop?

Muitas gostam, têm outras que não entendem, confundem com funk, por isso que eu acho também que precisava dar uma organizada para mostrar a diferença entre um e outro e que as pessoas tivessem uma visão positiva da cultura.

10 - Qual a importância do Hip Hop para os jovens?

Até já falou no começo. Pela educação, por exemplo, eu conheço grupos de Brasília que o pessoal vai para a biblioteca estudar para escrever letra de música. Eu posso falar por mim também que há 10 anos, ou 11, quando eu ouvi rap pela primeira vez, eu aprendi um monte de coisa. Foram até a dos Racionais falando da raça negra, da cultura negra, dos heróis da raça negra, coisa que eu nunca tinha ouvido apesar de ter feito uma faculdade. Lá na faculdade eles

não ensinavam, estão ensinando agora com a lei do Lula, mas não ensinavam a história da África, não ensinava a história do povo negro, então você saía de lá sem saber que o negro teve uma história no Brasil. A não ser aquela que o negro foi trazido da África como escravo e contribuiu na comida, na música, na roupa, só. Mas a gente não sabia quem era Zumbi dos Palmares, Dandara. Não sabia quem eram os outros heróis, Luis Gama, Luísa Mahin, o próprio João Cândido da Revolta da Chibata, isso nunca foi falado dentro de uma aula de história da Universidade Federal na época. Então quando eu ouvi rap que eu me despertei para continuar a pesquisar sobre a história da cultura negra. Porque eles já pesquisavam, o Racionais já pesquisava, eles já tinham consciência desta história do negro, da situação do racismo no Brasil e através das músicas deles eles tentavam passar informação para os outros e conscientizar e assim também como vários grupos como Consciência Humana que conta a história dos navios negreiros, da chegada dos negros no Brasil, quando ficavam nos entrepostos até serem destinados às fazendas tem também o grupo Ataliba e a firma que conta a história dos heróis negros que vai citando um monte de nome de heróis da nossa história e também do mundo. Fala do Steve Biko, Malcom X, Luther King, Marcus Garvey e muitos outros que a gente não conhece, porque, na verdade, a história que a gente conhece é da raça branca, não da rala negra e através da cultura Hip Hop a gente vai tomando consciência. E é uma preocupação deles porque a cultura Hip Hop nasceu nos guetos negros.

11- Você considera que o Rap educa?

Eu acho que sim.

D- Entrevista Michel realizada dia 13/05/2010, por Ana Paula Nascimento

1- Como surgiu o Harmadilha do Guetto?

Surgiu em setembro de 2007, formação eu, Zói e J.C, ai a gente decidiu formar um grupo pra nós e tamo ai na estrada.

2- O que levou vocês a formarem o grupo?

O Zói que teve a ideia de formar o grupo, porque em Juiz de Fora tem uns grupos de Rap ai que a gente não tá aceitando algumas atitudes deles, ai o Zói veio, sentou, trocamos umas ideias, as nossas idéias bateram umas com as outras, ai vamos montar um grupo e vamos fazer a nossa ideologia, a nossa cara mesmo e não ficar imitando igual o pessoal daqui. O pessoal daqui só quer saber de roupa bonitinha, subir em cima do palco e falar um monte de baboseira. Ai o Zói que deu a ideia de fazer o grupo e nós topamos e estamos ai.

3- Você fazia parte dos antigos grupos? De qual?

Não quis responder.

4- Como foi o primeiro contato com o Hip Hop?

O primeiro contato foi quando eu vim de São Paulo pra cá, tinha uma festa numa quebrada ali do São Benedito, ai eu vi um pessoal mandando um Rap lá, da PZP, ai eu entrei em contato com eles, consegui falar com a Adenilde, antigamente rolava a rádio Mega FM, ai eu fui culiando com eles e estamos ai até hoje. Ai eu comecei a vim aqui na rádio, ai peguei amizade com o pessoal da posse, foi ai que eu fui enturmando com eles.

5- Por que a escolha do nome Harmadilha do Guetto?

Esta parte é a Adê que fala.

Adenilde responde: Harmadilha porque eles falam muito de sistema, que o sistema arma muitas armadilhas para você consumir, pra você ficar desinformado, alienado. Então o Harmadilha do Guetto vem desmontando as armadilhas que o sistema faz, por exemplo, armadilha para alienar o povo, através dos raps eles vão desmontando as armadilhas da alienação, da falta de consciência, da falta de solidariedade e de todas as tramas que o sistema faz, e “do Guetto” porque vem da periferia, nós somos o gueto, na favela, na periferia mora a maioria do povo negro, então é o gueto.

6- Como vocês se organizam?

Agora não, mas a gente sempre combinava na casa do Zói todo sábado e sexta-feira pra gente desembolar as bases, ai ia eu Zói, o Júlio César para desembolar as bases, ai depois desembolava as letras. O Zói sempre começava as letras pra eu e o J.C finalizar.

6.1- Então o processo de produção das letras é em conjunto?

É em conjunto, tanto das bases quanto das letras. Ai a gente desembola, quando rola apresentação é bom a gente ficar sabendo uma semana, um mês antes, ai quando falta uma semana para o evento a gente ensaia umas três, quatro vezes lá em casa mesmo, vem aqui no Nonô, prepara a introdução, como vai fazer a introdução junto com a base, ai a gente vai escolher o som dependendo do ambiente que a gente for, a gente escolhe o tipo de som que vai mandar

7- Qual é a sua função no grupo?

É rapper

7.1- Não tem esta questão que tem um que lidera?

Não. Aqui a gente não tem liderança não, o que um falar e os outros concordarem, ou se não concordar também não tem importância. Aqui não tem liderança, todo mundo concorda com a opinião dos outros, porque senão nós não estaríamos juntos até agora, não é a toa que já desconcordamos de um.

8- Quais são suas influências musicais?

É lógico que é o rap né. O Rap nacional, internacional, umas baladas black.

8.1- Os rappers dos Estados Unidos também?

Mas quando eu falo de rap dos Estados Unidos não é “50 Cent” e “Snoop Dog” não. São os rappers gangstão mesmo que ninguém conhece, como Wu-Tang Clan, Mos Def, os caras que são gangster mesmo, os caras que mandam as ideias positivas, não é só baladinha não. Tem vários tipos de música que rola na periferia mesmo, que é o som do gueto, tirando o funk, o funk também é do gueto, mas eu não viajo não.

8.2- E Hip Hop nacional, grupos também que não tem visibilidade?

Eu sempre curto grupo que não tem visibilidade, curto Racionais, RZO, Sabotage, Dina Di, grupo que não tem muito nome é que eu gosto de ouvir bastante, igual o Sistema Negro que teve, mas deu uma caída. E o Fação Central em primeiro lugar, é ai que eu me inspiro em fazer uma letra de rap, jovem é revoltado.

9- O que vocês procuram retratar?

O nosso dia-a-dia, não aqui o nosso aqui não, o dia-a-dia que a gente vê como é que tá na quebrada, no centrão, a sociedade. A gente sempre vem aqui na Adê e pede umas informações, a Adê passa umas informações pra nós, peço uns livros, uns livros de poesia, uns livros da história do Che Guevara, a gente tira umas idéias baseando nisso. É como eu te falei assim que a gente cismar a gente pega e faz, agente vem aqui na Adê pega umas informações com ela, a gente pega e faz.

10- Em que vocês se baseiam?

Pra falar a verdade nós metemos o pau no sistema mesmo, política, essa política tá embassada, principalmente polícia também. O dia que a minha neurose me atacar eu pego um papel e uma caneta e escrevo, ai quando vou ver é uma letra, ai eu mostro pro Zói, o Zói fala que tá certo, ai o Zói vem e coloca a parte dele, não tem assim “o que eu vou escrever hoje?” não tem esse negócio não. A hora que cismar de fazer faz mesmo.

11- E as bases?

A gente que faz mesmo. O Júlio César que fica mais nas bases e eu e o Zói ficamos mais, vamos dizer, na contenção. Ai ele vai mexendo lá no computador bota uma caixa, um sample, ai monta uns quatro tempos, ai a gente fala “ah não vamos voltar isso, vamos tirar isso”. Então a gente trabalha em conjunto, não é nem um, nem outro, é em conjunto. Às vezes a gente ta enrolado ai o Nonô vem dá umas idéias, faz umas paradas pra nós. Nós quatro praticamente trabalhamos tudo em conjunto.

12- São quatro integrantes então?

Eu, Zói, J.C e Nonô.

13- O que os motiva a continuar o grupo?

Porque eu gosto, igual eu sempre falei para as pessoas e sempre falo, tem gente que leva o Hip Hop a sério demais, leva tão a sério que eles acham que canta hoje, amanhã lança CD e

amanha ta igual Racionais. Quanto tempo o Racionais demorou pra chegar a esse nome que ele tá? Anos. Não tô falando que o Harmadilha daqui 3 anos vai estourar, quando a gente lançar o CD vai “boom”, não. A gente não sabe, tem grupo que 2 anos estoura, mas tem um grupo forte que ainda não foi.

Zói responde: Se não estourar também ta pela hora, o importante é a mensagem.

Michel completa: Se não estourar também ta tranquilo, a mensagem que a gente passa nas letras que a gente dá ideia positiva pra rapaziada, para as minas, para a molecada, principalmente, mas tem que fazer por amor mesmo porque senão, se eu não gostasse do bagulho mesmo, é como diz o ditado: “um por amor e dois por dinheiro”, porque vida loca também sofre.

14- Como é a ligação com outros grupos da cidade?

Da minha parte eu converso com o pessoal de vários grupos, não vou citar os nomes, eu converso com a rapaziada, mas é aquele negócio “quem tem olho atrás é bom ficar com o olho bem aberto”. É porque a ideologia deles não batem com as minhas, então eu não aceito, então pra eu não preferir chegar no cara e querer corrigir o cara, porque eu também posso tá errado, então eu tento aprender com ele e ele tenta aprender comigo, só que eu prefiro aprender sozinho, porque o que eu vi lá em São Paulo como é o Rap nacional, eu não vou comparar com o Rap em Juiz de Fora, só que eu vejo que os caras que são do rap aqui eles não estão interessado em passar a ideia positiva, eles não estão preocupado com a sociedade, eles querem estar no meio da sociedade, junto com eles, é como dizia até o Flavinho “um preto por dentro, mas por fora é branco”. Porque a ideia dos caras é fazer um rap de rebolar aqui, rebolar ali, chega num evento você tem que ser obrigado a cumprimentar eles, não é assim: “oh beleza”, você que tem que cumprimentar eles. E uma coisa que chama atenção é roupa. Roupa não quer dizer nada o que vai valer é a ideologia do cara. O cara sobe no palco com camisa 55, camisa não sei o quê e calça não sei o quê, mas isso não quer dizer nada. Se você chegar lá com uma roupa simples e mandar uma ideia positiva, aí que você quebra o cara. Agora se chegar o cara todo no estilo “ta, ta, tal”. Então assim eu converso com os caras, mas é assim eles lá e eu no meu canto. As minhas idéias não batem com as deles, nem todas, mas minhas idéias não batem com as deles.

15- Com avalia o Hip Hop na cidade?

Pode falar a verdade? Tá uma merda. Chega nas reuniões “vamos unir, vamos unir para o Hip Hop crescer” e ninguém une, vira as costas e começa (faz um gesto significando que falam

mal pelas costas). O Brown mesmo já diz e eu concordo “Hip Hop não tem união não, todo mundo fala ‘é nós, é nós, tamo junto, qualquer coisa liga nós’ mentira, na hora que vagabundo pega o dinheiro se joga”. Mas isso é verdade mesmo. Então assim teve uma época que tava estourado, tava bom, tinha nome, todo mundo que viesse da Zona da Mata falava o forte da Zona da Mata é Juiz de Fora, perde pra BH, mas o forte da Zona da Mata era Juiz de Fora. Mas chegou um tempo que cada um foi para o seu canto, uns não levaram a sério, uns acharam que ia ganhar dinheiro, ia estourar e tudo. Então eu não vou falar, que ai já é pegar pesado, que é uma bosta não, mas as ideologias de algumas pessoas que fez o Hip Hop não sei se acabou ou se vai acabar, mas ta só afundando, em vez de subir, evoluir, ta só caindo.

16- E também não tem evento?

Não tem evento e também a prefeitura não apóia não. A prefeitura apoiar, apóia, mas a partir do momento que um acaba queimando o Hip Hop, um faz uma parada errada num evento, o Hip Hop geral fica queimado. Então não adianta, não tem evento, não tem nada, você pode ver que tá tudo parado. Não tem mais aqueles Café com Hip Hop. O que tava rolando agora era Conexão eletrônica. Pra você ver os caras do Hip Hop estão fazendo Conexão eletrônica. Ai você pega o outro lado do pessoal da cidade do Hip Hop tá indo pra Chumed, festa de playboy, ai você pega outro pessoal da outra quebrada ta curtindo banda vestindo de rosinha, então os caras não levam a sério, os caras levam só para se divertir mesmo.

17- Como você acha que as pessoas vêem o rap, o Hip Hop?

Meu ponto de vista é igual eu falei o pessoal do Hip Hop aqui não leva o negócio a sério. Igual o evento que vai ter a preocupação é se vai dar público, quer trazer um grupo forte, pode trazer qualquer grupo se não for o Racionais ou o MV Bill não vai dá público, mas os errados são todos nós do Hip Hop. Porque o pessoal não chega no jovem e explica a cultura Hip Hop, hoje em dia o pessoal fala “você canta Hip Hop” ai você fala não eu vou te explicar o Hip Hop. Então o pessoal aqui não passa isso, não passaram essas idéias para a molecada. Explicar para falar o que é o rap, o break, pessoal conhece o break como uma dança, mas para eles o break é dança de rua, não conhece o rap, a história do grafite. Então o membro do Hip Hop mesmo que não passou essa ideia pra molecada.

Mas nessa questão de conhecimento lá de Santa Efigênia (se referindo ao comentário do Zói sobre a Casa de Cultura Evailton Vilela do Grupo Galera de Cristo), não é nem o rap, lá o que mais eles conhecem é a parte do bboy e a dança de rua, morreu ai.

Porque o rap ninguém sabe, ninguém se preocupa. O negócio deles é só gringo, eles jogam muito os gringos na cabeça da molecada, então o pessoal fica com pirraça com o Hip Hop por causa dos gringos (50 Cent e Snoop Dog), o pessoal conhece daqui MVBill e Racionais, só. Tem muita gente aí que a gente nem imagina que gosta de rap e escuta rap. Mas e a rádio Mega FM? Acabou. Todo mundo curtia a rádio Mega FM. O cara quando a gente ia falar com ele sobre rap o cara conhecia só que a gente nem imaginava e ele já conhecia, imaginava Racionais e MVBill. Aí igual o Zói falou através mesmo da Adê. Um exemplo foi no German quando o MVBill veio a primeira vez aqui, tava escrito que era abadá. Aí quando chegamos na portaria, ele passou no centro e ninguém conhecia o cara, aí ele parou olhou bem, tipo assim, não to entendendo. O nome era Hip Hop Folia, olha o nome que deram para o evento. Aí nós fomos no show, eu Adê e o Zói conversamos com ele. Mas até hoje eu não esqueço, todo mundo entrando, todo mundo ficou assim (espantado) “o que essa senhora está fazendo aqui?” [Adenilde] Era só ela, uma casa de playboy e só jovem que ia pra lá. Se tiver 50 Adês aí eu toparia de fechar o Hip Hop em qualquer lugar aqui em Juiz de Fora. Se não é a Adê para dar puxão de orelha, principalmente em mim.

18- Qual a importância do Hip Hop para os jovens?

Muita importância porque a personalidade da periferia é o rap. O rap por quê? Porque se você for comparar as músicas que rolam na periferia, no gueto, pagode, o verdadeiro samba que praticamente acabou, o samba de raiz acabou, agora veio o funk, o axé e o sertanejo que isso pra mim não é música. Se você pegar o pagode, o axé e o funk. O que eles falam na mensagem para a molecada que vai escutar e vai falar “pô”. Não é isso, o moleque quer ouvir aquilo que tá retratando, por exemplo, você que mora ali na esquina da frente, “pô a história da mina”, ele pode tá no sofrimento também, mas tem uma pessoa que pode tá num sofrimento pior que o dele, o dobro.

Zói responde: Por isso que a gente acha importante as rádios comunitárias, porque as rádios oficiais não tocam o que a molecada mesmo gosta, curte.

Michel completa: Porque o som do gueto é isso mesmo é o rap e o moleque escuta aquilo e ele se sente bem de ouvir aquilo ali. Tem certos raps que não se sente bem. Porque o pagode é aquela história de amor, aí o que acontece o pai e a mãe sempre fala “não anda com as pessoas erradas, companhias erradas, não se envolva com isso e aquilo” ele acha que o pai e a mãe tá pegando no pé, só que quando ele escuta um rap ele sabe que é verdade que tá acontecendo, que o rap passa essa informação.

Zói: Às vezes a música previne o que vai acontecer, evita ele seguir aquele caminho errado, porque ele sabe que acontece aquilo.

Michel: Porque o rap não é balada, não é festa. A música é pra você parar, analisar e pensar. Igual o Zói falou prevenir, é como se fosse dar um aviso, o pai e a mãe já deu e escutando aquilo ali eu te garanto que ele vai escutar e não vai entrar em um ouvido e sair no outro não.

Zói: O que acontece, outros tipos de música como o funk, ensina as meninas de 12, 13 “rebola até o chão, faz isso, faz aquilo”, então incentiva, por isso que as meninas de 14, 15 anos estão tudo grávidas.

19- Você considera que o rap educa?

Michel: Educa.

Zói: A arte educadora

Michel: Não é? O rap é a verdadeira escola da vida. Porque a escola que o moleque vai mesmo, com esta educação que está tendo em nosso país. Ele senta numa cadeira o professor de “blá, blá, blá”, ele olha pra rua e fala “é a rua”, ele prefere tirar 10 na rua do que tirar 10 dentro da escola.

Zói: Professora só fala de Princesa Isabel.

Michel: Ninguém quer saber de Princesa Isabel. Se você pegar uma professora de um colégio público ai e falar sobre a cultura negra ela vai passar: “Zumbi morreu tal, em tantos e a luta dele foi isso e isso” acabou. Então o rap educa sim, ele é parte da escola da vida. Escola da vida é o que? A do moleque. Igual eu falei ele prefere ficar na sala ouvindo aquele “blá, blá, blá”? Ele só vai pra comer mesmo, pra merendar.

Zói: os professores entram dentro da sala, se preocupam com a moeda forte no final do mês.

Michel: Pra você ver professor hoje em dia tá até batendo, estuprando. Ai como é que o moleque vai ficar? O moleque não vai querer saber de estudar não. Ai ele só vai olhar para a rua, “a minha rua é aquela ali”.

E- Entrevista Zói realizada dia 13/05/2010, por Ana Paula Nascimento

1- Como foi o primeiro contato com o Hip Hop?

Escutei a Rádio Mega FM, programa do DJ Nonô e gostei, ai vim fazer uma visita aqui, coliei com a Adê e estamos ai na caminhada.

2- Qual é a sua função no grupo?

Rapper.

3- Quais são suas influências musicais?

Eu curto Bezerra da Silva, Jorge Benjor, Tim Maia e Zeca Pagodinho.

3.1- E dentro do Rap?

Conexão do Morro, Facção Central, Realidade Cruel, RZO.

3.2- E dos grupos internacionais?

Não curto não. Só os gangsters que o Michel falou.

4- Como é o processo de produção das letras dos Raps?

De vez em quando eu chego aqui dou uma ideia na Adê se eu posso fazer uma visita à biblioteca, dou uma olhada nos livros. Por exemplo, gostei desse assunto aqui, ai eu pego e levo, chega lá em casa eu dou uma olhada, depois começo a fazer as rimas. Não é montar, a gente vai falando e sempre no meio a gente coloca, vai mandando, vai cantando, para os moleques prestarem atenção também, porque se eu chegar e ficar falando só “Zumbi fez isso, aquilo” ele não vai gostar, então a gente escreve o que eles gostam e no meio vai mandando o que eu busco nos livros da Adê.

Tem muita coisa que eu não sabia, até hoje a Adê fala umas paradas comigo que eu não sabia e eu vou aprendendo.

Igual uma inspiração que chama “Deus não dorme” ai tem um refrão que é assim: “Deus não dorme, sabe que a favela chora, Deus ainda sente cheiro de pólvora” ai tem uma parte também que eu gostei, que eu achei interessante pôr, eu vim aqui na Adê troquei umas idéias com a Adê, ai cheguei em casa ai veio no meu pensamento ai tipo intima o pessoal que está escutando ou assistindo a gente apresentar. Aí é assim: “Você que não sabe eu sei não fique em estado de choque nas margens do Ipiranga ele nos deu um belo golpe, roubaram a nossa

terra, cultura e a fauna, tudo que há de valor, só não roubou a nossa alma, então se liga trutão enxergue o ponto de vista, ao lado a lado da moeda, cara e coroa repita”, então o cara fala “pô o lado a lado da moeda” ai pega amoeda pra olhar, então é tipo o que é, o que é.

5- O que vocês procuram retratar?

E falo da comunidade, para que nos outros bairros que a gente vai cantar eles conheçam também. Não é só falar das coisas que acontecem de ruim, mas das coisas boas que tem na comunidade, dos movimentos. Até fiz um som para o Agosto Negro, não sei que ano que foi. Ai eu fiz uma letra falando “quinta-feira a gente vai tá em tal lugar, quarta-feira em tal lugar, tudo rimando” ai eu vou montando.

6- O que os motiva a continuar o grupo?

Pra falar a verdade, o que me incentiva a ficar? O DJ Nonô, a Adê, Michel, meus parceiros que me incentivam. E também porque eu quero passar uma mensagem maneira para os manos. Pra mim não chegar e ficar falando de boca em boca, melhor a gente fazer o CD e espalhar o CD, ai eles escutam.

7- Com avalia o Hip Hop na cidade?

Eu acho que é isso mesmo vai ficar assim, vai ser sempre assim desse jeito que tá. Nem pra melhor, nem pra pior, de vez em quando tem, de vez em quando não tem.

8- Como você acha que as pessoas vêem o rap, o Hip Hop?

Aqui não tem como explicar não porque o pessoal não conhece, mas fora, São Paulo, Rio Grande do Sul o pessoal curte.

8.1- Mas em JF?

Aqui o pessoal gostava quando a rádio tava no ar, mas depois que a rádio saiu do ar. Tem pessoal que gosta, de música de break. Os jovens né, os adultos não curtem muito não, igual meu pai gosta, minha mãe já não gosta muito.

Eu e a Adê a gente tá pensando em começar a fazer uns eventos na escola. Pra quê? Eu acho ia ser maneiro, porque quantas Adês a gente num queria ter aqui no bairro? Porque na idade dela que curte rap. Você chega ali abre o guarda-roupa tem um monte de CD de rap, pessoal vem aqui fica bobo, ninguém acredita. Firmar o rap aqui. A Adê que incentivou a gente, porque há uns tempos atrás eu não tava querendo não. Ai a Adê deu a ideia, “vamos tentar”,

então vamos tentar, ai nós vamos começar a fazer para o pessoal conhecer. Porque muita gente não conhece, “ah mas aqui é fraco” é fraco porque muitos não conhecem, lá no Santa Efigênia é outra coisa, tem Casa de Cultura, tem isso, aquilo, a SPM lá deixa o pessoal fazer evento. Aqui não, você vai na SPM ali que se dane. Agora a escola esse ano, a gente trocou ideia com a diretora, ai a diretora falou com a Adê que quando a gente precisar, ai esse ano que vai dá pra dá uma animada. Por isso que aqui o pessoal não tem muito conhecimento, mas lá em Santa Efigênia já tem porque lá eles têm a Casa de Cultura, tem isso, aquilo, ai é mais fácil.

9- Qual a importância do Hip Hop para os jovens?

É pra tirar eles da rua, pra se informar.

10- Você considera que o rap educa?

Educa.